



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA UNB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ZORA YONARA TORRES COSTA

**SAFO, FOUCAULT E BUTLER: A CONSTITUIÇÃO DO CORPO POLÍTICO
LESBIANO**

BRASÍLIA
2011

ZORA YONARA TORRES COSTA

**SAFO, FOUCAULT E BUTLER: A CONSTITUIÇÃO DO CORPO POLÍTICO
LESBIANO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, como exigência final para obtenção do título de Mestre em Filosofia, área de concentração Ética e Filosofia Política.

Orientador: Miroslav Milovic

BRASÍLIA
2011

Costa, Zora Yonara Torres, 2011-

Safo, Foucault e Butler: a constituição do corpo político lesbiano
/Zora Yonara Torres Costa Brasília, 2011.

Fl. 148

Inclui anexo.

Orientador: Miroslav Milovic.

Dissertação (Mestrado) Universidade de Brasília, Instituto de
Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-
Graduação em Filosofia.

Inclui bibliografia

1.Filosofia. 2.Sexualidade. 3.Gênero.4. Lésbica

ZORA YONARA TORRES COSTA

SAFO, FOUCAULT E BUTLER: A CONSTITUIÇÃO DO CORPO POLÍTICO
LESBIANO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, como exigência final para obtenção do título de Mestre em Filosofia, área de concentração Ética e Filosofia Política.

Brasília, _____, de dezembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Doutor e Orientador Miroslav Milovic
(UNB)

.....
Prof. Doutor Gerson Brea
(UNB)

.....
Prof. Doutor Paulo Nascimento
(UNB)

.....
Prof. Doutor Pedro Erginaldo Gontijo
Suplente
(UNB)

Dedicar a quem mais, se não a quem vem sobrevivendo às constantes discriminações, lesbofobias e homofobias, dando sua vida como exemplo de luta? Sublinho meu reconhecimento a todas as lésbicas que fazem de seus percursos grandes exemplos de superação, conseguindo sobreviver a uma sociedade excludente. Àquelas que nunca desistiram e me ensinaram, mesmo quando isso representava uma árdua e desconcertante tarefa. Este trabalho é dedicado a grandes mulheres, justamente as lésbicas que fizeram de suas vidas uma grande história.

AGRADECIMENTOS

Pela importância das diversas pessoas que tanto contribuíram para que este trabalho fosse materializado e aqui disponibilizado, arrisco afirmar que seria possível compor uma dissertação somente agradecimentos, descrevendo o quanto é preciso caminhar de modo colegiado e coletivo para se alcançar, de fato, um mundo mais justo e melhor. Agradeço:

à minha mãe por me ensinar que as mulheres devem sempre primar por sua independência, desde criança me mostrando o quanto a submissão merece ser combatida nas relações; a meu pai (*in memoriam*) por me fazer ver que, na vida, é preciso sempre somar com o outro, compartilhando com todos os bens materiais e imateriais; a meu querido irmão Antonio e a sua sabedoria de que devemos guardar no coração as boas lembranças; À minha amiga Leila Lopes, por sua constante presença e suas deliciosas comidinhas. Por todo apoio e infraestrutura oferecida por Nadia e Erivelton, funcionários do Departamento de Filosofia UNB. Às mulheres do grupo de pesquisa *Erosófia*, que tanto contribuíram com ideias para a dissertação; bem como a toda minha maravilhosa turma de mestrado que me mostrou o quanto a amizade e a colaboração contam significativamente para a construção do conhecimento e amadurecimento acadêmicos; ao grupo Coturno de Vênus grupo de lésbicas de Brasília, pela luta incansável e suas frequentadoras; À minha querida amiga e ex-companheira Andrea Domanico pelos inúmeros diálogos e incentivos para adentrar os muros invisíveis da universidade; À professora Clara Acker, por seu grande exemplo, orientação e amizade, bem como pelos belíssimos diálogos e discussões realizadas no *Erosófia*; à professora Ana Miriam Wuensch e seus ensinamentos acerca de Safo; ao professor Gerson Brea e à professora Marlene Teixeira Rodrigues, pelos constantes apoio e incentivo ao trabalho; e ao professor Paulo Nascimento e suas considerações que me instigaram a pensar neste trabalho. Ao Nínico, pelos incríveis momentos de alegria e brincadeiras diárias.

à minha amada companheira Daniela Novais, que faz da minha vida uma constante descoberta de amor e paz, e pelas pródigas trocas realizadas, intermináveis conversas e interlocuções, o que indubitavelmente aprimorou o trabalho escrito. Por fim, agradeço ao meu estimado e querido orientador Miroslav (Miro), que me ensinou que um sonho pode tornar-se possível, e se sonhado e vivenciado junto converte-se em realidade.

M
Fontes, p.69)

Às novas formas de jogo político e às dificuldades do próprio sujeito se pensar como sujeito de atividade entre origem e funções, poderes e obrigações, encargos e direitos (...). (FOUCAULT, 1984, p.92)

indivíduos na cultura contemporaneidade; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham , p.184)

Resumo:

Esta dissertação tem por finalidade estabelecer um diálogo sobre a formação do corpo político das lésbicas, dinamizado e processado historicamente. E, nessa mistura das cores, como apontou Safo, nesse caleidoscópio em forma de arco-íris é gerada uma construção histórica, na qual se constitui uma narrativa. Nesse processo, surgem novas formas, como assim indica Foucault, em um jogo político e o pensar como sujeito. Vale afirmar também que da era clássica à contemporânea verifica-se a grande contribuição que, significativamente, fornece subsídios para o reconhecimento da diversidade das identidades, incluindo a sexualidade. Deduz-se que, decerto, o conceito de identidade problematizado conduz a uma compreensão da formação do corpo político das lésbicas e os elementos envolvidos. O marco teórico abordado nesta dissertação está centrado nas poesias de Safo, bem como em pensadores e filósofos. Por fim, a fluidez no agir desse corpo político possibilita certa originalidade a este. Assim, a sexualidade é colocada sob novos modos criativos, isso em certo sentido quer dizer que não se descobre o lesbianismo, pois este existe pela vontade e é inseparável do que se é.

Palavras-chave: identidade; sexualidade; política; lésbica; corpo.

Summary:

This paper aims to establish a dialogue on the formation of the body politic of lesbians, streamlined and historical processes. And this mix of colors, as noted by Sappho, this kaleidoscope in the shape of the rainbow is created a historic building, which is a narrative. And so, in the process new forms, as Foucault put a political game and thinking as a subject. It also states that of the classical era to the contemporary era there is the great contribution that provides significant subsidies for the recognition of the diversity of identities, and that includes sexuality. Surely questioned the concept of identity leads to an understanding of the formation of the body politic of lesbians and the elements involved. The theoretical framework discussed in this dissertation is the centrality of poetry in Safo, thinkers (s) and philosophers. Finally, the fluidity of the body politic act allows certain originality to it. Thus, sexuality is placed under new creative ways, in a sense this means that lesbianism is not discovered, because it exists by the will and is inseparable from what one is.

Keywords: identity; sexuality; politics; lesbian; body.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Safo e Alceu competindo cerâmica	22
Figura 2 - Fragmento da poesia de Safo	24
Figura 3 - Cartas de Ovídio XV	25
Quadro 1 Princípios de Yogyakarta	111

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CAPITULO I O CORPO SÁFICO: ARGUMENTOS POÉTICOS-POLÍTICOS.....	17
2.1. Psappha - Caricatura, transgressão e ambiguidade	17
2.2. O corpo sáfico no espaço privado e público.....	36
2.3 A amizade como virtude do corpo político das lésbicas.....	43
3. CAPITULO II - FOUCAULT E O CORPO POLÍTICO DAS LÉSBICAS.....	51
3.1.Do corpo foucautiano.....	51
3.2. Foucault - o corpo-poder.....	56
3.3. A biopolítica e o corpo lesbiano.....	59
3.4. Corpos safistas - da repressão.....	63
4. CAPITULO III - MEDO, INVISIBILIDADE E SILÊNCIO.....	71
4.1. Da sexualidade - tabu e liberdade.....	71
4.2. Do medo, da invisibilidade e do silêncio.....	80
4.2.1. Sobre o medo.....	80
4.2.2. Da invisibilidade.....	82
4.2.3. Do silêncio.....	84
5. CAPITULO IV - RESISTÊNCIA E VISIBILIDADE DO CORPO POLÍTICO DAS LÉSBICAS.....	90
5.1. Resistência, identidade e visibilidade do corpo político das lésbicas.....	90
5.2. O corpo resistência e a visibilidade em Butler.....	96
6. CAPITULO V - CORPO EM MOVIMENTO - IDENTIDADE LÉSBICA.....	103
6.1. Da identidade lesbiana e princípios da <i>Yogyakarta</i>	103
7. CONSIDERAÇÕES.....	113
8. REFERÊNCIAS.....	116
9. ANEXOS.....	126

INTRODUÇÃO

Achou-lhe as formas perfeitas. Seu corpo maiúsculo, cheio de curvas sinuosas; o desenho das costas; as ancas; a vulva... era uma mulher dessas de olhar fixamente, deixando-a entrar-lhe
 Dànski Daniela Novais: lésbica, poeta e jornalista, 2010)

Silenciosas as lésbicas? Ou silenciadas? Como se constituiu o corpo político das lésbicas? São inúmeras as questões a serem consideradas neste estudo.

Importa, desse modo, considerar que as lésbicas, as quais também integram a composição histórica, filosófica e política, ultrapassaram os signos da invisibilidade e da desqualificação do corpo político na contemporaneidade, mesmo com a despolitização da era moderna, como aponta o filósofo Miroslav Milovic, em entrevista:

Onde a Modernidade afirma a nossa realização política a gente encontra fortes sinais da despolitização. Nós não somos sujeitos políticos modernos, mas expectadores marginalizados da política. A biopolítica questiona as conseqüências dessa despolitização. Com autores como Nietzsche, Foucault, Agamben e Derrida a gente tenta entender e confrontar a política moderna. (MILOVIC, 2011)¹.

Diante desse contexto, na atualidade aparecem nitidamente os signos da despolitização que propiciaram certa compreensão dos fatos políticos, mas que foi estabelecida na medida em que criou uma plateia que se situa de modo distanciado da essência política de participação. Romper com tal despolitização requer conhecer o mundo e as questões inerentes a realidade para a formação política, especificamente aqui para a constituição do corpo político lesbiano.

Cabe, então, esclarecer que a finalidade deste estudo é estabelecer o debate sobre elementos que compunham o corpo político das lésbicas, bem como a sua origem e formação histórica.

Tanto os fatos ontológicos quanto os determinantes desta formação expostos no texto foram adequados a partir da linguagem que polariza a desqualificação deste

¹REVISTA ELETRONICA SÓ FILOSOFIA. Entrevista com Miroslav Milovic. Disponível em: <http://www.filosofia.com.br/vi_entr.php?id=21>. Acesso em: 11 set. 2011.

corpo que se inicia na era clássica e incidindo na deslegitimação e desapropriação desencadeadas por discursos de dominação, como, por exemplo, a denominação que este foi um corpo transgressor na Grécia antiga.

A derrocada sobre esse corpo prossegue na idade moderna, na qual se atesta uma pseudoliberalidade confessional objetivando justamente controlar e normalizar esse corpo. Desse modo, abordar as questões sobre o corpo político das lésbicas é como encaixar peças de um quebra-cabeça. E, assim, esse corpo submetido a constantes exames é um corpo incluído para ser excluído.

Portanto, a partir dessas fases temporais, a clássica e a moderna, foram possíveis algumas considerações filosóficas sobre o tema. Segundo Foucault,

Então se percebe que se tem mudado relativamente pouco. Talvez se tenha mudado de perspectiva, se tenha girado em torno do problema, que é sempre o mesmo, digamos, as relações entre o sujeito, a verdade e a constituição da experiência. Tenho tratado de analisar como áreas tais quais as da loucura, da sexualidade e da delinquência podem entrar em um certo jogo da verdade e como, por outro lado, o sujeito mesmo é afetado por meio dessa inserção da prática humana, do comportamento no jogo da verdade.(FOUCAULT, 1994:731)²

Nesse sentido, o jogo de verdade estabelecido perpassa o exercício filosófico de tentar compreender quais são as perspectivas incididas sobre esse corpo ao longo do tempo e, desse modo, qual a verdade que o afetou, especialmente a verdade no campo da biopolítica.

Enfocar a sinuosidade dos signos que compõem a biopolítica configura um desafio. A inquietação sobre a complexidade que envolve os aspectos da biopolítica voltada para lésbicas possibilitou uma reflexão acerca do significado sobre a constituição do corpo político das lésbicas.

Aspectos escolhidos apresentados aqui possuem dimensões inovadoras e plurais sobre a formação contemporânea do corpo político das lésbicas, abordando temas como a composição política que, imbricada a uma transparência e pluralidade, faz-se essencial para a estrutura basilar na constituição do corpo político.

Analisar a formação desse corpo na contemporaneidade, a partir de

² FOUCAULT, 1994:731.

categorias como desqualificação do corpo político das lésbicas, medo, invisibilidade e silêncio, constitui o propósito deste trabalho - pautado na preocupação em estabelecer um debate relevante sobre a temática e contribuir, ainda, para a construção de uma abordagem reflexiva para elucidar tais questões.

Este trabalho empreende uma análise crítica a partir do legado deixado por poetas, pensadores e filósofos, como Safo, Foucault e Butler. A abordagem utilizada aqui é a filosófica segundo a problemática que acompanha a formação e constituição do corpo político das lésbicas.

Assim, somando-se ao que já foi exposto, a produção discursiva e a constituição do objeto deste estudo originou-se na monografia da especialização em

o que possibilitou uma primeira compreensão sobre o conceito de visibilidade lésbica.

Dessa maneira, o presente estudo filosófico possibilita, por meio de formulações sistemáticas, a reflexão segundo um conjunto metodológico estabelecido pela interlocução com o objeto em questão. Tal sistemática impele-nos à pesquisa e à busca de novas formulações. Ultrapassar o lugar comum requer um exercício contínuo para o bom desenvolvimento e alcance do objetivo almejado. O ensino filosófico propicia inegáveis reflexões, ampliando o aprofundamento em distintas atividades do saber, suscitando, ainda, um bom enredamento na apreensão do assunto estudado. Conforme descreve Folscheid e Wunenburg,

É essencial dispor, em filosofia, como na aprendizagem das ciências teóricas ou aplicadas, de métodos que não se confundam com simples técnicas pragmáticas, aplicáveis a todos os problemas, mas que permitam pensar melhor, raciocinar melhor, refletir melhor por si mesmo sobre as questões colocadas pela própria vida. Aprender filosofia não é aprender a servir-se de um instrumento para aumentar nosso poder sobre as coisas ou sobre os homens, mas é adquirir progressivamente a arte de desenvolver as aptidões de nosso próprio espírito a julgar e raciocinar em geral. (FOLSCHEID E WUNENBURG, 1999:X)³

Os autores afirmam não ser possível fazer filosofia sem desenvolver pressupostos acerca da realidade e da vida. Nesse sentido, os problemas de cunho

³ FOLSCHEID, Dominique e WUNENBURG, Jean-Jacques. Metodologia Filosófica. São Paulo: Martins Fontes. 1999. p.X.

filosófico dispõem de um passado que permite a construção de uma análise crítica sobre o tema a ser desenvolvido.

Filosofar é adentrar as questões de modo que o pensamento se torne autônomo. Desse modo, alguns elementos abordados neste trabalho tentam desenvolver o entendimento segundo aspectos filosófico, visando definir o que constitui o corpo político das lésbicas.

Parafraseando Folscheid e Wunenburg, a necessidade de uma relação direta e constante com os textos pode parecer evidente, mas se faz, sem dúvida, essencial no processo de construção da dissertação. Aprofundar, então, as questões pretendidas torna-se essencial para a construção de uma boa linha teórica que sustente a hipótese.

O processo de composição do presente estudo, cuja fundamentação teórica recorreu ao registro ontológico do corpo sáfico, resguardou os indícios para a formulação sequencial e análise do trabalho. Importante destacar que analisar pressupõe decompor uma totalidade em partes, desvelando, progressivamente, o contexto presente. A análise empreendida, a partir da materialização do legado de Safo, as interpretações de Foucault frente à mecânica do poder na constituição do corpo político das lésbicas e as interpretações contemporâneas, as quais incidem sobre este corpo, constituem partes importantes deste estudo.

dade como a nossa
mas, afinal de contas, em qualquer sociedade múltiplas relações de poder

As relações plasmadas em meio ao poder remetem e formam representações frente ao corpo político das lésbicas, com denominações que vão do transgressor até o anormal, sendo estas estrategicamente anunciadas com o intuito de materializar a normalização que resulta em exclusão e estigmatização do corpo.

É certo que as questões aqui levantadas representam uma contribuição viabilizada pelo diálogo entre o pretérito e as práticas contemporâneas, no que se refere à formação política e social do corpo das lésbicas. Enquanto exercício primordial do pensamento, a escolha deste objeto permitiu o desenvolvimento e a verificação de como as relações entre as mulheres provocaram e ainda provocam a desqualificação deste corpo.

Levantada a questão, portanto, foi delimitado o objeto identificado por meio dos aspectos dialógicos entre passado e atualidade, sendo utilizados documentos

com noções centrais, os quais permitiram explorar a concepção sobre a constituição do corpo político das lésbicas e a transformação dada enquanto sujeito político. Segundo Foucault,

que diz a verdade, aquele que narra a história, aquele que recobra a memória e conjura os esquecimentos, pois bem, este está forçosamente de um lado ou do outro: ele está na batalha, ele tem adversários, ele trabalha para uma vitória particular. (FOUCAULT, 2005:60)⁴

A partir da colocação do filósofo e partindo da poesia sáfica e de outros autores e pesquisadores contemporâneos, procurou-se identificar tanto como este corpo político das lésbicas se formou, como apontar quais as imagens produzidas e as significações que o integram.

Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico, recorrendo-se a textos e artigos que tratassem da questão, bem como a estudos que desenvolvessem e abordassem o assunto sob a perspectiva filosófica. Pode-se dizer que o presente trabalho resultou em uma espécie de caleidoscópio comportando interpretações e pressupostos distintos em uma leitura contemporânea.

São cinco capítulos que compõem esta dissertação. O primeiro justifica o propósito de compreender o surgimento e a construção do corpo político das lésbicas na era clássica. Nessa seção, mostrou como Safo, poeta, lésbica e caricata, constrói no espaço público argumentos poético-políticos, ilustrando a participação das mulheres. O segundo capítulo aborda o corpo a partir das considerações e obra de Foucault, conceituando biopolítica como elemento basilar de análise.

Já o terceiro capítulo versa sobre a sexualidade, teorizando sobre o medo, a invisibilidade e o silêncio. O capítulo seguinte discute a questão da resistência e a identidade do corpo político das lésbicas a partir da leitura crítica de Butler. O último capítulo trata da questão da formação da identidade lésbica, bem como de *Yogyakarta*, princípios filosóficos acerca da sexualidade enquanto direito humano. Por fim, expomos as considerações finais demarcando nosso entendimento acerca da questão central, agregando contribuições e reflexões no constructo do corpo político das lésbicas.

⁴ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 2005. p.60

CAPÍTULO I

O CORPO SÁFICO: ARGUMENTOS POÉTICO-POLÍTICOS

1. Psappa⁵, caricatura, transgressão e ambigüidade:

(Safo, 79).

A obra de Safo de Lesbos ecoa entre os maiores legados líricos da Grécia. E, sem dúvida, sua poesia não deixa de configurar como um dos mais valiosos registros acerca das relações afetivas e sexuais entre mulheres e a realidade que as cercava.

Safo, poeta lírica, parece atrelada às questões de cunho peculiar, como as posições contrastantes referentes à sua vida, descritas nas cartas e Ovídio e no Suda. Dessa forma, categoricamente este trabalho anseia despertar o questionamento sobre a constituição do corpo político das lésbicas e a configuração deste a partir de uma análise crítica do discurso e o apelo que é constantemente remetido a este corpo político.

É imprescindível entender que o referencial teórico filosófico aqui assumido remete a reflexão, sendo composto por autores clássicos e também por estudos contemporâneos. Desse modo, cabe examinar como essa reflexão conduzirá ao entendimento sobre a constituição do corpo político das lésbicas, assim foi identificado ao longo da história que esse corpo foi nominado por uma diversidade de termos, de transgressor até monstro.

Assim, o despertar da (filo)sofia incide, em geral, na busca racional das atividades humanas - especialmente aqui por meio da poesia, essa herança histórica que sobreveio diretamente de Safo.

¹. Forma como Safo assinava no dialeto eólico. DEJEAN, Joan E. *Fictions of Sappho, 1546-1937*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

Sobre as formas dialetais, especificamente o eólico, esta é uma forma peculiar da linguagem presente na épica homérica e mais que isto, opostas ao dialeto eólico falado em Lesbos. LEITE, Leticia Batista Rodrigues. *Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e idéias da existência de uma voz feminina: reflexões sobre História, Lingüística e Literatura*. Dissertação (Mestrado Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000440584&fd=y>>. Acesso em: 9 abr. 2011.

As circunstâncias herdadas por este corpo reveladas pelas poesias sáficas, serviram como embasamento e ponto de partida para verificar tal formação. Nesse sentido, identificou-se que esse corpo se desenvolveu em meio a conceitos como amor, sexo, beleza e educação.

Vale destacar, ainda, que a (filo)sofia contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho possibilitando circular nas instâncias que vão da esfera clássica a contemporaneidade. No período clássico, no que se refere às mulheres, estas ocupavam o ambiente doméstico, sendo educadas para o matrimônio. Safo de Lesbos, porém, destoou desse imperativo cultural, destacando-se como uma importante referência histórica, especialmente pela visível participação no âmbito público, resistindo, assim, às determinações e criando uma nova representação social, através de sua palavra e poesia, e também da escola fundada só para as mulheres.

As poesias de Safo contribuíram para pensar sobre a definição valorativa dos papéis atribuídos a homens e mulheres, rompendo as fronteiras limitadoras, acerca dos espaços de competência feminina, e assim, a constituição societária imposta sob a égide de uma conduta e de valores atribuídos a pessoas dos sexos feminino e masculino. Safo ainda foi reconhecida por Platão⁶ que assinalou a importância me serem nove as musas. Que erro! Pois (PLATÃO IX 506).

Expressivamente a política e a poesia sempre estiveram presentes no cotidiano de diversas sociedades. Associadas, foram reconhecidas em diversos períodos da história por ilustrar os acontecimentos cotidianos a partir de elementos duradouros, os quais possibilitaram a manifestação da ideia de perenidade presentes em sua composição.

A imortalidade da poesia e da política tem permanência continuada, e esta existência descarta a morte no mundo manifestado⁷. Por essa razão, sua essência se apresenta assumindo formas e representações que marcaram épocas.

Desde Homero, a poesia aparece sob diversos gêneros - épica⁸, lírica⁹ e

² Antologia Palatina IX, 506 IN: FONTES, 1991, p. 115

³ Totalidade das coisas reveladas. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

⁴ A poesia épica fornece uma visão total do mundo, gira em torno de um assunto ilustre, sublime, também gira em torno de assuntos bélicos. Como exemplo, os poemas homéricos a *Iliada* e a *Odisséia*, os quais têm a sua origem nas lendas sobre a guerra de *Tróia*. MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cutrix. 2004.

dramática¹⁰ - remetendo a um entendimento acerca da constituição da natureza humana, tão presentes na *pólis*.

Precisamente a poesia de Safo de Lesbos e seus fragmentos resistiram ao tempo. Sem dúvida, uma obra reconhecida por seu caráter imortal, guardando poucos paralelos. Safo nasceu em Mitilene, em 630 a.C., tendo morrido em data desconhecida. De família aristocrática, seu pai se chamava Skamandronýmos e a mãe, Kleís.

A poeta foi contemporânea de Alceu¹¹ e Pítaco¹². Casou-se com Kérkilas, homem rico, com quem teve uma filha registrada com o nome da sua mãe Kléis¹³.

Safo, essa grande poeta e importante figura feminina da Grécia, foi uma das representantes da lírica, tornando-se referência tanto pela força de sua escrita quanto pelo seu grande conteúdo simbólico, abrilhantando até hoje estudos diversos em todo mundo.

imagem de Safo, como ativa participante da vida pública em Lesbos.

Cristiane Demarchi descreveu em seu artigo¹⁴ uma Safo,

designar a mulher sexualmente masculinizada. (Máximus de Tiro. *Orations*, 18.9 p. 2305 Hobein IN: CAMPBELL, 1990, p. 20-
 tised love after their
 A
 amante de mulheres, o homoerotismo, que não se encaixa nos papéis sexuais definidos pelo homem grego, beirando o

⁵. A poesia lírica revela-se mais explicitamente quando um acontecimento ou uma situação real se oferecem ao poeta. A lírica se constitui como poesia do eu, poesia da emoção. O caráter emocional da poesia lírica explica o consorcio com a música. A poesia lírica é cantada sempre acompanhada de flauta ou lira. MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cutrix, 2004.

⁶. Quer algo enorme, bárbaro e selvagem. Tem um duplo caráter: épico e lírico. DIDEROT, Denis. *Discurso sobre a poesia dramática*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

¹¹ Poeta lírico, que compôs poesias cantadas com acompanhamento musical. MALHADAS, Daisi; MOURA NEVES, Maria H. de. *Antologia de poetas gregos de Homero a Píndaro*. Araraquara: FFCLAr-UNESP, 1976.

¹² Considerado um dos sete sábios, Tornou-se governante de Mitilene e foi considerado tirano local, afastou-se do poder voluntariamente, amigo do poeta Alceu, que foi seu aliado, tornando-se um inimigo político. LAÉRCIO, Diógenes. *Vida dos Filósofos Eminentíssimos, Vida de Pítaco*. trad. para o inglês por Robert Drew Hicks. 1925

¹³ IRIARTE, Ana. *Safo (Siglos VII/VI a.C.)*. Madrid: Ediciones Del Ouro. 1997. p.17.

¹⁴ DEMARCHI, Cristiane. *SAFO, CONTEÚDO ADULTO: homoerotismo feminino/voyeurismo masculino*. Revista Outros Tempos. Volume 7, número 9, julho de 2010 - Dossiê Estudos de Gênero. p.139.

escândalo ou a caricatura. (DEMARCHI, 2010:138-139)¹⁵

Desse modo, Safo foi caricaturada como amante de mulheres, participante do espaço público. O erotismo presente em sua obra marcou sua vida. Segundo Fontes, Safo, ao final de sua vida, apaixonou-se por um rapaz que se chamava Pháon¹⁶ e, ao ser menosprezada por ele, teria cometido o suicídio, atirando-se nas águas do oceano, do alto das falésias de Lêucade¹⁷.

Safo mostrou-se muito próxima das questões atreladas a *Eros*(amor) e a *philia*(amizade), e isso se deve precisamente à sua poesia, bem como aos acontecimentos do período. Muitos elementos factuais revelados em sua obra, como a constante menção a *eros* e a sua preferência assumida pelo sexo feminino, desencadeou, em certo sentido, a visibilidade da relação afetivo-sexual entre as mulheres.

Em resumo, o amor às mulheres expresso em sua poesia constituiu uma das aparições do corpo político das lésbicas. A obra sáfica possibilitou abertamente visibilizar à relação afetivo-sexual entre as mulheres.

Ainda de acordo com Fontes, a poeta deixou um importante legado ao escrever nove livros de odes, epitalâmios, elegias e hinos. Infelizmente só restaram fragmentos, provavelmente três ou quatro poemas completos e cerca de seiscentos fragmentos, sendo muitos dirigidos às mulheres, o que acabou por lhe conferir a

Notadamente, em sua poesia, percebe-se uma constante admiração pelo

2003:107).

Sem dúvida alguma, Safo gerou uma obra que reverencia a beleza. Desse modo, tanto a poesia quanto a mulher que foi estiveram circunscritas ao belo, o que se atesta em Fedro (235 b-c)¹⁸, de Platão, onde foi descrita como bela. Para Mata,

¹⁵ DEMARCHI, Cristiane. SAFO, CONTEÚDO ADULTO: homoerotismo feminino/voyeurismo masculino. Revista Outros Tempos. Volume 7, número 9, julho de 2010 - Dossiê Estudos de Gênero. p.138-139.

¹⁶DEMARCHI, Cristiane. SAFO, CONTEÚDO ADULTO: homoerotismo feminino/voyeurismo masculino. Revista Outros Tempos. Volume 7, número 9, julho de 2010 - Dossiê Estudos de Gênero. p.136.

¹⁷ Alto da Pedra Branca. FONTES, Joaquim Brasil. *Imagens de Safo*. São Paulo: Cadernos Pagu (2)1994,p. 113-139.

¹⁸ PLATÃO. *Fedro*. trad. Carlos Alberto Nunes, Belém, Universidade Federal do Pará, 1975.

alguns escritores a identificam como bela, mas também não dotada de beleza,

¹⁹ (MATA, 2009-4).

A beleza de Safo, segundo Ana Iriarte, envolve aspectos pouco agraciados. Iriarte descreve uma Safo de pele morena, de baixa estatura²⁰. Já Charles Baudelaire²¹ descreve uma

"Safo viril, amante e poeta, mais bela do que Vênus, na palidez melancólica..."²²: é desse modo que Safo de Lesbos surge; e desse modo - mas coberta de epítetos e de jóias - ela reaparece nos poetas e prosadores do fim do século passado:

1994-115)²³

Uma imagem que se mostra ambígua, já que ao mesmo tempo apresenta Safo como bela, mas também pouco agraciada fisicamente. Para melhor ilustrar Safo, há uma figura pintada em cerâmica pelo artista de *Brigo*, 480 - 470 a.C, em ocasião a uma competição com Alceu, que a retrata conforme disposto abaixo:

Figura 1²⁴ Safo e Alceu competindo - cerâmica²⁵

¹⁹ MATA, Giselle Moreira da. *As práticas "homossexuais femininas" na antigüidade grega: uma análise da poesia de safo de lesbos (século vii a.c)*. Revista Alétheia: de estudos sobre Antigüidade e Medievo. Volume 1, Janeiro/Julho de 2009. p. 4.

²⁰ IRIARTE, Ana. *Safo(Siglos VII/VI a.C.)*. Madrid: Ediciones Del Ouro. 1997 p-18.

²¹ BAUDELAIRE, Charles. "Lesbos", IN *Les fleurs du mal*. 1857.

²³ FONTES, Joaquim Brasil. *Imagens de Safo*. São Paulo: Cadernos Pagu (2)1994.p. 115

²⁴ GOMES, José Roberto de Paiva. *As Imagens de Safo, nos artefatos cerâmicos gregos*. São Paulo: HÉLADE, 2003. p. 08-11. LOURENÇO, Frederico (org.). *Poesia grega: de Alcman a Teócrito*. Lisboa: Livros Cotovia e Frederico Lourenço, 2006.

²⁵ Brygos como um pintor ático do final do período arcaico, tendo sua vida mais ativa entre 480 e 470 a. C. O pintor é associado ao oleiro de Brygos que assinou sua peças em diversos vasos e taças do VI ao V a. C. ROBERTSON, M. *The art of vase in classical Athens*. 1995. 100



Pela pintura, vemos uma Safo tocadora de lira, reconhecida por sua sabedoria e beleza, revelando uma poeta que congrega e exhibe ainda elementos românticos. Essa elegante imagem de Safo adornou, além das cerâmicas, as moedas de Mitilene e Éreso²⁶, no período de 480 a 377 a. C. De acordo com o

de memória pelo fato de lembrar a tradição do passado em momentos de crise ou embates políticos vivenciado pela sociedade de Lesbos no IV a.

2008:53)²⁷.

Indubitavelmente, essa mulher esteve à frente de seu tempo, historicamente se inscrevendo como participante ativa da cidade, pois sua imagem foi cunha nas moedas da época, assumindo seu lugar de destaque na sociedade e foi muito respeitada. Considerada uma transgressora em sua época, já que enfrentou a limitação de sua condição de mulher, que impunha o lugar do lar e a discrição como virtudes das mulheres²⁸.

Segundo Rodrigues, na Grécia clássica,

(...) a função da mulher estar biologicamente condicionada e por isso ter, em primeiro lugar, a responsabilidade de

²⁶ OSBORNE, Robin. *La Grécia Clássica: 500-323 a. c.* Espanha: Oxford Press. 2000 p. 245

²⁷ GOMES, José Roberto de Paiva. *O Papel de Lesbos na Estratégia Militar de Alexandre, O Grande.* Rio de Janeiro:Revista NEArco Número II - Ano I 2008. p.53

²⁸ COSTA, Zora Y. T. *Visibilidade do corpo político das lésbicas na contemporaneidade.* (Monografia de Especialização em Filosofia). Brasília. 2008.

assegurar a continuidade da família e a transmissão do património através do casamento. Que, aliás, não passava, por isso mesmo, de uma instituição de carácter religioso e político. Talvez também por isso, a imagem da homossexualidade de Safo venha a ser anatematizada (ao contrário do amor efébio), chegando a criar-se a lenda de que massacrava os homens que apanhava junto de si. Isso porque uma mulher cuja sexualidade se orientasse exclusivamente para outras mulheres seria entendida como totalmente inútil e até mesmo ameaçadora deste equilíbrio sócio-comunitário. Assim, havendo necessidade de preservar a legitimidade dos filhos, o concubinato era permitido ao homem, mas à mulher era totalmente interdito e, conseqüentemente, socialmente rejeitado e condenado. (RODRIGUES, 2001:86)²⁹

O lugar que Safo ocupou na sociedade foi diferenciado ao se destacar das demais mulheres de sua época, desde o legado de sua obra até ao que se refere à vida pessoal. Tais episódios marcaram um novo modo do fazer feminino, onde as mulheres iniciaram uma integração no espaço público na *pólis*. Desse modo, faz-se necessário analisar, a partir de sua poesia, a conjuntura social de sua época.

Além de evocar temas como o *Eros*(amor) e a *philia*(amizade), sua poesia também abrangeu questionamentos sobre as condições econômicas, sociais e religiosas. O fragmento 7 apresenta acontecimentos sociais e descreve fortemente o conflito presente em Tróia, mostrando o retorno de Hêktor e Andromákha, o que causou alegria para a cidade,

] iguais dos deuses
] sagrados; re-
unidos todos [] para Ílion;
a flauta docissonora e a cítara se mesclam
ao timbre dos crótalos; das donzelas, nítida,
a canção sagrada ressoa aos céus etéros
[
por todos os caminhos [
grandes vasos e copas [
misturam-se mirra, incenso e cássia;
as anciãs lançam no olhar um grito agudo de alegria
e os homens, num coro apaixonado, altísono,
invocam Paion, o Arqueiro da boa lira,
celebrando Hêktor e Andromákha, iguais aos deuses:
(FONTES, 2003:33)

²⁹ RODRIGUES, Nuno Simões. *A mulher na Grécia Antiga. In A Mulher na História - Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher*. Moita: Câmara Municipal da Moita / Departamento de Acção Sócio-Cultural. 2001.p.86.

Tal cenário mostra uma cidade em festa, Tróia(Ílion)³⁰, em estado de graça pelo retorno do príncipe Héktor e sua esposa enquanto um grande acontecimento que reúne a cidade, a cítara, mescla-se com as vozes. Uma poesia certamente dotada de beleza, mas também de feição política.

É notório que sua poesia originou novas formas de pensamento e de organização política das mulheres frente à história.

Figura 2 - Fragmento da poesia de Safo³¹



A poesia, que afetou consideravelmente a vida política, teve Safo como representante feminina. Conforme aponta Glenn Most³², Safo, por comportar figuras. Existiria, então, uma

³⁰DALBOSCO Laudio A; MUHL Eldon H. e CASAGRANDA Edison A. *Filosofia e Pedagogia - Aspectos Históricos e Temáticos*. Campinas/SP: Editora Autores Associados. 2008.p. 29.

³¹ Encontrado em 1922 durante escavações em um lixão na antiga cidade egípcia de Oxyrinco. Os dois fragmentos combinados resultaram na rara descoberta de um original dessa poetisa. Supõe-se que os versos tenham sido escritos na primeira metade do III século a.C., sendo o mais antigo fragmento daquilo que sobrou da poetisa grega. Martin West traduziu para o inglês e publicou o texto.

Obviamente ela manteve relações emocionais com as mulheres de seu círculo, muito provavelmente de natureza sexual. Elas parecem ter formado algum tipo de sociedade na qual podiam estar umas na companhia das outras”. FASCINIOEGITO. Disponível em: <<http://www.fascinioegito.sh06.com/fatos7.htm>>. Acesso em: 5 set. 2011.

³² GREENE, E. *Re-reading Sappho: reception and transmission*. Berkeley, University of Califórnia Press, 1996.

Safo que aparece com o Suda³³ e outra descrita por Ovídio³⁴, na Carta XV, uma trajetória de vida, que ilustra tanto Safo casada e mãe como outra amante de mulheres e de Pháon.

Figura 3 - Cartas de Ovídio XV³⁵



uma, aparece na história de forma duplicada, e entre poemas e versos cabe indagar sobre o verossímil de seu percurso. Será que essa dúbia presença no Suda e na Carta de Ovídio foi gerada pela sua condição de tríbade³⁶? O fato de se relacionar com outras historicamente?

Certamente, essas questões possibilitam uma compreensão de como a

³³ Uma enciclopédia, compilação de obras e personagens por ordem alfabética. HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatuta Classica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1987.

³⁴ Ovídio, carta XV das *Heroidus epistulae*. DEMARCHI, Cristiane. Entre o excesso e o ideal: imagens de safo na frança da primeira metade do século XIX. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010.

³⁵ OVIDIO. Cartas de Ovídio, chamadas Heroides - Tomo II. Tradutor Miguel do Couto Guerreiro. Lisboa. 1906

³⁶ As tríbades eram descritas como figuras masculinizadas que tinham órgãos sexuais maiores do que o normal e que satisfaziam suas parceiras por substituição do pênis masculino pelo seu próprio órgão gigante ou por um pênis artificial, o *olisbos*. DEMARCHI, Cristiane. SAFO, CONTEÚDO ADULTO: *homoerotismo feminino/voyeurismo masculino*. Revista Outros Tempos. Volume 7, número 9, julho de 2010 - Dossiê Estudos de Gênero.p.142)

constituição do corpo político das lésbicas ocorreu nesse período e ao longo do tempo. Safo, principal voz da relação afetivo-sexual entre as mulheres, foi concebida sob duas perspectivas. Tais aspectos contribuíram para entender essa formação política. De um lado, Safo transgressora e, de outro, realizadora do seu papel de mulher na antiga sociedade grega.

Como transgressora, Safo foi condenada, juntamente com Alceu, ao exílio por conspiração devido à sua forma peculiar de se expressar, o que se diferenciava da escrita da época³⁷. Essa escrita, denominada dialeto eólico³⁸, também conhecido como grego lésbio, termo linguístico usado para demonstrar um conjunto de subdialetos arcaicos do grego antigo, foi o que provocou o exílio de Safo. Nesse período, a tomada de poder ocorreu e foi efetivada por comerciantes e cidadãos menos abastados que derrubaram a aristocracia, inaugurando, assim, um novo sistema de governo: a democracia. Após cinco anos de exílio, e com o tratado de paz, Safo volta para Lesbos, logo tornando-se líder e intelectual da sociedade local³⁹.

Para entender melhor esse processo, resgatar-se-á a concepção dos sistemas de governo presentes nesse período. Segundo Barreto⁴⁰, a aristocracia, termo originado do grego *aristoi*, *kratos* dos melhores, sendo a família nobre e de sangue superior dotada de dominação intelectual e moral.

Dessa forma, a aristocracia indica a existência de um governo exercido por uma elite que se julga detentora de privilégios ou de qualidades especiais que a colocam na situação de Poder Político. A aristocracia, desde a antiguidade, a partir da Grécia, tem-se mostrado como estrato social elevado e voltado para uma minoria⁴¹.

³⁷ FILHO, Amílcar Torrão. *Tríades Galantes, Fanchonos Militantes: Homossexuais Que Fizeram História*. São Paulo: Summus. 2000. p.39.

³⁸ WOODARD, Roger D. "Greek dialects", em: *The Ancient Languages of Europe*. Ed. R. D. Woodard, Cambridge: Cambridge University Press. 2008. p. 51.

³⁹ DANIEL, Herbert e MICCOLIS, Leila. Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade.1983.p.133.

⁴⁰ BARRETO, Vicente de Paulo. *Dicionário de Filosofia Política*. São Leopoldo: Unisinos. 2010. p.44.

⁴¹ No século V a.C. pode-se encontrar em Herodóto, no *logos tripolitikós* ou agonia das políticas (*As histórias, III*), a primeira classificação historicamente documentada da teoria da tripartição das formas de governo (de um, de poucos, de muitos), que tanto sucesso terá no pensamento antigo e não só nele. (...) Aristóteles e Platão foram os que empregaram a palavra de maneira mais generalizada. Em Platão, o termo aristocracia se funda na virtude e na sabedoria. Caberia, portanto, aos sábios, aos virtuosos, enfim, aos melhores dirigir o Estado no rumo do verdadeiro bem. Os melhores para Platão, eram os filósofos que buscavam a verdade e eram provenientes de um claro sistema ético.

A aristocracia carregada de valores e entendimentos a partir de uma concepção do mundo grego tem como expressão a virtude⁴² dos sábios. Distinta da monarquia o governo de um só e também da democracia governo do povo a aristocracia, para Aristóteles, é o governo de poucos que exercem o poder em benefício de todos. Abbagnano aponta que o conceito de aristocracia se origina em Platão, na República, e na classificação aristotélica das formas de governo.

Barreto⁴³ afirma que o melhor exemplo de aristocracia foi a República romana, para além do sentido originário. Para gregos e romanos a aristocracia e as classes sociais foram bem definidas, já que exerceram o poder ou se empenharam em influenciá-lo de forma indireta.

Na Idade Média, a aristocracia, que ganha nova roupagem, modificando o sentido do termo, o qual passa a significar uma forma de poder indicando um estatamento da nobreza e do clero, em que se sobressaíam os privilégios a partir da hereditariedade, agora era sinônimo de alta sociedade. A atualidade passou a considerar genérico o termo aristocracia, pois presente nos diversos contextos, caracterizando-o como grupos e pessoas superiores segundo categorias econômicas e intelectuais.

Por conseguinte, diferentemente da aristocracia, a democracia quer dizer

⁴⁴. O poder aqui descrito não se confunde com a administração dos assuntos correntes. Esse sistema de governo para os gregos decide o *demos*

⁴⁵. Tais homens considerados cidadãos reuniam-se para deliberar sobre tudo - os cargos militares, por exemplo, eram atribuídos pelo voto. A democracia é o regime de competência do governo, o qual reafirma o poder do homem comum.

democracia grega, constata-se que a democracia ateniense se aproxima mais da

(...)Aristóteles chegou a afirmar que a aristocracia é o poder confiado aos melhores cidadãos, sem distinções de nascimento ou riqueza. BARRETO, Vicente de Paulo. *Dicionário de Filosofia Política*. São Leopoldo: Unisinos. 2010. p. 44.

⁴² Entendida aqui uma capacidade ou qualquer excelência seja qual for a coisa ou ao ser que a pertença. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. 2007.p. 1198.

⁴³ BARRETO, Vicente de Paulo. *Dicionário de Filosofia Política*. São Leopoldo: Unisinos. 2010. p. 45.

⁴⁴ BARRETO, Vicente de Paulo. *Dicionário de Filosofia Política*. São Leopoldo: Unisinos. 2010. p. 132.

⁴⁵ Precisamente na Grécia só uma minoria participa do poder político, os cidadãos, isto é, os adultos do sexo masculino, filhos de pais já cidadãos. JONES, A.H.M. *Athenian Democracy*. Oxford: Blackwell Publishing, 1957.

ideia de que o povo decide tudo. Precisamente, em outros Estados gregos, o povo alcançou o poder, em alguns até antes do que em Atenas, como ocorreu em Mileto. É plausível, então, que existam instituições democráticas desde o início ou meados do século VI a.C.⁴⁶

Segundo Gomes, havia uma certa inconstância do poder ora aristocrático⁴⁷. Dessa forma, a ilha de Lesbos, que vivenciou períodos de revolução e medo, aderiu à Liga de Corinto⁴⁸, unindo, assim, a federação dos Estados gregos. Essa Liga era um tratado que garantia e preservava a paz.

Ainda segundo Gomes,

Temos por hipótese que a resistência da aristocracia frente os ideais da democracia ocorreu devido ao fato dessa forma política colocar em risco o seu lugar de poder estabelecido por intermédio do prestígio social alcançado com as relações de solidariedade e reciprocidade com as comunidades da Ásia Menor. A identidade da elite da ilha de Lesbos está ligada ao comércio marítimo de vinho no mar Egeu. (GOMES, 2008:51)⁴⁹

Lesbos⁵⁰, local em que Safo viveu, tinha como sistema de governo a aristocracia. Com o advento da democracia, foram constituídas as assembléias regulares que operavam no âmbito de assuntos públicos. Estas começam a ser instaladas nas cidades⁵¹, também em Lesbos. Importante destacar que, apesar

⁴⁶ BARRETO, Vicente de Paulo. *Dicionário de Filosofia Política*. São Leopoldo: Unisinos. 2010.p. 132-133.

⁴⁷ GOMES, José Roberto de Paiva. *O Papel de Lesbos na Estratégia Militar de Alexandre, O Grande*. Rio de Janeiro:Revista NEArco Número II - Ano I 2008. p.53.

⁴⁸ SPIELVOGE, Jackson. *Historia Universal. Civilizacion de Occidente. Mexico: Cengage Learning*. 2009. p.74.

⁴⁹ GOMES, José Roberto de Paiva. *O Papel de Lesbos na Estratégia Militar de Alexandre, O Grande*. Rio de Janeiro:Revista NEArco Número II - Ano I 2008. p.51.

⁵⁰ Essa rotatividade do poder que caracteriza Lesbos como uma sociedade que vive em constantes momentos de crise social (...) Essa crise pode ser enquadrada como a luta social pelo entre dois grupos distintos, a saber: os aristocratas e os pró-democratas, que através do embate político se revezavam no jogo político mantendo: a autonomia sócio-econômica de Lesbos. GOMES, José Roberto de Paiva. *O Papel de Lesbos na Estratégia Militar de Alexandre, O Grande*. Rio de Janeiro: Revista NEArco Número II - Ano I 2008. p.52.

⁵¹ A palavra assembléia vem do grego *ekklésia*, que tem, entre seus significados, chamar, convocar, reunir para determinada finalidade. Na Grécia antiga, *ekklésia* designava a reunião dos cidadãos, que *ágora*. Esse era o local onde se discutia e se deliberava sobre assuntos públicos relativos à *pólis* (cidade). Assim, a assembléia remete a um espaço democrático onde todos os participantes tinham o

dessa alternativa de participação, as mulheres ainda ficavam de fora, sendo excluídas do processo político.⁵²

A *ekklésia* era a Assembleia do Povo e nela o cidadão ateniense adulto de sexo masculino tinha direito a palavra e voto. Reunia-se com um mínimo de seis mil cidadãos, numa colina chamada *Pnyx*, nas proximidades da *ágora*. Dela estavam excluídos escravos, estrangeiros, mulheres, crianças e cidadãos privados de seus direitos políticos (*atimoi*). (MENEZES, 2010:25)⁵³

Safo, embora também vivenciasse o destino inexorável das mulheres o de desqualificação frente ao espaço público - deixou sua marca por meio da poesia.

Outro fato que merece destaque no percurso de Safo é que, após o tratado de paz, ela volta, inaugurando, nesse período, uma escola para mulheres, onde pôde ensinar arte, poesia, dança e música. Essa iniciativa é considerada a primeira escola de aperfeiçoamento da história.

Para Damarchi Safo,

busca a beleza das almas e de um conhecimento das essências nas e para as suas meninas, as discípulas relatadas no Suda, mulheres que teriam vindo de várias regiões da Grécia e se estabelecido em Lesbos para a *thiasos* ou uma *hetairia*, dois modelos distintos de reuniões onde se ensinava ou onde poesias eram apresentadas; o primeiro, com um objetivo ritual; e o segundo, como reunião de amigos. (DEMARHI, 2010: 138)⁵⁴

A escola representou um avanço para as mulheres de sua época, tamanhas as inventividades e qualidade poética de seus textos e fragmentos, os quais contemplam, ainda, com palavras de amor, as suas alunas - chamadas de *hetairai*,

direito de fazer o uso da palavra. BONTEMPO. Valéria Lima. *A Assembléia de Usuários e o CAPSI*. Revista Psicologia Ciência e Profissão, 2009, 29 (1), 184-189.

⁵² Mesmo no período da democracia houve (...) a exclusão da participação política das mulheres, das crianças, dos escravos e dos estrangeiros. Portanto, as mulheres, nesta sociedade, sofriam discriminações tanto quanto os demais excluídos, pois considerava-se cidadãos apenas os indivíduos nascidos em Atenas, do sexo masculino, proprietários de terras e somente esses que tinham direitos políticos. CARDOSO, Fabio de Oliveira. In *História/vários autores*. Curitiba: SEED-PR, 2006. p.298.

⁵³ MENEZES, Marilde Loiola de. *Democracia de Assembleia e Democracia de Parlamento: uma breve história das instituições democráticas*. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 12, no 23, jan./abr. 2010. p. 25.

⁵⁴ DEMARCHI, Cristiane. *SAFO, CONTEÚDO ADULTO: homoerotismo feminino/voyeurismo masculino*. Revista Outros Tempos. Volume 7, número 9, julho de 2010 - Dossiê Estudos de Gênero. p.138.

Em Mitilene, Safo dedicava-se ao ensino de suas companheiras, que integravam as atividades da escola para mulheres. Muitas jovens participavam desse espaço, desde as que viviam na cidade até as que vinham de outras áreas do Mar Egeu.

sentido o termo era aplicado a meninas e mulheres de condição livre. Assim, por exemplo, em Safo) (FONTES, 2002:445).

Assim, as companheiras de Safo aprendiam a *philia*, desenvolvendo as atividades educacionais propostas. Percebe-se um nítido paradoxo no discurso sobre a amizade, já que a alocação se mostra conceitual envolvida pela por elementos políticos e também por sentimentos, este que talvez não seja da ordem racional, mas como explica a amizade é o próprio fundamento da

55

De todo modo, Safo e suas companheiras estão ligadas por laços de amizade. E sua obra segue referendando a amizade e o amor (*eros*) em uma elocução extraordinária, conferindo, assim, força dramática aos versos quando se faz referência ao amor (*eros*).

A poeta, por desvendar o processo de descoberta⁵⁶, quando ousou tratar das questões da cidade em sua escrita, acabou por ser tachada de transgressora. De forma marcante, atuou incluindo as mulheres de sua época, propiciando-lhes um fazer político, ao criar uma escola. Politicamente, Safo aparece participando do espaço público. Desse modo, entender o conceito de política se faz essencial para prosseguir com uma análise crítica sobre a constituição do corpo político das lésbicas.

Em princípio, pretende-
ocupa de fatos. Assim sendo, *política* é uma atividade que comporta uma atitude

⁵⁵ ACKER, Clara Britto da Rocha. *Dioniso, Diótima, Sócrates e a Erosófia*. Revista AISTHE, nº 3, 2008. p.23.

⁵⁶

dizemos

descoberta; o espírito europeu, ao contrario, assumiu a existência no momento em que foi descoberto. Ele só existe quando se torna consciente (...). E, no entanto, não está errado falarmos

reflexiva e, como tal, pensa-se na diversidade de elementos dialógicos que aparecem e estão intimamente relacionados. Historicamente, cabe destacar que a palavra *política* teve origem na Grécia e indicava todos os procedimentos relativos à *pólis*. Portanto, política refere-se, por exemplo, à doutrina do direito e da moral, teoria do Estado, bem como à arte dos comportamentos subjetivos.⁵⁷

Na era clássica, a política se faz presente no âmbito público, o lugar da decisão política por parte de seus cidadãos, os homens livres. E, ao se associar política e poesia, verifica-se a expressão do agir tão presente na esfera privada. Assim poesia e política se conjugam em articulação aos fatos da cidade. Menezes
uma das modificações mais significativas no diálogo entre antigos e modernos foi certamente a transferência do processo de participação direta do cidadão nos negócios públicos para um sistema centralizado de representação

58

A poesia sáfica estruturou, de maneira harmônica, as questões individuais constantes no espaço público. Assim, quando se pretende afirmar que a poesia está associada à política, atestam-se as influências que marcam seus versos. A deusa Afrodite, também referendada em um de seus poemas, mostra como Safo envolve o contexto pessoal vivenciado no espaço público quando implora que seu coração não seja atingido pela dor:

Aphrodite em trono de cores e brilhos,
imortal filha de Zeus, urdidora de tramas!
eu te imploro: a dores e mágoas não dobres,
soberana, meu coração;
(FONTES, 2003: 375)

É fato que as mulheres foram destaque na poesia de Safo: as deusas, suas alunas, Helena, as musas, entre outras,

com o dom de suas obras
honraram-me [as Musas]
(FONTES, 2003:471)

⁵⁷ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. 2007.p. 1198.

⁵⁸ MENEZES, Marilde Loiola de. *Democracia de Assembleia e Democracia de Parlamento: uma breve história das instituições democráticas*. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 12, no 23, jan./abr. 2010. p. 25

Safo, nesse fragmento, menciona as Musas⁵⁹, figuras veneradas, inegável fonte de grande ensinamento no período em que viveu. Eram apresentadas como entidades mitológicas, seres que tinham a capacidade de inspirar os humanos à criação para as artes e para as ciências. As nove Musas influenciaram fortemente a cidade, bem como a natureza humana, contribuindo e personificando também as representações nas artes e nos discursos.

O discurso sobre o amor e a sua grandeza é tema central de sua poesia, sobressaindo-se como um liame quase missionário. O amor em sua obra é fator impulsionador e permeia politicamente o espaço público, interligado a outros elementos como o belo, o estético, criando, novas representações, a exemplo da participação das mulheres no contexto da cidade.

Em relação ao amor, Leslie Kurke classifica-
programado quando endossa o caminho particular que o grupo de Safo irá privilegiar dentro do estilo luxuoso da aristocracia, que valoriza quem desfruta de tempo livre

60

Provavelmente, as questões tratadas em sua poesia estão também envolvidas pelos acontecimentos e o caos que se propagou na *pólis* referentes às mudanças sociais e econômicas da sociedade grega. Nesse período, há uma busca pela moderação, as funções sociais são agora ajustadas. Considerara-se que a política e a poesia reuniram na antiguidade grega uma estrutura cultural, contribuindo para o processo educacional por meio de uma articulação entre o cenário político, as crenças, os costumes e as relações familiares, tornando-se, assim, uma instância privilegiada para o povo grego compreender o seu próprio mundo.

E, nessa compreensão do mundo, a obra de Safo se mostra emblemática para as mulheres do período, especificamente por ter instituído um novo movimento ao marcar a participação da mulher no âmbito público⁶¹.

A imortal e eterna poesia de Safo, em certo sentido, consagra a presença

59

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica, Grega e Latina*. Inglaterra: Oxford University Press. 1987.

⁶⁰ KURKE, Leslie. *The politics of abrosunh in Archaic Greece*. In: *Classical Antiquity*, v. 11, nº 01, April, 1992.

⁶¹ WUENSCH, Ana Miriam. *As Mulheres e a Filosofia. Apostila do Curso de Extensão "As Mulheres e a Filosofia III – Existem Filósofas?"*, Universidade de Brasília, 2003.

feminina no espaço público da *pólis*, constituindo invento de completa divulgação das amostras da vida social. Também trouxe uma conotação estética com signos sublimes e fortes representações para as mulheres. Assim, arrisca-se dizer, esta configurou um divisor de águas, já que promoveu a participação da mulher na era clássica de maneira direta⁶², sem que um homem tenha escrito ou falado por elas na *pólis*.

Segundo Silva,

A cidade idealizada por Platão responsabiliza a mulher pelo funcionamento da *pólis*, e ainda garante ao sexo feminino a igualdade de condições na organização social, política e econômica da cidade-estado. As idéias de Platão sobre o aproveitamento do potencial feminino demonstram a preocupação do filósofo em manter a independência da *pólis*, principalmente com relação aos que exigiam grandes quantias por seus serviços na defesa da cidade. (SILVA, 2005:11-12)⁶³

Culturalmente admirada, a obra de Safo se inscreveu em uma trama histórica por resultar em uma pródiga galeria de símbolos do espaço privado e público, ao exhibir um mundo cercado de significados que atravessam o universo feminino (espaço privado), mas devidamente transpostos para o espaço público. Quando as mulheres tornaram públicas suas obras, por meio da escrita, transformaram o saber outrora aprisionado construindo um corpo de verdades processado na vida social.

Esse novo *modus operandi* poético consagra o tempo e a comunidade pelo fato de projetar as ideias de uma mulher (Safo) que anteriormente constavam apenas nos espaços privados. E embora a poesia sáfica adentre a realidade da cidade, Safo foi julgada como transgressora, caricaturada e ambígua.

Cabe então a seguinte indagação: por que as qualidades impostas à poeta se aproximam da constituição do corpo político das lésbicas? As questões suscitam outras, mas aproximam e remetem à reflexão acerca do que está posto ao corpo político.

Para tanto, a compreensão conceitual dos adjetivos conduzidos a Safo são pertinentes? Na medida em que demonstrou seu afeto pelas mulheres foi causadora de certo estranhamento na sociedade grega e essa questão levou a ser chamada de

⁶² Parafrazeando Platão existe a necessidade de inclusão da mulher no funcionamento da *pólis*. (PLATAO. República, 452a).

⁶³ SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco e a Participação Feminina em Esparta*. Revista Sæculum - REVISTA DE HISTÓRIA [12]; João Pessoa, jan./ jun. 2005.p. 11-12.

caricata. Safo foi referenciada como a primeira lésbica da história.

a relação afetivo-sexual entre mulheres existe desde a Antiguidade, e mesmo tendo sido pouco reconhecida, essas mulheres foram nomeadas de diversas formas: safistas, sáficas, lésbicas, lesbianas, fricatrix e

64

o que nos interessa de fato se direciona aos cantos que ela

(MATA, 20094)⁶⁵. Já Demarchi analisa o fato de a poeta ser lésbica como esta

Safo como exemplo da primeira das mulheres a ser inscrita no quadro de uma nova patologia: a relação sexual entre

66

Diante das questões levantadas pelos autores e na tentativa de compreender os nomes herdados desde Safo, como transgressora, caricata e ambígua, se verificou que tais adjetivações estão carregadas de símbolos. Quando Safo foi tida como transgressora é porque rompe com o destino que recaiu sobre a maioria das mulheres de sua época. Caricata pela ousadia de nomear àquelas a quem amou e por ser assumidamente uma amante das mulheres. E quando foi denominada de ambígua foi devido ao trânsito que estabeleceu por meio de sua obra entre o espaço privado e público.

Assim, cabe indagar que o significado do lesbianismo no período clássico está cercado de conceitos sobre a relação afetivo-sexual entre as mulheres. Transgressão, caricatura e ambiguidade aparecem marcando substancialmente esse corpo político. Assim, para Rauber,

O conceito de transgressão pode assumir diversas conotações, tanto positivas quanto negativas. No âmbito social, a transgressão pode assumir uma conotação claramente negativa quando há o rompimento com a ordem estabelecida e a não-observância das regras socialmente postas e objetivamente reconhecidas. No âmbito do conhecimento, a transgressão pode significar algo absolutamente positivo(...)

⁶⁴ TOLEDO, Livia Gonsalves. *Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade*. 2008. p.4.

⁶⁵ MATA, Giselle Moreira da. *As práticas "homossexuais femininas" na antiguidade grega: uma análise da poesia de safo de lesbos (século vii a.c)*. Revista Alétheia: de estudos sobre Antiguidade e Medievo. Volume 1, Janeiro/Julho de 2009. p. 4.

⁶⁶ DEMARCHI, Cristiane. *SAFO, CONTEÚDO ADULTO: homoerotismo feminino/voyeurismo masculino*. Revista Outros Tempos. Volume 7, número 9, julho de 2010 - Dossiê Estudos de Gênero. p.138.

(RAUBER, 2008)⁶⁷

A partir desse pensamento, o termo transgressão assume sentido positivo. Essa acepção é verificada a partir da impetuosidade da poeta em ressignificar a educação direcionada às mulheres, afinal Safo, além de criar uma escola específica para esse contingente, teve sua poesia lírica apreciada em um espaço público considerado apenas para homens livres. Sua obra reconhecidamente transgride o lugar do privado ao quebrar as regras impostas às mulheres de sua época. Quanto ao lado negativo, este também recaiu sobre Safo, já que rompeu com as normas sociais instituídas às mulheres, saindo do limiar do espaço privado para o público. Sobre o conceito de transgressão, Luft afirmou que

Essa capacidade de refletir, ou de simplesmente aquietar-se para sentir, faz de nós algo além de cabides de roupas ou de idéias alheias. Sempre foi duro vencer o espírito de rebanho, mas esse conflito se tornou esquizofrênico: de um lado precisamos ser como todo mundo, é importante adequar-se, ter seu grupo, pertencer; de outro lado é necessário preservar uma identidade e até impor-se, às vezes transgredir, para sobreviver. (LUFT, 2004:74⁶⁸)

Assim, a obra sáfica institui o lugar do possível para o corpo político das lésbicas e, em certo sentido, preserva o corpo considerado transgressor, o corpo sobrevivente.

Arelados ao conceito de transgressão estão os signos da caricatura atravessando esse corpo político. Rabaça e Barbosa definiram a caricatura como

⁶⁹ (RABAÇA, BARBOSA, 2002:106). Importa destacar que esse corpo, na era clássica, também passa pela caracterização burlesca que faz da relação afetivo-sexual entre as mulheres algo parecido com o exagero. As safistas e lésbicas no discurso de Aristófanes⁷⁰ aparecem como:

⁶⁷ RAUBER, Jaime José. *Filosofia: necessidade de transgressão do pensar bem para o agir bem*. Revista Pragmatéia. Núcleo de Educação para o Pensar - NUEP. Porto Alegre. 2007.

⁶⁸ LUFT, Lya. *Pensar é transgredir*. São Paulo: Record. 2004.p.74

⁶⁹ RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2002.

⁷⁰ Aristófanes viveu aproximadamente entre os anos 448-380 a.C., sempre crítico sobre a política de sua época, criou a peça *Revolução das Mulheres*. HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica, Grega e Latina*. Inglaterra: Oxford University Press. 1987.p.64.

As mulheres, ao contrário, que se originaram por divisão do antigo gênero feminino, não sentem nenhuma atração pelos homens, mas apenas como é lógico por outras mulheres, a tal (2001:120)

As tríades, como descrito por Demarchi, foram caracterizadas como mulheres masculinizadas, o corpo que carrega uma memória impregnada por representações, ou seja, o corpo caricaturado.

Diante do exposto, além dos termos sobre a transgressão e caricatura, aparece o termo ambiguidade, também trazida para a constituição do corpo político das lésbicas, o qual está intimamente interligado ao lugar que as mulheres ocupavam na sociedade grega, justamente o espaço privado.

As mulheres estavam credenciadas a habitar somente o âmbito privado, cumprindo as esperadas funções sociais de esposa e mãe de família. Safo rompeu com esse destino ao participar do espaço público concebido para os homens livres. Sendo assim, o corpo político das lésbicas perpassou pela ambiguidade do privado e do público. Seguindo-se com esse raciocínio, o corpo político das lésbicas traz as reminiscências das noções da transgressão, caricatura e ambiguidade.

Tal entendimento foi bem sublinhado por Safo, em um de seus quase destruídos fragmentos:

combater
 combater [comigo(?)] [contra mim (?)]
 pois bem sabes. (FONTES, 2003:159)

2. O corpo sáfico no espaço privado e público:

A definição dos termos privado e público foram desenvolvidos por vários pensadores em diferentes épocas⁷¹, assumindo sentidos e posições diversos acerca do tema. Tais conceitos associados à constituição do corpo político das lésbicas possibilitam uma discussão ampla a partir de elementos inerentes a este, como o papel e o lugar reservado à mulher na sociedade.

Pereira avalia que o espaço público e o privado estão bem demarcados na (...o equilíbrio da existência dos gregos se

⁷¹ Aristóteles, Kant, Arendt.

sustentava justamente na clara demarcação entre o espaço público, da *pólis*, espaço público (2004:117)⁷².

Partindo-se dessa afirmativa, verificou-se que a formação do corpo político foi marcado por estruturas que o circundavam, um corpo transgressor, caricato e ambíguo, próprio de sua participação nos espaços público e o privado.

Um corpo que rompe visivelmente com a demarcação das vidas pública e privada. Sendo assim, o corpo político das lésbicas pertence e está presente nos dois espaços, tendo sua origem no privado, já que as mulheres integravam o contexto privado comum à sua condição feminina. Este corpo, então, adentrou o espaço público com o legado da primeira lésbica da história de que se tem notícia.

público designa os conhecimentos ou dados ou elementos de conhecimento disponíveis a qualquer pessoa em condição apropriada não pertencentes a esfera pública (BBAGNANO, 2007:954).

O significado de privado abrange tudo que pertence ao âmbito particular. Segundo Antunes, o privado,

É a esfera da casa (*oikos*), da família e daquilo que é próprio (*idion*) ao homem. Baseia-se em relações de parentesco como a *phratría* (irmandade) e a *phyle* (amizade). Trata-se de um reino de violência em que só o chefe da família exercia o poder despótico sobre os seus subordinados (a sua mulher, filhos e escravos). (ANTUNES, 2008:2)⁷³

Ora, a esfera privada é parte dessa formação do corpo político das lésbicas, já que, pelo horizonte social, o matrimônio era tido como destino, algo comum para o período. As mulheres tinham como papel principal o espaço doméstico, o cuidado com seus maridos e sua família, o que incluía as lésbicas, que não dispunham de alternativa.

Segundo Bedê,

A vida na Grécia Antiga, durante o período socrático, transcorria entre dois mundos, que, muito embora separados, guardavam, de certa forma, íntimas conexões. Havia a vida obscura, subtraída aos olhares do público, confinada aos limites da casa. A essa esfera privada estavam adstritos os

⁷² PEREIRA, Ondina Pena. *O Ethos do Indivíduo Grego e o Êxtase do Sujeito Contemporâneo*. Revista Episteme, Porto Alegre, n. 19, p. 115-137, jul./dez. 2004. p. 117.

⁷³ ANTUNES, Marco Antunes. *O público e o privado em Hannah Arendt*. 2008.p.2.

escravos, as mulheres e os metecos (estrangeiros). Ali, entre suas paredes, estavam todos às voltas com as tarefas domésticas, entregues a uma rotina de trabalhos manuais, na produção dos bens necessários à sobrevivência da família. O *oikós* era, por assim dizer, o *reino da necessidade*, em que nascimento, vida, labor, reprodução e morte traçavam o seu curso silencioso. (BEDÊ, 2008:3452)⁷⁴

Conforme relata Bedê, houve uma divisão das atividades do público e do privado na sociedade grega. A separação da esfera privada da pública se estruturou de modo a resultar em um modelo bem definido para os cidadãos, mulheres e escravos. E Safo, mesmo sendo uma mulher, propiciou uma junção entre a esfera privada e pública na medida em que participou da esfera pública.

Conforme descrito por Mata,

Safo de Lesbos destacou-se como uma dentre as maiores personalidades femininas da Antiguidade grega, foi considerada a maior poetisa eólica deste período. Acredita-se ter sido a primeira mulher de que se tem notícia a fazer poesias significativas na história da cultura ocidental. (MATA, 2009:2)⁷⁵

Uma mulher, cuja condição está atrelada ao espaço privado, destacou-se no ambiente voltado aos homens livres⁷⁶, diluindo e irrompendo o limiar que separa esses dois espaços. Safo promove uma coexistência entre o público e o privado, no sentido de fazer de sua condição pessoal algo presente e visível no âmbito público por meio de sua poesia e obra.

Dessa forma, o habitar da necessidade, ou seja, o lugar privado voltado às mulheres, deveria estar coadunado com a vida doméstica, mas Safo advém com sua obra e participa abertamente do fazer da cidade, sendo reconhecida por muitos filósofos, como Platão, Aristóteles, entre outros.

Faz-se importante esclarecer que, na sociedade grega, eram cidadãos os considerados homens livres, os quais podiam ocupar-se da vida pública. Desse modo, a maioria da população constituída por escravos e mulheres não era

⁷⁴ BADÊ, Fayga Silveira. *O Público e o Privado: Deslizamentos e Rupturas*. In: Anais do XVII Encontro Preparatório para o Congresso Nacional do CONPEDI-teux. 2008. p. 3452.

⁷⁵ MATA, Giselle Moreira da. *As práticas "homossexuais femininas" na antiguidade grega: uma análise da poesia de safo de lesbos (século vii a.c)*. Revista Alétheia: de estudos sobre Antiguidade e Medievo. Volume 1, Janeiro/Julho de 2009. p. 2

⁷⁶ Aqueles que não tivessem a necessidade de trabalhar para sobreviver, pois a atuação pública exigia dedicação integral. BERNARDES, W. L. M. *Da nacionalidade: Brasileiros natos e naturalizados*. 1.ed. Belo Horizonte: Del Rey, 1995. p.23.

considerada cidadã. Mas, mesmo assim, Safo de Lesbos, marcada pela ambiguidade do privado e do público, agregou artefatos dos dois espaços, mesclando os signos pertencentes ao lugar do feminino juntamente com o lugar de cidadãos⁷⁷.

Por todas as questões já dispostas, cabe questionar como era a cidadania nesse período. A cidadania, para Wilba,

(...)era para os gregos um bem inestimável. Para eles a plena realização do homem se fazia na sua participação integral na vida social e política da Cidade-Estado. (...) só possuía significação se todos os cidadãos participassem integralmente da vida política e social e isso só era possível em comunidades pequenas. (WILBA, 1995:23)⁷⁸

Safo, primeira lésbica conhecida da história, destacou-se na vida pública ao resistir ao destino tido como imutável e determinante à condição feminina, ultrapassando, assim, o lugar do privado e diminuindo o silêncio das mulheres a partir da sua poesia lírica.

A poesia de Safo versou tanto sobre elementos de cunho privado quanto da instância pública, próprios da época, alternando *eros* e *philia*, *infantes* e *naus*, evidenciando, desse modo, o universo que compõe a cidade.

Mas, foi então, a partir do espaço privado que cria a energia geradora e a força criadora que o corpo político das lésbicas se formou e se constituiu, sendo reconhecido no espaço público. A relação entre as esferas privada e pública, em certo sentido, faz-se próxima, pois o interesse pessoal circunscrito às condicionalidades funcionais da sociedade predominou no espaço público. As instâncias privada (processo vital da família) e a pública (questões da vida política) misturam-se na formação do corpo político das lésbicas.

a
mim nem me agradam as jovens de Pirra ou de Metimna, nem me agrada toda a turba de Lesbos. (...) Átia não é, como antes, grata aos meus olhos, nem com outras que, não sem crime

79 .

⁷⁷ *eleútheros*". MASSON, O. "Les noms des esclaves dans la Grèce antique", Proceedings of the 1971 GIREA Workshop on Slavery, Besançon, 10-11 mai 1971. Paris: Belles Lettres, 1973, p.9 23.

Esclavage et liberté dans la société mycénienne Proceedings of the 1973 GIREA Workshop on Slavery, Besançon 2-
The Murder of Slaves in Attic Law Classical Philology, Vol. 32, No. 3 (Jul., 1937), p. 210 227.

⁷⁸ BERNARDES, W. L. M. *Da nacionalidade: Brasileiros natos e naturalizados*. Belo Horizonte: Del Rey, 1995. p. 23.

⁷⁹ SOBRINHO, L.P. *Heróides de Ovídio*. Dissertação de mestrado. SP: USP, 1983.p.138.

Nitidamente, tamanha insatisfação com uma de suas amadas compunha a existência de aspectos do privado, formando uma visível trama acerca da memória que integrou o corpo político das lésbicas.

Desse modo, pertenceram ao espaço público as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo na Grécia antiga, mas verifica-se que tal prática pública foi comum entre os homens, fazendo parte da formação destes.⁸⁰

Em relação às mulheres, quando se tratava da relação afetivo-sexual entre elas, tal situação beirava o escândalo na Grécia, pois o lesbianismo não se adequava aos papéis sexuais pré-definidos. De acordo com o que aponta Mata,

(...) o safismo se revelou um assunto muito discutido quando mencionamos assuntos ligados à sexualidade, principalmente quanto aos fatos relativos às inclinações sexuais da poetisa Safo e sua contribuição enquanto valor histórico na compreensão das práticas sexuais entre mulheres na Antiguidade. (MATA, 2009:2)⁸¹

André Lardinois relata que a palavra lésbica foi pela primeira vez registrada em 1890, na língua inglesa, objetivando referendar as mulheres que se relacionam sexualmente com outras.⁸² E, sendo assim, esclarece-se que, na época de Safo, a relação afetivo-sexual entre as mulheres não tinha uma denominação pública, derivando apenas os nomes que desqualificavam esta relação, conforme já apontado aqui.

Pensar o legado de Safo e o que este representou politicamente gera uma série de indagações sobre as possibilidades discursivas entre o privado e público, os quais criam um sistema de valores que marcam o corpo político das lésbicas.

A poesia, abaixo disposta, ilustra como os aspectos que circunscreviam a vida das mulheres atravessavam a órbita doméstica, lugar a concentrar o desejo e o desejável, mas também a continuação e a reprodução dos papéis de cada mulher e

⁸⁰ PERCY III, William Armstrong. *Reconsiderations about Greek Homosexualities Same-Sex Desire and Love in Greco-Roman Antiquity and in the Classical Tradition of the West*. Binghamton. 2005. p.47. FISHER, Nick. *Aeschines: Against Timarchos, "Introduction"*. Inglaterra: Oxford University Press. 2001. p.26.

⁸¹ MATA, Giselle Moreira da. *As práticas "homossexuais femininas" na antiguidade grega: uma análise da poesia de safo de lesbos (século vii a.c)*. Revista Alétheia: de estudos sobre Antiguidade e Medievo. Volume 1, Janeiro/Julho de 2009, p. 2.

⁸² LARDINOIS, André. Safo Lésbica e Safo de Lesbos. In: *De Safo a Sade – Momentos na História da Sexualidade*. Org: Jan Bremmer; Trad: Cid Knipel Moreira. Campinas, SP: Papirus, 1995, p. 7 50.

homem. O aguçado da voz de sua amada descreve o momento da separação entre ela e Safo,

]que morta, sim, eu estivesse:
ela me deixava, entre lágrimas
e lágrimas, dizendo:[

Esta resposta eu lhe dei:
-te! De mim,
guarda a lembrança. Sabes o que nos prendia a ti
- se não, quero trazer de novo
à tua memória []
..[]as lindas horas que vivemos
[] de violetas,
de rosas e açã[flor]
.. []nós duas lado a lado
[]tecendo grinaldas
[]teu delicioso colo
[] flores[
[]e perfumes
[] feito para rainhas;
ungias com óleos, num leito[
delicioso[
e o desejo ausente[
nem []grutas
[]danças
[]ou sons
(FONTES, 2003:393)

A declaração desse amor remete à reflexão sobre os signos que envolvem as relações afetivo-sexuais entre as mulheres, bem como as memórias que designam os valores contemporâneos.

Segundo Gomes, Safo protagonizou a construção de um pensamento social político, o qual foi formulado e estruturado em um período de mudanças sociopolíticas na cidade de Mitilene no V-IV séc. a. C. (GOMES, 2008:52).⁸³

Assim, a convergência entre os espaços público e privado, constituiu uma base fundante para essa discussão, a qual se apresenta na *pólis* grega de modo bem distinto. E o silêncio das mulheres foi rompido no espaço público inaugurando

⁸³ Safo ao formular o grupo de jovens, a hetaireía, em Mitilene, tinham as jovens da Lídia participando das atividades rituais que incluía desde jovens locais a jovens provindas de outras áreas do Mar Egeu. O convívio entre gregos e lídios se amplia para além do convívio feminino, se estendendo também ao conhecimento e ao debate das questões políticas. GOMES, José Roberto de Paiva. *O Papel de Lesbos na Estratégia Militar de Alexandre, O Grande*. Rio de Janeiro: Revista NEArco Número II - Ano I 2008. p.52.

uma outra forma idiomática, bem como novos tempos para as mulheres na cidade⁸⁴.

Segundo Rodrigues,

(...)a nobreza de origem com o envolvimento e a participação ativa na vida pública, visto que parece ter sido exilada devido a questões políticas. Lesbos era uma ilha onde se valorizava bastante a beleza das mulheres, aliás como em Esparta. Era também um dos sítios conhecidos na Grécia em que se organizavam concursos de beleza feminina. Os poemas de Safo devem ser lidos nesse contexto. Além disso, é na sua poesia que encontramos alguns dos raros testemunhos em que autores gregos antigos se referiram ao amor enquanto sentimento puro. Enquanto falavam de amor físico com uma sinceridade e franqueza extraordinária, os Gregos já não eram tão diretos nem tão loquazes quando o assunto era o sentimento e a emoção. Ironicamente, é numa mulher, que aliás é apontada como homossexual, que vamos encontrar essa franqueza(...). (RODRIGUES, 2001:90)⁸⁵.

Safo, que ensinou poesia, arte e música em uma escola só para as pessoas do sexo feminino, sendo ainda ativa participante da vida pública, construiu a essência do étimo, que passa pelo amor até a sabedoria, atingindo o cerne do processo de conhecimento voltado para as mulheres. Por isso, sua poesia deve ser considerada política.⁸⁶

Os elementos políticos que aparecem na linguagem poética tornaram possível verificar que o corpo político das lésbicas, por meio de Safo de Lesbos, permitiu e contribuiu de forma especial para esse novo renascer do espaço público para as mulheres. Importante destacar que Safo foi apenas uma exceção, pois a maioria das

⁸⁴ É ainda durante o período arcaico que surgem alguns espíritos femininos ilustrados. É o caso da poetisa Safo, natural da ilha de Lesbos, um dos raros testemunhos diretamente femininos da Antiguidade. RODRIGUES, Nuno Simões. *A mulher na Grécia Antiga*. In *A Mulher na História - Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher*. Moita: Câmara Municipal da Moita / Departamento de Acção Sócio-Cultural. 2001. p. 89.

⁸⁵ RODRIGUES, Nuno Simões. *A mulher na Grécia Antiga*. In *A Mulher na História - Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher*. Moita: Câmara Municipal da Moita / Departamento de Acção Sócio-Cultural. 2001.p. 90.

⁸⁶ Nos textos utópicos de Platão, a mulher grega está longe de ser desprezada. Aliás, é-lhe reconhecido um valor imensamente necessário à constituição da cidade ideal. Há mulheres dotadas para a medicina, outras para a música, outras para a ginástica, outras para a guerra; e até mesmo mulheres filósofas 48. Apesar de Platão não duvidar da inferioridade das mulheres em relação aos homens, afirma que essa inferioridade é qualitativa e não quantitativa, admitindo assim a possibilidade das mulheres acederem, na cidade ideal que projeta, às duas funções de que estão completamente excluídas na cidade real: a política e a guerra. RODRIGUES, Nuno Simões. *A mulher na Grécia Antiga*. In *A Mulher na História - Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher*. Moita: Câmara Municipal da Moita / Departamento de Acção Sócio-Cultural. 2001.p. 98.

mulheres cum a
 mulher tem um micro-cosmos bem definido. Senhora do *oikos*, esposa e rainha, este tipo de mulher homérica mandava nas servas e partilhava com o esposo o cuidado de zelar pela salvaguarda dos (RODRIGUES, 2001:86)

Esse lugar do feminino para Safo como já descrito ocorre de forma diferente, pois um novo olhar sobre sua condição na sociedade implica pensar sobre a transformação e o papel da mulher.

tornou-se já um lugar-comum afirmar que, durante o século V a. C., a mulher grega foi encerrada e confinada à parte da casa que era reservada às mulheres: o gineceu. Contudo, há de se alertar para o perigo das (RODRIGUES, 2001:91).

Portanto, o legado de Safo de Lesbos tornou-se imortal e atemporal, com uma obra de virtuosa e de excelência, viva no espaço público.

3. A amizade como virtude do corpo político das lésbicas:

No decorrer da formação do corpo político das lésbicas no período clássico, e com a formação da *pólis*, existia uma interação entre a poesia e a vida, bem como entre o antigo mundo mitológico e a conjuntura social daquele momento.

Rodrigues localiza esse momento ao afirmar que,

com o nascimento da cidade, esta situação da mulher parece acentuar-se. Sabemos muito pouco acerca da mulher grega desse período, mas pelo que sabemos, não seria honesto afirmar que a mudança foi radical; mas foi suficientemente diferente para a podermos detectar e sistematizar. Na verdade, a mulher permanece ligada à casa e à família, e a sua função de assegurar a descendência ao senhor da casa mantém-se também. Todavia, algumas das disponibilidades possíveis de identificar nas fontes homéricas cessaram ou transformaram-se durante o período arcaico. Nos primeiros tempos da cidade- (RODRIGUES, 2001:89)⁸⁷.

⁸⁷ RODRIGUES, Nuno Simões. *A mulher na Grécia Antiga*. In *A Mulher na História - Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher*. Moita: Câmara Municipal da Moita / Departamento de Acção Sócio-Cultural. 2001, p. 98.

A noção de virtude, *areté*, compreende as qualidades que tornam um indivíduo capaz de fazer aquilo que seu papel exige na *pólis*⁸⁸. Para as mulheres, o papel exigido está localizado no lar e nos cuidados com a família. Segundo Lobato,

(...) a questão central é saber o que é a virtude (*aretê*). Muito dos diálogos platônicos é bem a prova disso; é verdade que se questiona e se procura saber o que é a coragem, a sabedoria, o amor, o belo, a justiça e tantas outras virtudes. Sigamos, então, a evolução do conceito de *aretê* (traduzido, vulgarmente, por virtude) desde que, esse conceito parece como primeiro ideal educativo formulado pelos gregos. É em Homero e nos chamados poemas homéricos, a *Ilíada* e a *Odisséia*, que tal ideal educativo aparece originalmente formulado. (LOBATO, 2001:26)⁸⁹

Os poemas homéricos ensinavam que a *areté*, a excelência e a virtude configuravam um privilégio para poucas pessoas, e que estes tinham uma condição interligada aos laços de sangue ou às qualidades particulares.

Portanto, como já foi apresentado, no mundo grego os poetas possibilitaram a disseminação da educação, conjugando sentimentos e emoções com a realidade societária e influenciando, sobremaneira, toda uma sociedade na qual aparece Homero como o mais influente de sua época.

De todo modo, a virtude segue a premissa de que o indivíduo deve ser capaz de cumprir seu papel. De acordo com Santos,

criança como filho, o escravo como trabalhador. O próprio artesão ainda que como homem livre, mas pobre, devia possuir uma virtude específica. Ora, Sócrates não via sabedoria nessas imagens da virtude. Pelo contrário, via nelas o motivo de muitos males (*paranomias*). Por isso, dialogava com os oprimidos, mesmo com as mulheres, como Teódota, Aspásia e Diótima, atribuindo-lhes muitas vezes sabedoria. (SANTOS, 2008:17)⁹⁰

88

LOBATO, Vívian da Silva. *Revisitando a Educação na Grécia Antiga: A Paidéia*. Belém: UNAMA. 2001.p.30.

⁸⁹ LOBATO, Vívian da Silva. *Revisitando a Educação na Grécia Antiga: A Paidéia*. Belém: UNAMA. 2001.p.26.

⁹⁰ SANTOS, Raimundo Araújo dos. Sócrates e o cuidado de si ou a terapêutica da alma. São Paulo: Revista Prometeus filosofia. Ano 1.n 2 Julho-dezembro. 2008, p. 17.

Dessa maneira, se a virtude concebida na Grécia às mulheres pauta-se apenas no ambiente doméstico, cabe questionar qual é a *areté* que se destacou frente a Safo, já que foi reconhecida na sociedade de sua época como participante do espaço público e privado.

A virtude, elemento primordial na *Paidéia*⁹¹ grega e parte significativa da educação integral, não era direcionada às mulheres, mas voltada à formação de um cidadão considerado virtuoso capaz de desempenhar qualquer função na sociedade. O exercício da virtude, ou seja, da *areté*, envolvia a educação física, a oratória, a retórica, a ciência, a música e a filosofia, além da educação espiritual, conforme Campos aponta:

Ora, as virtudes são atuadas pelo exercício repetitivo dos atos concernentes a elas. Eis a missão precípua da educação: educar para a virtude. Primeiramente, para as virtudes do corpo, visto que, como ao jovem cumpre ser guerreiro, mister é que possua um *corpo robusto*, e, como o corpo deve obedecer à alma, o jovem deve ser adestrado na obediência aos seus superiores. Posteriormente, segue-se a educação dos apetites, instintos e impulsos. Assim, o homem em desenvolvimento, aprenderá, pela sabedoria prática ou prudência de outrem, a subjugar às solicitações da sensibilidade, submetendo-as à razão. Seguir-se-á a esta educação para as virtudes éticas, a educação da parte mais alta da alma racional. Por ela, o homem desenvolverá as virtudes dianoéticas da sabedoria e, por fim, da sapiência, cujo cume está na contemplação. Tornar-se-á, então, apto para comandar o seu próximo, governando a cidade. Assim sendo, a educação deve ser patrocinada pelo Estado ao indivíduo, visando formá-lo na virtude, ou seja, fazendo com que ele desenvolva todas as virtualidades da sua natureza(...) (CAMPOS, 2010:13-14)⁹².

De todo modo, mesmo Safo não sendo considerada uma cidadã pela sua condição de mulher, criou uma escola que promovia a educação às mulheres de sua época, desenvolvendo virtudes nessas que visivelmente ultrapassavam o contexto privado.

Aotrar de virtude é importante também destacar aqui a obra aristotélica,

⁹¹ Para transmitir essa nova cultura, nasce um novo ideal de educação na Grécia, conhecido como *Paidéia*, que busca a formação do homem em suas várias esferas (social, política, cultural e educativa), ou seja, é uma educação mais antropológica e que considera o homem como um ser racional. Essa educação
LOBATO, Vívian da Silva. *Revisitando a Educação na Grécia Antiga: A Paidéia*. Belém: UNAMA. 2001.p.31.

⁹² CAMPOS, Sávio Laet de Barros. *A Política em Aristóteles: Educação para a virtude e contemplação*. 2010.p. 13-14.

Ética à Nicômaco, que compreende um tratado das virtudes humanas, as quais estão caracterizadas como intelectuais ou dianoéticas, e das virtudes morais. Somente por meio do hábito podem ser apreendidas as virtudes. Portanto, mesmo nas áreas em que havia guerras e batalhas, bem como na *ágora*⁹³ e na forma de sentir, a virtude deveria estar presente.

A virtude deveria estar disposta de modo a conduta ser boa e não má em face das paixões⁹⁴. Nesse sentido, tudo que fosse exagerado ou faltoso seria passível de condenação, sendo o equilíbrio das coisas o ideal.

Portanto, o que compunha o campo virtuoso do corpo político das lésbicas passa pela condição feminina da época, mas também por elementos estéticos e políticos, assim como a poesia de Safo de Lesbos que se destaca no período clássico. As variações de sua poesia vão do estético a política, da educação a religião, de *eros* a amizade. E conforme o fragmento ilustrado abaixo, a amizade (*philia*), elemento marcante de sua obra se lança ao seu pensamento:

às amigas adoráveis, meu coração,
para sempre fiel
(FONTES, 2003:415)⁹⁵

A virtude envolve a realização essencial do plano subjetivo e coincide com a própria alegria do rigor de ser leal àquelas que são amadas. Essa virtude, a lealdade⁹⁶, ocorre principalmente no processo da amizade e no sentimento de admiração presente, bem como o significado de manter ou preservar a amizade, a qual aparece como processo educacional fundamental. Parafraseando Aristóteles, a amizade não é só para os homens em particular, mas também para as pessoas comuns, e isso incluiu as mulheres.⁹⁷

⁹³ Na Grécia uma assembléia do povo, local da assembléia. HARVEY, Paul. Dicionário Oxford de Literatura Clássica, Grega e Latina. Inglaterra: Oxford University Press. 1987.p. 20.

⁹⁴ Por paixões entendo os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação, a compaixão, e em geral os sentimentos que são acompanhados de prazer ou dor; (...). ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 1105 b. 22- Vallandro e G. Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

⁹⁵ FONTES, Joaquim Brasil. *Eros, Tecelão de mitos*. Iluminaras: São Paulo. 2003. p. 415.

⁹⁶ Uma virtude moral. Deve-se ter cuidado com virtude que diz respeito às paixões e às ações em que o excesso é uma forma de erro, assim como a carência é uma forma de acerto digna de louvor; e acertar e ser louvado são características da virtude. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1985.

⁹⁷ Nessa época a aretê era entendida como superioridade, nobreza e um conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais tais como: a bravura, a coragem, a força e a destreza do guerreiro, a LOBATO, Vívian da Silva. *Revisitando a Educação na Grécia Antiga: A Paidéia*. Belém: UNAMA. 2001, p.27.

Importante também mencionar que a temática da amizade foi estudada por muitos filósofos, mas especialmente Aristóteles a definiu como umas das virtudes extremamente necessárias à vida, relatando que, por mais que se tenha um acumulado de bens materiais variados, estes não abarcam de forma suficiente a realização plena, sendo essencial a amizade.⁹⁸

Na questão sobre a amizade enquanto virtude, verificou-se que a *philia*, presente na obra sáfica, perpassa o entendimento de que esta promove a realização feminina, remete à felicidade⁹⁹.

Por conseguinte, cabe esclarecer que a virtude da amizade não é unívoca na obra sáfica, pois foi também composta pela exaltação a *eros* e ao amor, elementos que constituem o corpo político das lésbicas.

A figura de *eros*, divindade que engloba a força do amor e ainda o impulso criativo, foi descrita por Safo como

[Eros] dociamargo
 [Eros] que atormenta
 [Eros] tecelão de mitos
 (FONTES, 2003:409)¹⁰⁰

Seria *eros* considerado a paixão e em relação às virtudes ultrapassaria a moderação, assim o que deve ser observado é a justeza. Nesse sentido, fazia parte da educação feminina em Lesbos o aprendizado e conhecimento artístico, poético e erótico. As mulheres em Lesbos, mesmo sendo educadas se preparavam para desempenhar o seu papel de mulheres, sendo *eros* tema privilegiado para as virtudes femininas.

Segundo Marcondes,

Eros é o mais poderoso dos deuses e mesmo Zeus sente a sua força quando se apaixona por Hera sua irmã e futura esposa. É também *Eros* que faz Zeus descer à Terra sob forma de cisne para seduzir Leda e sob forma de touro para transportar a ninfa Europa através do Mediterrâneo, no mito das raízes gregas do mundo europeu. A força do *Eros* é irresistível até mesmo para os deuses, despindo Zeus nesses casos de sua própria divindade e fazendo-o assumir nem sequer a forma humana, mas animal. Seu poder se explica talvez porque mais originariamente, nos primeiros mitos que encontram sua

⁹⁸ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1985.

⁹⁹ Felicidade em geral é o estado de satisfação de alguém com sua situação no mundo. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. 2007, p. 505.

¹⁰⁰ FONTES, Joaquim Brasil. *Eros, Tecelão de mitos*. Iluminaras: São Paulo. 2003. p. 409.

formulação mais tardia posteriormente na mitologia grega, *Eros* seja, sobretudo, uma força cósmica, na origem mesmo do universo, de tudo. *Eros* é nesse sentido atração, aquilo que agrega, aglutina e desta forma organiza o Cosmos, em oposição ao *Caos*, a desordem, a desagregação. É do *Caos* que no mito originário surge *Eros*, que representa assim a própria criação. *Eros* se opõe também à luta, ou ao conflito (*Neikos*), como a força que afasta, repele, opõe. E são essas duas forças, *Eros* e *Neikos*, que num movimento dialético, geram o Cosmos e explicam o caráter dinâmico da própria Natureza (*Physis*)¹⁰¹.

Diante disso, o amor *eros* e a *philia*, presente no corpo político das lésbicas, destaca-se na poesia sáfica. Parafraçando Safo,

não sei como escolher:
em mim, há dois intentos
(FONTES, 2003, 99).

Safo se referia a *philia* e a *eros*? *Eros*, o amor erótico – carnal ou sexual, motivado pelo desejo – é considerado o amor da ambição e do sensualismo. Por conseguinte, *philia*, o amor – ternura, que se baseia na doação e no companheirismo, compõe esse corpo. Esses dois amores, este dois intentos *philia* e *eros* tão presentes no legado que Safo deixou por meio de sua poesia, representaria a condição de ultrapassar o lugar do doméstico? Seria uma tentativa de enredar as mulheres em outros espaços além do comum, do passível ao silêncio e ao formato patriarcal?

Em Lesbos, apesar de as mulheres também serem educadas para as tarefas de mãe e esposa, a educação era tida como essencial. Safo se sobressaiu por inaugurar um novo tempo para as mulheres de sua época, tanto que foi reconhecida por Ari

102.

Para Harvey, as mulheres,

¹⁰¹ MARCONDES, Danilo. *Amor e Amizade Eros e Philia*. INAE - Instituto Nacional de Altos Estudos. Rio de Janeiro. 2008. p. 2.

¹⁰² SCARINCI, Silvana Ruffier. *SAFO NOVELLA: a voz da poeta grega reapropriada por Barbara Strozzi (Veneza, 1619 – 1677)*. Revista eletrônica de musicologia. Volume XI - Setembro de 2007. Disponível em: < http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMV11/02/02-scarinci-strozzi.html>. Acessado em: 14 set. 2011.

(...)segundo a descrição de Homero e dos tragediógrafos, as mulheres desfrutavam de considerável independência. Penelôpeia, Nausícaa(...) Helena(...), etc., agiam e falavam com uma liberdade desconhecida das mulheres(...) (HARVEY, 1987:348).

Safo também foi uma mulher livre, elevando sua obra à criação plena. Por essa razão, mesmo em uma sociedade em que o espaço público era designado aos homens livres, conseguiu ser reconhecida por meio de sua obra na *pólis*.

A liberdade implica um problema de conteúdo e natureza, pois as mulheres não dispunham da liberdade política de decidir sobre o destino da cidade, bem como a questão da representação social na era clássica. A liberdade não acontecia no âmbito privado, local do feminino. Segundo Nuno,

(...)ao gênero feminino corresponde a natureza, a misantropia, a atividade doméstica, a imoderação, a noite, uma palavra, o caos ou tudo o que põe em perigo a ordem estabelecida. Aliás, Hesíodo usa mesmo o termo *genos* para se referir à mulher, o que significa que o autor considera o feminino um gênero distinto do humano. Todavia, a mulher é um mal necessário, pois sem ela não há continuidade da comunidade, visto que só no mito é possível o nascimento assexuado por patogênese. E é essa a razão pela qual é incessantemente procurada pelo homem. (RODRIGUES, 2001:88)¹⁰³.

Vale destacar que essa configuração das virtudes se mostra diferente das eras moderna e contemporânea, mas sem deixar de guardar memórias que refletem os demais períodos que seguem. Sendo assim, o corpo político das lésbicas estrutura-

o que significa o inumano?

Para Safo o inumano é descrito no poema de sua autoria Anaktória, pois com a crise no governo da época e as decorrentes escolhas políticas, em certo sentido refletiu sobre a sociedade, bem como a divergência existente na época:

É um batalhão de infantes ou de cavalheiros
- dizem outros que é uma frota de negras naus
a mais linda coisa sobre a terra para mim,
é quem tu amas.
E como é fácil fazer clara essa verdade
para o mundo, pois aquela que triunfou

¹⁰³ RODRIGUES, Nuno Simões. *A mulher na Grécia Antiga. In A Mulher na História - Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher*. Moita: Câmara Municipal da Moita / Departamento de Acção Sócio-Cultural. 2001.p. 88.

sobre o humano em beleza, Helena, seu marido,
o mais nobre dos homens,
abandonado, para Tróia navegou;
para a filha, os pais queridos nem um só
pensamento voltando: arrastada
[
[por Kýpris
[
agora, esta lembrança: Anaktória
]daqui tão distante;
aquele modo de andar que acorda os desejos
e cambiantes brilhos, mais eu queria ver, no seu rosto,
que soldados com panóplias e carros lídios
[em pleno combate]
]sua parte não pode esperar
]o humano [] mas desejá-la.
...
inesperadamente. (FONTES, 1992:55)

Dessa maneira, Safo traz especialmente, nesses versos, uma reflexão acerca dos acontecimentos na *pólis*, nos quais as escolhas políticas da época eram pautadas pelos elementos dos espaços privado e público. Em que virtudes são expostas a exemplo do amor quando reforça que a coisa mais linda é quem se ama.

E, portanto, Safo, que foi considerada a décima musa¹⁰⁴ por Platão, participando da vida pública e conseqüentemente da vida política, destacou-se na *pólis*. Dessa forma, o legado deixado por Safo contribuiu para a formação de uma nova corrente de pensamento com inspirações estéticas e políticas o lesbianismo.

Safo imortal e atemporal é personagem nodal na compreensão da constituição do corpo político das lésbicas.

¹⁰⁴ As musas são entidades mitológicas a que são atribuídas a capacidade de inspirar a criação artística ou científica; na Grécia, eram as nove filhas de Mnemosine e Zeus. HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica, Grega e Latina*. Inglaterra: Oxford University Press. 1987.p. 350.

CAPÍTULO II

FOUCAULT E O CORPO POLITICO DAS LÉSBICAS

1. Do corpo foucaultiano:

O corpo sempre esteve presente no desenrolar da história. Constituído sucessivamente enquanto matéria da natureza política¹⁰⁵, foi caracterizado neste conforme segue se constituirá em outros formatos.

O corpo, a partir da concepção mais antiga e tradicional definido como instrumento da alma, será aqui compreendido segundo uma concepção moderna enquanto fenômeno da expressão política que envolve elementos e representações.

Foucault analisou o corpo na era moderna e no contexto capitalista, afirmando que

No momento que se desenvolve a sociedade capitalista, o corpo, que era até então diz Van Ussel

exigências da produção. Donde uma cisão, uma censura, no corpo, que é reprimido como órgão de prazer e, ao contrário, codificado, adestrado, como instrumento de produção, como instrumento de desempenho. (FOUCAULT, 2002:299)¹⁰⁶.

(*im*)possibilidades da ação e reação ofertadas cotidianamente, tornou-se uma do poder¹⁰⁷, composto por elementos diversos.

Dessa maneira, o corpo político aqui definido reúne o conjunto de caracteres significantes a partir dos fenômenos¹⁰⁸ sociais ou segundo os acontecimentos

¹⁰⁵

vida começa a problematizar-se no campo do p
(FOUCAULT, 2005:288)

¹⁰⁶ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p. 299.

¹⁰⁷ Termo controverso e complexo que para Arendt era um dado da realidade social presente em todas as sociedades e que permeia todas as dimensões da vida humana. BARRETO, Vicente de Paulo. *Dicionário de Filosofia Política*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

¹⁰⁸ Objeto do conhecimento humano, qualificado e delimitado pela relação com o ser humano. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

históricos. Cabe, assim, esclarecer que o formato deste corpo a ser investigado foi constituído por memórias determinantes à contemporaneidade. E esse corpo político referendado é o das lésbicas, o qual se originou na Grécia, especificamente na antiguidade clássica¹⁰⁹.

Ao refletirmos sobre o corpo político das lésbicas, procurou-se compreender os elementos e os aspectos que o compõem. Tal interesse surgiu devido à dimensão abarcada por esse corpo e a ideia inserida nessa instância, denominado aqui de

110

O corpo político das lésbicas seguramente deparou-se com discursos e enunciados consolidados em verdades absolutas, e, segundo instituições de cunho

Nesse sentido, ao identificar a constituição desse corpo em constante movimento, constatou-se o quanto este foi modificado e moldado, em um esquema contínuo de manipulação. Sujeitado, então, o corpo político das lésbicas foi padronizado em meio às normas estabelecidas socialmente.

É evidente que, desde a era clássica até a atualidade, a presença do poder impôs efeitos dominantes frente à potencialidade e a constituição desse corpo, o qual foi considerado indigno e desprezível¹¹¹.

A prática de sujeitar esse corpo ocorreu a partir de uma mecânica multifacetada do poder, o qual fez surgir engrenagens bem articuladas que acabaram por recair sobre este. Tais intervenções se tornaram, desse modo, uma

corpo, também criou novos modos de defesa.

Naturalmente, as engrenagens de poder presentes na constituição do corpo político das lésbicas, marcas que assim foram cunhadas, definindo-o até mesmo

¹⁰⁹ Este foi o período que se estende aproximadamente do século VIII a.C., com o surgimento da poesia grega de Homero, à queda do Império romano do ocidente no século V d.C., no qual se destaca as civilizações mais marcantes, a Grécia e a Roma antigas. POMIAN, K. *Periodização. Enciclopédia Einaudi*, vol. 29. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993, p.164-213.

¹¹⁰ Este corpo significa a simplificação a partir das necessidades de sobrevivência.

¹¹¹ Configurações de negatividade em relação às mulheres lésbicas como indivíduos, como um casal, como família ou como um grupo social. PETERSEN, Cynthia. *Living Dangerously: Speaking Lesbian, Teaching Law*. Canadian Journal of Women & the Law, 1994. 7(2).

num sentido, se não absolutamente estrito, pelo menos um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso, e eu não queria empregá-los nesse sentido. Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, dever-se-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria categoria do grotesco ou do ubuesco. (FOUCAULT, 2001:15)¹¹²

O grotesco se instituiu sobre este corpo, desqualificando-o. Ao contrário do constituído e autoritário. Desse modo, foi fundada a genealogia do poder¹¹³, uma dinâmica das relações-micro presentes na sociedade. Pois por toda parte há um essa classificaç -lo grotesco e ubuesco?

O corpo ubuesco¹¹⁴ se origina das relações de poder. Nessas relações, os corpos são disciplinados intensamente, e as ações das mais simples até as consideradas mais complexas são produzidas com o intuito de tornar o corpo

Notadamente, os efeitos do poder sobre o corpo político privaram-no do justamente por não se enquadrarem ao que foi estabelecido em sociedade como

Assim ocorreu com o corpo político lesbiano. Um momento da história que imergiu este corpo na escuridão está situado na Idade Média¹¹⁵, no momento da visitação do Santo Ofício no século XVI, ocasião em que foi condenado e

¹¹² FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p. 15.

¹¹³ Termo usado pó Foucault inspirado em Nietzsche sobre os nexos do poder. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.p.894.

¹¹⁴ Personagem Ubu, de Alfred Jarry, na peça Ubu Rei, escrito entre 1885 e 1888 encarna o "todo o grotesco que existe no mundo", Jarry escreve a comédia, *Les Polonais*, a versão mais antiga do *Ubu rej*. (1896). ARNAUD, Noël. JARRY, Alfred. *d'Ubu roi au Docteur Faustroll*. La Table Ronde, 1974.

¹¹⁵ . MOTT, Luiz. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/colenc.01.a09.pdf>> Acessado em: 13 nov. 2011.

denominado como nefando¹¹⁶

em conformidade com a norma. Vale reiterar a seguinte indagação: de que norma se trata? Sabe-se que aquilo que está em consonância com a norma poderá transitar livremente pelos caminhos considerados como socialmente realizáveis.

-se à ideia do todo que deverá seguir o conjunto das regras¹¹⁷ - estas instituídas a partir de padrões ditados à condição do que é possível.

A articulação dessas categorias possibilita a compreensão da acepção que foi impressa na formação do corpo político das lésbicas na totalidade¹¹⁸ social. Nesse caso, quando se pensa na constituição desse corpo, e no que pode ser possível para este, verifica-se que o corpo¹¹⁹ deveria estar em conformidade com a norma - e esta por sua vez entendida a partir da efetivação de um valor. Desse modo, então cabe esclarecer que a ideia de valor tem como base a origem estoíca¹²⁰.

Contudo, infere-se aí o conceito de valor atribuído ao corpo segundo a máxima contida na ideia de normalidade ou anormalidade.¹²¹ Assim, se o corpo se mostrar diferente do que foi normalizado, logo seria retaliado e qualificado como

Filosoficamente, o valor conferido ao corpo, ao considerá-lo como um todo, implicou certas escolhas que foram eleitas. Desse modo, essa valoração perpassa o processo marcado por concepções que são definitivamente categóricas,

¹¹⁶ Aqui significa a relação sexual entre Filipa de Sousa e outra mulher. FILIPA DE SOUSA. Disponível em: < http://felipadesousa.org/index_arquivos/filipa.pdf>. Acesso em: 16 set. 2011.

¹¹⁷ Kant denominava de condição geral a qual certa multiplicidade pode ser submetida. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 988.

¹¹⁸ Aqui compreendido como condição de ser completo. Unidade complexa e auto-suficiente, composta de partes ou elementos, no mais das vezes definida pelo tipo de relação que tem com suas partes ou elementos. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 1145

¹¹⁹ Imagem física determinada e uniforme que pode ser descrita como fenômeno de expressão ou como um conjunto de atitudes ou como fenômenos que dizem respeito a todos os órgãos possíveis. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.246.

¹²⁰ Relativo ao estoicismo, esta que foi uma doutrina filosófica fundada por Zenão de Cítio, que afirma que todo o universo é corpóreo e governado por um logos divino. Dividiu a filosofia em física, lógica e ética. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 437.

¹²¹ Valores em geral deve ser objeto de preferência ou de escolhas. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.p.65.

incutindo, assim, verdades (in)contestáveis.

qualificado e enquadrado em valores traduz a ideia de que existe o corpo certo e o corpo errado, dando um valor real e complexo, pois o que é certo e, ou, errado?

Essas estruturas, certo e errado, estão condicionadas ao conjunto de normas de conduta consideradas como válidas ou não em sociedade. A formação do corpo político das lésbicas está envolvida por valores. Como um corpo que *a priori* carrega o signo de erro, sendo censurado, dessa maneira o conceito que mais se aproxima é

Tais

¹²² corpórea, ou seja, na formação

concepções. Essas concepções normalizaram o corpo ao longo do tempo através do contínuo e incontestável movimento do poder-saber. Assim, saberes médico-científicos e jurídicos, como bem descreveu Foucault, criaram uma articulação institucional horizontal soberana:

Essa emergência do poder de normalização, a maneira como ele se formou, a maneira como se instalou, sem jamais se apoiar numa só instituição, mas pelo jogo que conseguiu estabelecer entre diferentes instituições, estendeu sua soberania em nossa sociedade(...). (FOUCAULT, 2002:32)¹²³

Assim, a expressão tão comumente usada constitui exemplo de como o poder de normalização se destaca no cotidiano das pessoas. Mas o que significa ter uma vida normal? O significado, com toda certeza, passa pela garantia de que a vida está de acordo com os costumes e as normas estabelecidas. Sendo assim, não pode ser pensada de outra forma, e, caso se cogite

entendido como ameaçador e abominável. A ideia de ameaça está articulada com os aspectos jurídicos, e o axioma abominável está interligado com os aspectos médico-científicos.

Como pode ser verificado, a concepção de ameaça e de abominável ainda se

¹²² Cultura que indica o produto de formação dos modos de viver e de pensar que são cultivados. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.p.861.

¹²³ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p. 32.

faz presente no século XXI, como demonstra a declaração do Ministro da Saúde da

¹²⁴. Importante esclarecer que a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da listagem de doenças mentais desde 1990. Obviamente que a força da declaração ocupa-se de uma composição histórica, em que o poder instituído sobre o corpo lesbiano absolutamente fundamenta o campo normalizador.

Sendo assim, como já explicitado, o poder se cerca de técnicas maximizadas e bem analisadas, ágeis para que se proceda a inclusão por meio das normas. E por esta razão, o poder está ligado ao conhecimento e ao conjunto de ideias políticas e técnicas da normalização aplicada ao domínio naturalizante, estabelecendo, de forma bem acertada, os papéis a serem seguidos socialmente, delimitando assim o certo e o errado.

2. Foucault - o corpo-poder:

Para Foucault, é um erro considerar que o poder é somente um mecanismo negativo de repressão, já que este pode articular e ter a função de proteger, conservar ou reproduzir relações. Segundo o pensador, também é um erro considerá-lo como algo que se situa em relação ao jogo das forças em nível superestrutural.

A afirmativa foucaultiana sobre o funcionamento do poder se mostra clara:

(...) em suma, a ideia de que o poder tem por função essencial bloquear o processo de produção e fazer que este beneficie, numa recondução absolutamente idêntica das relações de poder, certa classe social, não me parece referir-se ao funcionamento real do poder nos dias de hoje, mas ao funcionamento do poder tal como podemos supô-lo(...). (FOUCAULT, 2002:63-64)¹²⁵.

poder instituído tornando-o incluído socialmente por meio das normas, mas isso se deu no processo de tentativa de modificação do corpo político lesbiano. Essa tentativa de transformação do corpo está fadada ao fracasso e é extremamente

¹²⁴ O GLOBO. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/07/05/ministro-da-saude-da-india-diz-que-homossexualidade-doenca-924835134.asp#ixzz1SxknAxbI>>. Acesso em: 21 set. 2011.

¹²⁵ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p. 63-64.

absurda, embora tenha se alastrado no século XVIII e início do século XIX, transformando esse corpo em uma espécie de monstruosidade.

O co denominado de monstro. Esse corpo, que deveria ser corrigido a partir do conjunto de normas, passa a existir em meio um jogo conflitado.

Desse modo, esse corpo deve ser corrigido, pois, como monstro, é por definição uma exceção, algo absurdo. Marcado pela ideia fixa de correção e submetido ao aparecimento do sistema de regularidades¹²⁶, tal corpo se estabeleceu em meio à rede de saberes e poderes que foram bem instituídos para mudar a sua essência.

Destaca-se ainda, que as instâncias de poder não são independentes umas das outras, não obedecendo ao mesmo tipo de funcionamento e não dispendo de um mesmo padrão técnico. Da mesma maneira, constituem-se como instâncias de saber, as quais organizam, codificam e articulam o funcionamento das normas.

E tais procedimentos organizados e normatizadores, identificados como como algo a ser transmutado, situado e atravessado para gerar a eficiência desejada. Este corpo dos investimentos e contra-investimentos, este corpo-batalha, batalha entre os signos do que é certo e o errado, revela-se agora disciplinado.

Como o poder se desenvolveu sobre o corpo político das lésbicas? Certamente existem determinados padrões que foram introduzidos e utilizados como algo estruturante para manter uma determinada ordem e, assim, normalizar esse corpo. Foucault não trata do poder em relação às lésbicas, classes ou grupos determinados, nem tampouco trata do poder universal, mas o compreende como existente e circular presente em toda parte.

O poder não tem um alcance global que se converte em regra geral, nem muito menos em lei, pelo contrário o controle do soberano seria a forma terminal dessa prática. E o soberano aqui designa as instituições, jurídicas, médicas, religiosas e familiares tradicionalistas que são bem articuladas e circulares.

Destaca-se ainda, a existência dessa circularidade que dá sentido ao poder

¹²⁶ de sorte que toda tarefa crítica, pondo em questão as instâncias do controle, deve analisar ao mesmo tempo as regularidades discursivas através das quais elas se formam; e toda descrição
FOUCAULT, Michel.
A ordem do discurso. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.
Tradução: Graciano Barbachan. 2004. p.25.

que se apresenta por todas as partes. E imbricado nas instâncias filosófica, social e histórica, o poder é construído de forma a se originar a partir de situações estratégicas e complexas na sociedade.

Essas relações de poder instituídas e circulares atravessam todos os campos e corpos, ocorrendo e se manifestando em maior e menor amplitude uma força que se faz presente de forma tensa. Essa tensão¹²⁷ presente se faz pela conexão complementam e se opõem.

O significado da força presente nessas relações produz uma crise e expõe a capacidade construtora ou a infalibilidade dos efeitos de tais investidas. Força, no que diz respeito às interpretações filosóficas, é concebida como esquema uniforme e consistente, integrado à experiência humana.

Então, ao considerar os pressupostos da tensão e a força gerada, verificou-se a existência das categorias dominação e repressão presentes na formação dessa relação de poder justaposto ao corpo lésbico.

Então a dominação e a repressão se apresentam no contexto societário em meio a conjectura da tensão e força gerada. A análise acerca do poder e a ascendência sobre o corpo é entendida, pouco a pouco, nos processos de formação do poder (dominação e repressão) que se desenvolve nas relações micro.

Para Foucault,

Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não

manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvenda neles antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade (...).(FOUCAULT, 1991:29)¹²⁸

Tais mecanismos de poder tomam o corpo apropriando-se deste. Foucault trata desse tema em sua obra *Vigiar e Punir*, quando aborda os excessos dos suplícios e do poder do soberano¹²⁹ no exercício de fazer morrer ou viver.

No século XIX, instalou-se uma nova forma de poder: o corpo foi visado,

¹²⁷ Indica um estado latente de conflito. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.p.1118.

¹²⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: editora Grall, 1991.p. 29

¹²⁹ Instituições jurídicas, médico-científicas, religiosas e familiares.

ue é fazendo a história das relações entre o corpo e os mecanismos de poder que o investem que podemos chegar a compreender como e por que, nessa época, esses novos fenômenos (...)

130

As novas técnicas de poder se expandem, conduzindo a vida, direcionando-a. E, visivelmente, existe uma produção do poder autoritário em torno do corpo, que tenta corrigi-lo, treiná-lo, controlá-lo.

A onipresença do poder, segundo Foucault, foi e é produzida a todo instante, estando presente na totalidade societária. O Estado, envolvido na efetivação das normas e também na dominação, criou a biopolítica.

3. A biopolítica e o corpo lesbiano:

A biopolítica¹³¹ intervém diretamente sobre o corpo das lésbicas e apresenta-se definida nos processos políticos, a exemplo da ideia de cura sobre a homossexualidade. Essa prática em muitas culturas e países aconteceu e advém, deliberadamente, do tecnicismo dos saberes tão recorrente no século XIX, o qual incidiu diretamente no corpo lesbiano. Foucault expressou, em sua obra *Em Defesa da Sociedade*:

(...) essa crítica local se efetuou, parece-me, por aquilo, através

que, nesses anos que acabaram de passar, era comum encontrar, pelo menos num nível superficial, toda uma

-me que debaixo de toda essa temática, através dela, nessa mesma temática, o que se viu acontecer foi o que se poderia chamar de insurreição dos

132

efetivamente o corpo político lesbiano, sendo constituído frente aos muitos conhecimentos científicos que colocam a *bio* como tema central das discussões.

¹³⁰ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p.271.

¹³¹ Tomada de poder sobre o corpo, uma anátomo-política do corpo humano. Conjunto de processos de natalidade, mortalidade juntamente com a porção de problemas econômicos e políticos. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 2005. p. 289-290.

¹³² FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p.11.

viria a ceder, total ou parcialmente, p
(FOUCAULT, 2005:20)¹³³

Entre os elementos constituintes do poder estão tanto o mecanismo repressivo quanto o de dominação. Tais mecanismos se reproduzem nas relações sociais utilizando-se de formas organizati públicos e privados. O corpo das lésbicas, desse modo, na era moderna se forma em meio aos mecanismos repressivos, a exemplo dos inúmeros exames de cunho médico-psiquiátrico que patologizaram as práticas tidas como contrárias à normalidade, ocorrendo, assim, a sujeição desse corpo.

Nota-se uma submissão do corpo, além de uma realização das funções puramente *biológicas*¹³⁴, é o emprego naturalizante das normas. Está aí a ideia da biopolítica, que constituiu o corpo, transcrevendo enredos por meio de técnicas que conformam esse na garantir de uma ordem social. E assim, as inúmeras tentativas de normalização deveriam fornecer respostas adequadas por meio da regulação do corpo.

Progressivamente, essa realidade foi-se instalando em diversas sociedades: houve a concretização disciplinar, estabelecendo um funcionamento das relações. A disciplina, segundo a lógica de Foucault, quando se trata do poder, ultrapassa os liames do corpo humano, na verdade atinge a *bio*, regendo a multiplicidade dos processos de vida e de morte humana e assim constituindo dois processos a individualização e a massificação , uma passagem do anátomo-político para a biopolítica, como anota o filósofo¹³⁵.

Esta biosfera¹³⁶, que comporta a individualização e a massificação, traduz a vida na totalidade condicionada à normalização. Esses processos que principiam a regulação do corpo, em meio às categorias biopolítica, aperfeiçoaram o pensamento acerca da dominação do corpo.

Foucault, em sua obra *A Vontade de Saber*¹³⁷, descreveu as relações

¹³³ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 2005. p.20.

¹³⁴ Ciências dos corpos vivos. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹³⁵ Foucault denominou de biopolítica humana. FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 289.

¹³⁶ Termo usado por Le Roy. As conferências de Le Roy tem sido publicadas somente em francês: *L'exigence idéaliste et le fait d'évolution*, Paris, 1927, p. 126.

¹³⁷ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

estabelecidas em meio a um contexto político e também sexual. As relações são e estão permeadas por questionamentos acerca da verdade. O discurso posto e bastante difundido se destaca a partir da idéia de repressão sexual este suposto modo fundante do poder que se utiliza das leis para efetivar interdições, a irrupção da palavra e toda a nova economia dos mecanismos de prazer.

A biopolítica é, sem dúvida, o principal regulador da sexualidade, inerente ao corpo político das lésbicas, bem como o dispositivo de sexualidade¹³⁸ e os mecanismos e técnicas de poder.

Já em sua obra *Microfísica do Poder*, Foucault define tais práticas como amplificadoras da acumulação heterogênea, compreendendo o pensamento de cunho científico, moral, filosófico e religioso tão presente nesse período nas organizações arquiteturas até as determinações normativas.

O corpo, entendido como expressão da política, ou melhor, como instrumento político, foi e é ainda regulado pelos elementos repressão e proteção para a normalização. Segundo Foucault (1988), o juízo biologizante destaca-se no sexo, assim a sexualidade é uma construção histórica. Do século XVIII para o XIX, a sexualidade percorreu um caminho categórico transformando-a em artefato da ciência, passando a ser controlada e vigiada.

E, dessa forma, a sexualidade, objeto de controle, tornou-se uma das razões principais para a efetivação da normalidade. Tal aperfeiçoamento incide em uma racionalização da sexualidade e do conhecimento produzidos na vontade de saber em torno do sexo, trazendo, assim, o axioma do que é certo e errado na constituição do corpo das lésbicas.

Um corpo político que trilhou caminhos: o normalizador e outro da resistência. O corpo normalizado, formado e dissecado em meio à *Vontade de Saber*, inventou estratégias de defesa para sobreviver às inúmeras inserções técnicas para torná-
-se em meio a uma verdade inventada.

Já o corpo-resistência valorou a verdade desnuda e apontou para a sexualidade autêntica e a veracidade da sua constituição. Esse segundo caminho destaca-se pelo saber da verdade sobre si, o que conduz o à essência verdadeira.

¹³⁸ Michel Foucault afirma que o dispositivo de sexualidade está articulado com a economia por meio dos corpos, que são concebidos como objetos de saberes, então a sexualidade tornou-se então um dispositivo de sujeição, e a primeira pessoa a ser dissecada foi a mulher histórica, burguesa e ociosa. FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Então, precisamente, a constituição do corpo político das lésbicas calçou-se na segunda formação, o corpo-resistência, já que aparece na contemporaneidade com a verdade sobre si manifestando-se por meio da intensa afirmação social, mostrando o que verdadeiramente é. A sexualidade principal aparelhamento deste corpo foi articulada na totalidade social formando, assim, uma identidade.

Comumente, a história demonstra explicitamente a materialidade da sexualidade (sexo e do prazer) como algo que deve estar dentro de certos padrões. Assim, a sujeição às normas não foi uma falácia, mas uma verdade, já que o corpo enquanto expressão política se tornou alvo e através da sexualidade, foram examinados minuciosamente com o ímpeto de modificar tudo que fosse tido como

Dessa maneira, questiona-se como o corpo das lésbicas foi sujeitado às verdades inventadas e como isso poderia fazer perder sua condição política? Como saber o que é o próprio corpo político, quando este é dissecado e reinventado socialmente?

Tais questões propostas incidem na busca do entendimento acerca do contexto biopolítico que foi proposto ao corpo das lésbicas a partir do significado de verdades inventadas, imprimindo-lhe novas formas de resistência.

O que se denomina verdade inventada é o pensamento sobre o procedimento realizado que qu
verdade inventada tratada aqui, e assentada aos corpos das lésbicas, circunda o pensamento qualificando-
consolida normalização ou a resistência?

Afirma-se, então, a partir das ideias circunscritas como verdades que estas se baseiam em um conteúdo denominado como certo e errado, estando pautadas por elementos que se multiplicam e formam novos eventos verdadeiros de forma inventada ou uma verdade sobre si, portanto própria.

O poder se consolida nas verdades produzidas. Segundo Foucault, não é o poder que esconde e reprime a sexualidade, mas, contrariamente, este se faz produtor de respostas adequadas às questões, tornando os corpos sujeitados e normalizados. Tal poder dá o sentido ao corpo e fabrica a identidade, fazendo acreditar que essa sujeição seria a libertação.

Mas o que significa o termo liberdade? Em sua obra *História da Sexualidade*, Foucault considerou que a mesma se tornou um meio de dominação e que a

liberação sexual submete o desejo.

Manifestou ainda, no volume *Cuidado de Si*, que *aphrodisia*¹³⁹ - para os - sobre a qual incidem práticas de controle próprio, exercícios refletidos de liberdade, representava, portanto, o

liberdade. A liberdade que incide sobre o controle de si permeia a vontade e o desejo¹⁴⁰. O significado de vontade é o modo de proferir as coisas, sendo assim o corpo dotado de vontade e desejo envolve a sexualidade.

E sendo a sexualidade inerente e essencial à constituição do corpo político das lésbicas, esta se caracteriza pela imanência política que está circunscrita na hipótese repressiva e nas representações de resistência.

A obliquidade sobre o corpo-resistência envolve liberdade sexual.

Foucault argumentou contra a sustentação única da hipótese repressiva, apontando para a junção indissociável do caráter político com a sexualidade e os mecanismos de poder presentes no processo desta formação. Sendo assim, esclareceu que não existe uma lésbica, uma histórica, uma mulher exibicionista, independente dos mecanismos de poder, são constituídos em meio à junção política e ao poder, originando-se na biopolítica.

4. Corpos safistas - da repressão:

A repressão não é apenas uma decorrência, mas também uma característica histórica da constituição do corpo político das lésbicas. A era da repressão está presente em muitos períodos da história, como nas Idades Média, Moderna e Contemporânea. Foucault, de forma contundente, demarcou os séculos XVII ao XIX como períodos importantes no debate acerca da sexualidade, afirmando que ocorreu

) a institucionalização da psiquiatria no século XIX; (...) o esboço de uma história da sexualidade ou, em todo caso, de uma história do saber da sexualidade através das práticas de confissão no século XVII ou dos controles da sexualidade infantil nos séculos XVIII-XIX; a localização da gênese de uma

¹³⁹ Busca do prazer que dá ao homem uma maior liberdade. FOUCAULT, Michel. *L'herméneutique du sujet – cours au Collège de France. 1981 – 1982*. Gallimard le Seuil, Paris, 2001. FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité III: Le souci de soi*. Paris: Gallimard, 1984.

¹⁴⁰ Significa apetite que impele a um ser vivo a ação. Para Aristóteles o desejo é o apetite do que é agradável. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

teoria e de um saber da anomalia, com todas as técnicas que lhes são vinculadas. (FOUCAULT, 2005:6)¹⁴¹

As consequências da repressão em relação à sexualidade podem ser apreciadas a partir da imposição direta das técnicas e saberes conforme foi relatado por Foucault, especialmente no que se refere à manifestação da sexualidade que deveria estar sob controle das instituições.

Tal manifestação ocorrida foi configurada em meio à genealogia técnica das instituições. Houve, assim, uma insurreição do saber, e na avaliação de Foucault: não se trata de forma alguma de opor a unidade abstrata da teoria a multiplicidade (FOUCAULT, 2005:13)¹⁴².

Em certo sentido, a genealogia aqui tratada estaria caracterizada como a subversão do conhecimento, no qual se verifica a descentralização dos saberes e o rompimento com a unicidade técnico - científica.

Por conseguinte, Foucault vai contestar a realidade histórica na interdição do discurso sobre o sexo e os mecanismos de poder que operam no sentido de restringir a sexualidade. Assim, a proliferação da fala sobre o sexo se intensifica. Um exemplo evidente é o que aconteceu no século XVI, com o Concílio de Trento, o qual modificou as instruções acerca da confissão religiosa, aumentando, desse modo, as pressões sobre seus freqüentadores.

Já no final do século XVII, as reprimendas religiosas se desenrolam no sentido de uma energização junto à confissão. A sexualidade mostrada por meio das falas tornou-se uma exigência cada vez mais comum e meticulosa, desviando o ato sexual em si para os pensamentos e sentimentos que o cercavam.

E o corpo se tornou a origem de toda iniquidade. O momento mais significativo é a atrocidade dispersada sobre este. É preciso perseguir os mais ínfimos refúgios do pensamento, do desejo e da vontade, referências nas minúcias cotidianas que devem ser expostas na confissão e disciplinadas de acordo com a normalidade.

Os discursos sobre a sexualidade não se reduziram aos zunidos disfarçados dos confessionários, insurgem também nas disciplinas escolares e instituições do Estado.

As escolas têm o saber acerca da sexualidade dos alunos como algo que

¹⁴¹ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p.6.

¹⁴² FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p.13.

deve ser facilmente controlado. Tal questão é determinante para os códigos internos, para o condicionamento do colegial nos dormitórios, nos lavatórios. E, dessa maneira, o estudante e a sua sexualidade seguiriam todo um protocolo de condutas, advertência, observações e esquemas institucionais arquitetais¹⁴³.

No século XVIII, surge, em meio às instituições estatais, o discurso estruturado de forma racional sobre o sexo em um contexto no qual se sobressaem as tecnologias para o exercício do poder e da dominação. Para os maquinismos de poder, a sexualidade é ponto central para inserção dos elementos regulatórios, como também dos procedimentos normalizadores para o benefício da sociedade. Nesse período, o sexo é assunto de Estado.

Foucault analisou outros focos de propagação das falas acerca da sexualidade em que a medicina, através da interposição das doenças qualificadas como nervosas, conecta ao seu domínio próprio o conjunto das perversões sexuais.

Desse modo, a repressão, ao contrário do que se pensa, não se ocupou do silêncio em torno do tema, mas da propagação dos discursos reunidos para o deleite religioso, as práticas governamentais, os princípios educacionais e pedagógicos na consolidação das normas e proposições científicas.

A hipótese repressiva, a partir de uma perspectiva diferenciada dos domínios discursivos, mostra que, ao invés de limitar a sexualidade a sociedade, amplia as maneiras do modelo, instaurando modalidades intituladas de perversidades, aberrações e anomalias sexuais.

As anomalias sexuais marcaram o corpo político das lésbicas, o qual esteve circundado pelas ideias de medo e perigo e que, ao ser denominado corpo pervertido, resistiu às barbáries da normalização. Por perversão compreende-se a natureza contrária ao que se entende como normalidade. E o corpo tido como

Esse enquadramento se refere a um projeto institucionalizado para a transformação da condição de inadequação do corpo das lésbicas a partir de uma estratégia de padronização.

Para tanto, o padrão referido está presente em tudo da imagem mais simplista desse corpo perfeito até a mais complexa. Portanto, ao se pensar no

¹⁴³FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

-se na representação social de um corpo funcional. Foucault esclarece que um corpo funcional se constitui a partir de duas noções: a repressão e a relação belicosa, presentes nos mecanismos de poder e do poder político.

Obviamente, o corpo político das lésbicas vem adquirindo ao longo do tempo uma verdade em si, desenvolvendo mecanismos de resistência, mudando o padrão e o conceito do que é considerado normalidade. E, assim, mesmo nesse jogo biopolítico, o qual se apropriou do corpo das lésbicas no século XIX, observou-se, ao longo deste estudo, que em certas passagens históricas surgiu a ideia de resistência. Porém, mesmo resistindo, o poder se assegurou abertamente do controle sobre a conduta individual e também da multidão¹⁴⁴. Esse processo influenciou, com efeito, a formação do corpo das lésbicas, intensificando e consolidando as relações de poder sobre esse.

Precisamente, esse corpo foi e ainda é qualificado como aberração em muitas sociedades, sendo invadido por técnicas de dominação, que o tornam disciplinado. O disciplinamento segue um fluxo de dominação, há a garantia de ganhos para o desempenho eficiente e a multiplicação do poder sobre a *bio*.

Pensar nos mecanismos de poder no modo como alcança a política é compreender, a partir das palavras de Foucault, que

mecanismos entre dois pontos de referência ou dois limites: de um lado, as regras de direito que delimitam formalmente o poder, de outro lado, a outra extremidade, o outro limite, seriam os efeitos de verdade que esse poder produz, que esse poder conduz e que, por sua vez, reconduzem esse poder. Portanto, triangulo: poder, direito, verdade. (FOUCAULT, 2005: 28)¹⁴⁵

Essa triangulação(poder, direito e verdade) qualificou o corpo político das lésbicas. São múltiplas as relações de poder que constituíram esse corpo submetido ao poder da produção de uma verdade voltada ao funcionamento adequado, o da normalidade.

¹⁴⁴ Multidão é o nome de uma imanência. A multidão é um conjunto de singularidades. A partir dessas premissas, podemos imediatamente começar a esboçar a trama de uma definição ontológica do que resta da realidade, no momento em que o conceito de povo é libertado da transcendência. A maneira pela qual o conceito de povo foi delineado dentro da tradição hegemônica da modernidade é de todos bem conhecida. NEGRI, Antonio. *Pour une définition ontologique de la multitude*. Revista Multitudes n.9, Ed. Exils, Paris, p. 36-48.

¹⁴⁵ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p.28.

Paralelamente, pode-se dizer que a qualidade dada ao corpo, considerado uma aberração, está implicada politicamente, misturando dominação e resistência a partir da alusão enredada em seu processo constituinte.

disciplinado e adequado
ou resistente à dominação questionador.

É a partir da segunda metade do século XIX que o corpo aparece como principal campo de intervenção para a psiquiatria e o judiciário, e é no espaço privado que irá ser avaliado minimamente.

Porém, todo esse contexto se mostra atualíssimo, pois recentemente ocorreu um fato no continente africano, exatamente na cidade de Khayelitsha, no qual as lésbicas, em nome da normalidade, passam pelo o estupro corretivo, uma punição para corrigir o corpo anormal.¹⁴⁶

O que está por detrás de tal fato? Pode-se inferir que esse acontecimento representa um precedente do poder e, como bem qualificou Foucault, que se denomina de régio, instituindo a máxima do soberano¹⁴⁷.

Assim, nas sociedades ocidentais, há investidas do poder sobre o corpo vivo, o soberano adequa as normas de modo a conservar e legitimar o seu poder.

A estruturação do poder e a sua legitimidade adentraram os espaços privados¹⁴⁸, infere-se que o poder do soberano¹⁴⁹ penetra todas as coisas de forma imperceptível. Isso significa que o poder, apesar de não ser algo simples, está presente nos espaços considerados simples, a exemplo da escola onde se estrutura a relação entre aluno-aparente das formas do poder frente ao corpo das lésbicas, identificou-se a os liames do direito e da verdade.

Desse modo, direito e verdade aparecem circunscritos nas relações estabelecidas de maneira simples, imperceptível ao corpo das lésbicas, constituindo

¹⁴⁶SKY NEWS. A denúncia feita pelo "Sky News". Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2009/12/09/mulheres-homossexuais-sofrem-estupro-corretivo-na-africa-do-sul-915119997.asp>>. Acesso em : 31 jul. 2011.

¹⁴⁷ Jurídico, médico-científico, religioso e social.

¹⁴⁸ Princípio da simplicidade. Explicar algo de forma simples. WARBURTON, Nigel. *Pensamento crítico de A a Z uma introdução Filosófica*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2011. P.139.

¹⁴⁹ O poder do soberano aqui compreende as diversas instituições em que o poder se estabelece frente ao corpo normalizado.

o campo em que foi e é julgado - condenado, destinado a viver marcado ou a morrer em vida.

Assim sendo, o discurso sobre o corpo fundado a partir do juízo sobre as representações do poder desembocam no direto e nas verdades absolutas, punindo-o. Como apontado por Foucault, a ideia de dominação não bloqueia e nem interdita o corpo, tampouco liberta a sexualidade, mas o exercício do poder na sociedade estrutura-se no sentido da biopolítica. Cabe, então, afirmar que poder e sexualidade se constituem no contexto biopolítico, materializando esse dispositivo.

Em 1977, Foucault, em uma entrevista, afirmou que dispositivo deve ser entendido por um conjunto heterogêneo que comporta discursos do falado e do não falado em um esquema perfeito.

Portanto, vale destacar que o falado e o não falado envolvem diversas instituições, especificamente o Estado, ministérios, secretarias, comissões, escolas, famílias, formando, assim, uma heterogeneidade. A gênese da biopolítica composta por tais elementos heterogêneos implica na formação dessa condição automática na qual o poder se coloca de forma naturalizada.

O controle econômico e a sujeição política permeiam os mecanismos da formação dos elementos heterogêneos, o falado e o não falado, e, assim, o corpo movido pelas possíveis patologias e pela crença dos inúmeros desvios sexuais é examinado no sentido da busca da padronização.

O corpo das lésbicas submetido a essa heterogeneidade por meio de tecnologias de correção cunhadas pela medicina, área jurídica e também da

essencialmente força produtiva, (...) a constituição das forças produtivas, todas as formas de dispêndio assim manifestadas em sua inutilidade, foram banidas,

150.

Completamente examinado, o corpo das lésbicas no século XIX foi exposto ao controle disciplinar assegurando a implantação da normalidade frente a este. A sujeição como instrumento de reforço da hegemonia e dominação criou o corpo -se da sexualidade como principal meio para estabelecer o controle, caso estivesse fora dos padrões seria punido.

Para Foucault, a sexualidade não é o cerne que precede à punição. A

¹⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.p.37.

sexualidade seria interditada anteriormente pelo poder em meio a discursos totalmente polimorfos, os quais desqualificam o corpo.

A estratégia para desqualificar o corpo das lésbicas se estabeleceu em meio a relações de força, compreendidas como uma ação natural que produz um efeito para a materialização institucional por meio dos aparelhos de Estado, garantindo a hegemonia¹⁵¹ da normalidade.

Dessa forma, as estratégias possibilitaram entender a estrutura heterogênea do poder, destacando três noções que se complementam: a) oposição-resistência; b) poder; e c) nominalismo, encontradas na obra *Vigiar e punir*, de Foucault.

por Foucault, em sua obra *Vigiar e punir*, é de que não se pode essencialmente se opor e resistir aos mecanismos de sujeição, pois estes estão interligados a uma estrutura de disciplinamento.

Resistência significa um conjunto de iniciativas realizado por um determinado corpo que se defende politicamente organizando-se contra o poder¹⁵².

O poder, abordado de forma ampla no contexto das relações, supõe condições históricas que implicam efeitos múltiplos compreendidos nas práticas societárias, aparecendo nos saberes e nas instituições.

E quando se pensa no conceito nominalista¹⁵³ peça da estruturação heterogênea do poder remete-se a Foucault, que descreveu o poder não como uma instituição, mas o poder enquanto algo complexo que está inserido em contextos simples e de dimensão micro na sociedade.

O poder caracterizado pela ideia de abstração, assim como a sexualidade, está conjuntamente atrelado a um determinado espaço e tempo. Sexualidade e poder estão interligados um ao outro, originando, assim, a biopolítica. Assim, quando se afirma que existe o sexo e o prazer, verifica-se que a sexualidade se tornou parte da política da vida.

¹⁵¹ Termo adotado por Gramsci que afirmou que a supremacia de um grupo social manifesta-se de dois modos, como dominação e como direção intelectual e moral. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹⁵² SILVA, Alessandro Soares. *Luta, Resistência e Cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT*. Curitiba: Juruá, 2008.

¹⁵³ Grande corrente da escolástica, doutrina que afirma a irrealidade e o caráter meramente abstrato dos universais caracterizados como nomes ou simples meios convencionais para a compreensão dos objetos singulares. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Parafrazeando Foucault, a política, aqui debatida, seria então pensada a partir das relações de poder que atravessam o corpo social.¹⁵⁴

Importa ressaltar que o corpo social estabelecido em meio às relações de poder cria uma prática discursiva envolvendo saberes, contradições, poder e sujeição dos corpos. Nosso objeto de análise é sempre determinado pelo tempo e espaço, mesmo se tentamos dar-lhe uma universalidade. Assim, se pretendeu analisar a técnica de poder que busca constantemente novos meios, cabendo afirmar que esses novos modos estão destacados como meios de resistência histórica.

E esta noosfera¹⁵⁵ histórica acerca da sexualidade que, segundo Le Roy, indica o domínio da evolução possui mecanismos de poder que sujeitaram e conduziram o passado chegando até o presente a partir da problematização.

O poder político sobre a vida se constitui na sexualidade, compondo matéria discursiva ecoada nas instituições sociais disciplinadoras para sujeição dos corpos. Então a sexualidade, destrinchada nos saberes diversos de toda a *scientia sexualis* - a medicina, a antropologia e sociologia -, tornou-se objeto de estudo, e, no que se refere ao aspecto biopolítico, mostrou-se como mecanismo para a regulação dos corpos.

Assim ao se tornar objeto, a sexualidade normalizada e normalizável, no que diz respeito à biohistória da formação do corpo político das lésbicas, passou a ser uma questão institucional. O corpo do desejo e do prazer, ou seja, o corpo político

cumplicidades, de contra-¹⁵⁶ como bem afirmado por Foucault.

¹⁵⁴ FOUCAULT, Michel. *La philosophie analytique de la politique*. Texto 232 [1978]. In: DE2, 540.

¹⁵⁵ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fonte, 2007.p.837.

¹⁵⁶ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2001. p.293

CAPÍTULO III

MEDO, INVISIBILIDADE E SILÊNCIO

1. Da sexualidade – tabu e liberdade:

Resistindo, o corpo político das lésbicas se defende do poder que o examina e tenta normalizá-lo. O corpo, desse modo, possui um lugar privilegiado, quando se pensa no conceito de sexualidade, tecendo-se a narrativa relacionada à questão. De modo geral, requer compreender o que ocorreu historicamente, seus fenômenos, origens e ritos.

Dessa forma, ao se pensar sobre sexualidade humana, esta se define a partir das preferências, afetos, predisposições sexuais na descoberta da identidade e da saúde sexual é um estado físico, mental e bem-estar social em relação à sexualidade. Ela exige uma abordagem positiva e respeitosa à sexualidade e relações sexuais, bem como a possibilidade de ter prazer e experiências sexuais seguras, livres de coerção, discriminação e violência .¹⁵⁷ Para Pinho,

A sexualidade humana é um construto cultural, tanto quanto os hábitos alimentares e corporais. Nascemos machos e fêmeas e a sociedade nos faz homens e mulheres. Mais ainda: O ser masculino e o ser feminino variam enormemente de cultura para cultura, modificando-se substantivamente ao longo das gerações dentro de uma mesma sociedade. (PINHO, 2008:2)¹⁵⁸

Importante destacar também que a sexualidade, além de envolver o plano cultural, está circunscrita na psique¹⁵⁹, o que envolve fatores biológicos dos

¹⁵⁷

well-being in relation to sexuality. It requires a positive and respectful approach to sexuality and sexual relationships, as well as the possibility of having pleasurable and safe sexual experiences, free of coercion, discrimination and violence WHO. Disponível em: <http://www.who.int/topics/sexual_health/en/> Acesso em: 6 set. 2011.

¹⁵⁸ PINHO, Lucia de Fátima Souto. *História da Sexualidade Feminina*. Anais XIII Encontro Estadual de História Guarabira/PB. 2008, p.2.

¹⁵⁹ Da mitologia grega, a psique é entidade que personifica a alma.

indivíduos, bem como aspectos socioculturais e religiosos nos quais estão inseridos. Para Foucault, a cultura ocidental não é detentora de uma *ars erótica* e, sim, de uma herança *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1985:56).

Para tanto, ao se refletir sobre a sexualidade humana verificou-se que em volta desta procede a *scientia sexualis* presente nos discursos e nas intensas e contínuas transformações sociais.

É evidente que o surgimento do debate nas rodas discursivas acerca da sexualidade ainda é artefato complexo, por ainda dispor de memórias e signos causadores de batalhas, ódios e incompreensões sobre o tema a homofobia¹⁶⁰ exemplifica bem o enredamento da questão.

Ora, muito autores e pensadores, como Foucault e Freud, dispuseram os elementos que se interligam no domínio da sexualidade, embora exista muito ainda a ser dito quando o tema se articula na formação do corpo político das lésbicas.

Tais elementos aparecem no pensamento de Foucault nas práticas confessionais¹⁶¹, onde o principal recurso foi a palavra, a qual, na contemporaneidade, chega por meio de tecnologias que vão desde o celular até os programas na televisão¹⁶².

De toda forma, na atualidade, mesmo estando a sexualidade em voga, onde tudo se fala, esta ainda vem acompanhada de preconceitos e tabus. Foucault esclarece em *A Ordem do Discurso* que

Tabu do objecto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se. Basta-me referir que, nos dias que correm, as regiões onde

(JUNG, C. G., VIII/2, § 423). JUNG, Carl Gustav. *A natureza da Psiquê*. Editora Vozes: Petrópolis, 2000.

¹⁶⁰

Com efeito, a noção de homofobia comparece com frequência nas falas cotidianas e institucionais de atores dos mais diversos setores sociais. Homens e mulheres da mídia, da educação, da cultura, da saúde, da justiça, dos movimentos sociais, entre outras áreas, vêm apontando os dedos para a questão, denunciando ou finalmente admitindo: a homofobia é um grave problema social. (JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas*. Revista Bagoas. V.3, n.4, jan./jun, 2009, p. 1-2

¹⁶¹

da Sexualidade, A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997, p.24.

¹⁶² Programa da televisão 'Amor & Sexo', um programa de auditório sobre sexualidade e relacionamentos apresentado por Fernanda Lima, exibido às quintas-feiras, com direção de núcleo e direção-geral de Ricardo Waddington e roteiro de Rafael Dragaud. AMOR e SEXO. Disponibilizado em: <<http://amoresexo.globo.com/platb/category/creditos/>>. Acesso em 6 set 2011.

a grelha mais se aperta, onde os quadrados negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, algumas dos seus mais temíveis poderes. O discurso, aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além, mas no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder.(FOUCAULT, 1971: 2)¹⁶³

Precisamente e sem exagero, afirma-se que o tabu compõe a ordem do pensamento dos séculos passados até os tempos atuais, em que a sexualidade é comumente objeto de domínio dos saberes, das instituições, das regras morais da religião.

Esclarece-se que, para além dos ditos do tabu e da normalização da *sexualité libertaire*, significando o todo que pugna por ideais de liberdade irrestrita. Isso constitui a ideia de que esta liberdade se traduz como o modo particular de se proceder conforme o desejo expressado.

¹⁶⁴ e, atrelado a este, a sexualidade também se apresenta como uma forma de se fazer política. Dessa maneira, a sexualidade enquanto política seguiu e se estruturou com dois componentes intrínsecos a sua formação: o tabu e a liberdade irrestrita, estes elementos que são contraditórios e ao mesmo tempo coexistem.

Logicamente, a sexualidade é inerente a todo ser humano, estando presente desde a vida intrauterina até o final de sua existência, mas alguns a vivenciam e outros não. Por essa razão, quando se vive a sexualidade, isso significa, em certo sentido, compreender os elementos contraditórios presentes - tabu e liberdade irrestritas a serem tratados aqui.

Considerando-se que o tabu varia de acordo com as sociedades e épocas, este pode ser definido como assunto, um comportamento inaceitável e proibido

¹⁶³ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Edmundo Cordeiro e António Bento Collège de France prononcée le 2 décembre 1970. Paris: Éditions Gallimard, 1971.p.2.

¹⁶⁴

-se o slogan do
A identidade cultural na

aqui.¹⁶⁵ Para Freud, desconhecida. Embora sejam ininteligíveis para nós, para aqueles que por elas são

166

A sexualidade humana ainda se constitui a partir do tabu. Um exemplo é a homossexualidade que é um assunto polêmico na atualidade, apesar das uniões homoafetivas, em 2011, serem reconhecidas legalmente ainda existe muitos tabus frente à questão. Recentemente, um juiz da 1^o Vara da Fazenda Pública de Goiânia decidiu pelo cancelamento da união estável entre homossexuais, mesmo o Supremo Tribunal Federal-STF reconhecendo a união homoafetiva como unidade familiar. Segundo o juiz, família é apenas a união entre homem e mulher.¹⁶⁷

Contrariando o tabu, o entendimento por liberdade aparece também na reflexão sobre a sexualidade. Como esses dois elementos coexistem na categoria sexualidade? Inicialmente a liberdade se define como a ausência de submissão, de determinação, significando que era precioso considerar a sexualidade em si mesma.

a liberdade luminosa do sujeito

168,

conforme aponta Filho mencionando Foucault,

(...)a liberdade já estava ali, no seu pensamento, no seu desejo, ela dava sinais de sua presença, espreitava sua hora luminosa: nas resistências, nas lutas pontuais, nas lutas específicas, nas *experiências*, nos modos-de-vida-outros, coisas pouco teorizadas, mas nunca ausentes de suas aulas,

165

radução para ele, desde que não possuímos mais o conceito que ele conota. A palavra era ainda corrente entre os antigos romanos, cujo *'sacer'* *'ayos'* *kadesh* hebreus devem ter tido o mesmo sig análogos, por muitas outras raças da América, África (madagascar) e da Ásia Setentrional e Central. r um

noa

um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. Nossa

tabu são distintas das proibições religiosas ou morais. Não se baseiam em nenhuma ordem divina, mas pode-se dizer que se impõem por sua própria conta. Diferem das proibições morais por não se enquadrarem em nenhum sistema que declare de maneira bem geral que certas abstinências devem ser observadas e apresente motivos para essa necessidade FREUD, Sigmund.(1913) Totem e Tabu. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.16.

¹⁶⁶ FREUD, Sigmund. (1913) *Totem e Tabu*. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago. 1996.p.16.

¹⁶⁷ O DIA. Juiz anula casamento gay em Goiás. Disponível em: <http://odia.terra.com.br/portal/brasil/html/2011/6/juiz_anula_casamento_gay_em_goiias_172325.html>. Acesso em: 6 set. 2011.

¹⁶⁸ EWALD, François. Michel Foucault. In : ESCOBAR, Carlos Henrique de. (Org.). Michel Foucault: O dossier últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984, p. 73.

de suas falas, de seus textos, comparados por ele próprio a (*epiméleia heautoû*) como prática de liberdade (ontem e hoje) é quase uma consequência da qual seu pensamento não poderia escapar (FILHO, 2008:2)¹⁶⁹.

Aqui o sentido de liberdade passa pelo cuidado de si, estando este localizado no âmbito privado (interno),

Então se percebe que se tem mudado relativamente pouco. Talvez se tenha mudado de perspectiva, se tenha girado em torno do problema, que é sempre o mesmo, digamos, as relações entre o sujeito, a verdade e a constituição da experiência. Tenho tratado de analisar como áreas tais quais as da loucura, da sexualidade e da delinquência podem entrar em um certo jogo da verdade e como, por outro lado, o sujeito mesmo é afetado por meio dessa inserção da prática humana, do comportamento no jogo da verdade (FOUCAULT, 1994:731).

A estética da existência, discussão que tem como centralidade o cuidado de si, não está conformada a questões de interesses privilégios e poder, ao contrário é o exercício filosófico, o encontro com a *sophia*, orientado para uma estilização da vida, da existência.¹⁷⁰

Por essa razão, cabe afirmar que liberdade é do certame do sujeito e de sua experiência sujeitas a revezes. O corpo político das lésbicas misturado ao certame do tabu e da liberdade também vivencia essa contradição.

Conforme analisa Foucault,

(...) a vontade de ser um sujeito moral e a procura de uma ética da existência era principalmente, na Antiguidade, um esforço para afirmar a própria liberdade e dar a sua própria vida uma certa forma na qual podia se reconhecer e ser reconhecido por outros e onde a posteridade mesma poderia encontrar como exemplo. (FOUCAULT, 1994, p.731)

Como o corpo político das lésbicas, então, idealiza a liberdade nos espaços de sujeição em que o tabu prevalece? Para Ravel, que estudou o conceito foucaultiano sobre estética da existência,

¹⁶⁹ FILHO, Alípio de Sousa. *Foucault: o cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística*. Universidade do Rio Grande do Norte. 2008.p 2. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/FOUCAULT,%20O%20CUIDADO%20DE%20SI%20E%20A%20LIBERDADE.pdf>. Acesso em: Acessado em 7 set. 2011.

¹⁷⁰ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. FOUCAULT, Michel. *Ética, política, sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V).

como produção inventiva de si não marca, entretanto à figura do sujeito soberano, fundador e universal, nem a um abandono do ca
constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais

existência, na medida em que ela é uma prática ética de produção de subjetividade, é, ao mesmo tempo, assujeitada e resistente: é, portanto, um gesto eminentemente político. (REVEL, 2005, p.44)

O tabu e a liberdade, frente ao campo político, constituíram práticas de submissão e, ao mesmo tempo, de altivez, as quais se estruturaram sob um análogo esquema sociocultural na composição do corpo político das lésbicas.

Assim, ao tratarmos do tabu neste estudo, verificamos como a ideia se
uma capacidade em julgar sobre determinado assunto mesmo sem ter parâmetros para isso. Dessa forma, a criação do discurso do que é bom e do que é mal se instala. Notadamente, a liberdade é definida em uma perspectiva de ruptura com a normalização, criando certa autonomia para o corpo político das lésbicas.

Desse modo, tabu e liberdade, elementos intrínsecos da sexualidade,

- 171 -

anátema cujas formas são as excessivas do controle, silenciamento do corpo das lésbicas. Sabe-se que do sexo nada se podia falar, este considerado como sujo e pecado.

Assim, a única coisa que se devia tratar e dizer sobre o tema girava e se movimentava em torno da reprodução. O assunto deveria estar com o casal - homem e mulher - legitimado pela igreja. Estes eram os únicos detentores da palavra acerca da verdade sobre essa temática.¹⁷² Todas as demais formas se

Diante disso, o corpo político das lésbicas¹⁷³ recebeu esse *status*, e pagou por

¹⁷¹ Este neologismo foi utilizado para referendar a sexualidade feminina, em que as mulheres que a vivem têm prazer são marcadas, estigmatizadas e silenciadas. Assim o mal-dito deve ser calado e se torna o segredo.

¹⁷² além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião região as praticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e alei civil. Eles fixavam, a cada qual a sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 1997, p.38.

¹⁷³ Monique Wittig diz que "... Lésbicas não são mulheres." (1978). Esta categoria contemporânea de lésbicas utilizada aqui refere-se a condição de ruptura com o padrão normativo da heterossexualidade compulsória.

meio da punição com o próprio cor
casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo,
condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância,
figuravam-¹⁷⁴. Infere-se aqui que tudo aquilo
que é condenável é passível, então, de punição.

O significado de punir está baseado no processo pelo qual se direciona algo
ou uma situação para a obtenção de resposta, reduzindo, assim, a probabilidade de
uma determinada escolha que não esteja adequada ao padrão.

Afirmou Foucault, em *Vigiar e Punir*, que

o verdadeiro objetivo da reforma, e isso desde suas
formulações mais gerais, não é tanto fundar um novo direito de
punir a partir de princípios mais eqüitativos; mas estabelecer

melhor distribuição dele, fazer com que não fique concentrado
demais em alguns pontos privilegiados, nem partilhado demais
entre instâncias que se opõem; que seja repartido em circuitos
homogêneos que possam ser exercidos em toda parte, de
maneira contínua e até o mais fino grão do corpo social
(FOUCAULT, 1987:101)¹⁷⁵.

De toda forma, quando uma mulher se apresenta como lésbica, a sociedade,
de modo geral, cria formas centradas no entendimento de que a prática sexual entre
duas mulheres é uma conduta que destoa do dito convencional. Aparece a aversão,
instalando-se modos punitivos visando a interromper tal comportamento.¹⁷⁶ O corpo
político das lésbicas se transfigura sendo negado e silenciado, tornando-se invisível.
Sendo assim, cabe perguntar se o corpo político das lésbicas foi silenciado ou se
tornou silencioso ao longo da história. Obviamente, o silêncio foi imposto ao corpo
das lésbicas, formando, assim, o segredo como ferramenta de defesa foi articulado à
repressão.

Seria, então, a repressão para o corpo político das lésbicas o começo do fim?

¹⁷⁴ Todos estavam centrados nas relações matrimoniais. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 1997, p.38.

¹⁷⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 101.

¹⁷⁶ Em suma, tentar estudar a metamorfose dos métodos punitivos a partir de uma tecnologia política do corpo onde se poderia ler uma história comum das relações de poder e das relações de objeto. De maneira que, pela análise da suavidade penal como técnica de poder, poderíamos compreender ao mesmo tempo como o homem, a alma, o indivíduo normal ou anormal vieram fazer a dublagem do crime como objetos da intervenção penal; e de que maneira um modo específico de sujeição pôde dar origem ao homem como
FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 27.

Essa herança que, por séculos, leva a uma ideia de que o sexo é feio e sujo, trouxe consequências diversas ao corpo das lésbicas da denominação de transgressor até e sendo a normalização destino, com episódios de medo, invisibilidade e silêncio, tornou-se comum ao corpo.

Frente a isso, como a repressão se enlaça ao corpo político das lésbicas? Para Foucault,

Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e ao esperado jardim das delícias eis o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão; eis também, o que explica, talvez, o valor mercantil que se atribuiu não somente a tudo o que dela se diz como, também, ao seus efeitos (FOUCAULT, 1988:11).

Estaria enunciada a repressão, a qual, segundo Foucault, a idade da repressão ocorre no século XVII após muitos anos de liberdade (FOUCAULT, 1997:11). Assim, a teoria repressiva sobre o sexo alcança três estágios, o meramente histórico, o histórico-teórico e o histórico-político estágios que envolvem poder, saber e prazer amparando, assim, o discurso sobre a sexualidade humana, especialmente a formação do corpo político das lésbicas como já apontado.

De modo óbvio, a repressão, alinhada perfeitamente ao discurso dominante, aparece nas falas contemporâneas, sustentando de forma sistemática o segredo. A repressão sexual em certo sentido cria uma série de medos, códigos e normas situadas em tempos diversos e com artefatos culturais que reafirmam a dominação do sexo. A sexualidade é encarada como perigosa e impetuosamente lesiva. Com efeito, o discurso sobre a sexualidade, enquanto um grande perigo à sociedade, penetra o imaginário coletivo, imprimindo o controle sobre esta, já que o sexo é tido como um elemento mal-dito.

Assim, na medida em que o desejo aparece nas falas e o empenho da escuta é dominado por interesses de coerção, afirma-se que a sexualidade das lésbicas, por sua vez, estaria na contramão da lógica dominante. E, desse modo, ao tratar do discurso instituído no corpo político das lésbicas verifica-se que de maneira contrária este resistiu revolução e prazer em meio à coragem de se libertar do discurso do saber-dominação.

A filósofa Marilena Chauí afirmou que

(...) repressão sexual é tão antigo quanto a vida humana em sociedade, mas que o *conceito* de repressão sexual é bastante recente, isto é, que a reflexão sobre as origens, as formas e os sentidos desse fato, seu estudo explícito, datam do século XIX. Em outras palavras, as práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiqüíssimas, porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente, não sendo causal que os dicionários registrem como tardio o surgimento da palavra *sexualidade*, momento em que o termo *sexo* passa a ter um sentido muito alargado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidade (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização). Esse alargamento fez com que o sexo deixasse de ser encarado apenas como função natural de reprodução da espécie, como fonte de prazer e desprazer (como realização ou pecado), para ser encarado como um fenômeno mais global que envolve nossa existência como um todo, dando sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, erros, esquecimentos, tristezas, atividades sociais (como trabalho, a religião, a arte, a política) que a primeira vista, nada tem de sexual. (CHAUI, 1984:11)

Esse sentido múltiplo - o qual aparentemente envolve o todo, mas ao mesmo tempo não está presente no todo - cria, em certo sentido, uma dupla configuração, afinal a sexualidade polimorfa extrapola a inóxia fisiológica. O desejo ultrapassa o sexo biológico e não se restringe aos órgãos genitais. A repressão sexual conduz a uma imagem naturalizante nos discursos societários, fazendo acreditar que a sexualidade pode ser censurada. Esse movimento ocorre por meio dos mecanismos socioculturais e históricos, que torna o sexo como algo vergonhoso, precisando ser coibido, ocultado e silenciado.

Como descrito por Foucault, a forma como o sexo foi adequado às falas na sociedade ocidental, especificamente na era moderna, aponta para um discurso

-
Tal normalização da sexualidade implica no reforço da reprimenda sexual segundo o pensamento conservador que incide diretamente em códigos construídos, combinando elementos que estão presentes no falar e no fazer sexo - tabu *versus* liberdade.

Portanto, medo, invisibilidade e silêncio, três elementos que se mostram como modalidades, em torno do discurso finalístico, demarcando a linha tênue na

interlocução entre tabu e liberdade.

2. Do medo, da invisibilidade e do silêncio:

2.1 Sobre o medo:

A priori, o que causa o medo em relação às lésbicas? Medo do quê? Por que o medo anunciado provoca repulsa e transmuta a identidade lésbica?

Esse medo instalado compreende as bases de uma construção social sobre o sexo, cujo imaginário do senso comum foi e é pressuposto. Os códigos conhecidos e os termos práticos muito bem elaborados se assentam em configurações determinadas pelo poder-saber, no qual o formato da sexualidade muito bem analisada se estabelece frente ao corpo político das lésbicas.

O sexo e o medo se configuram determinando uma organização fundamentalista, intensificando elementos que são muitas vezes aceitos, rejeitados, estigmatizados e hierarquizados. O exemplo disso é quando o sexo passa a ser espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade

O medo ao ser examinado e assentado nos códigos do silêncio fundamenta as práticas do segredo, enquanto um mecanismo estruturador de ordenamentos protetivos, mas ao mesmo tempo com inúmeros elementos que, de maneira eficaz, constroem o corpo político das lésbicas, controlando o que pode ser realizado e o

sem dúvida, a realidade fundamental em relação a qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo - quer tentem quebrá-lo quero reproduzam de forma

discorrer sobre sexo, ou seja, a proliferação dos discursos não seria mais importante que as formas imperativas de enquadrá-lo a normalidade ou condená-lo, punindo-o.

O medo surge e se instala junto ao corpo político das lésbicas, assentado às maneiras de como este deve agir, determinando a interdição dos considerados -se da sodomia à homossexualidade avalizando um pretérito de uma vida acompanhado da anatomia

(FOUCAULT, 1997:44).

Em uma implicação corpórea, o poder se apresenta frente ao corpo político das lésbicas de forma perversa e direta, estando entrelaçado por técnicas que o interdita. A teoria repressiva aqui levantada nos seus três estágios perpassa obviamente o conflito causado por aspectos que provocam uma retração do desejo. Importante, porém, esclarecer que a repressão na era moderna se ocupou de meios e ferramentas para coibir a sexualidade tida como desviante, estimulando o falar com o objetivo de disseminar o poder. Tal poder agiu de modo que a sexualidade esteve em um contexto de subordinação, paralisando social ou individualmente tudo aquilo que não estivesse dentro do padrão considerado normal.

E, nesse contexto de disseminação do poder sobre o corpo, destacou-se como recurso o medo, o qual não apenas provoca o estado de entorpecimento frente a um outro considerado agressor, mas provoca atitudes de submissão sobre o ato de controlar. Segundo Foucault,

No suplício corporal, o terror era o suporte do exemplo: medo físico, pavor coletivo, imagens que devem ser gravadas na memória dos espectadores, como a marca na face ou no ombro do condenado. O suporte do exemplo, agora, é a lição, o discurso, o sinal decifrável, a encenação e a exposição da moralidade pública (FOUCAULT, 1987:129)¹⁷⁷.

Dessa forma, as lésbicas denominadas transgressoras, anormais e caricatas têm sob seus corpos técnicas e formas de controle para tolhê-los. Assim, o medo, principal ferramenta de tal prática, suscitou o controle, fazendo surgir um novo ordenamento do corpo político das lésbicas. Como diz Foucault,

a existência de todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais, faz funcionar os dispositivos disciplinares que o medo da peste chamava. Todos os mecanismos de poder que, ainda em nossos dias, são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo como para modificá-lo, compõem essas duas formas de que longinquamente derivam (FOUCAULT, 1987:223)¹⁷⁸.

¹⁷⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 129.

¹⁷⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 223.

Eis o exercício do poder-saber, no qual o medo está presente no espaço privado e no público, marcando e modificando tudo que é considerado anormal. Na contemporaneidade, existe uma conformação com a repressão no sentido de fazer com que os limites individuais e sociais se adaptem ou não ao que está posto. Isso significa que, mesmo com os avanços, a técnica do medo sobre os corpos políticos das lésbicas continua atuante. Para Gois e Soliva,

são frequentes os episódios de violência contra as pessoas homossexuais em locais de acesso público, expondo esses indivíduos a situações de risco e a violação dos seus direitos humanos. Esses episódios ficam evidentes em situações em que a intolerância é a principal marca dos crimes perpetrados contra os mesmos. (GOIS e SOLIVA, 2008:3)¹⁷⁹

Assim, deter ou intimidar, a partir da força e do medo, limitando a sexualidade, é uma prática comum. Levanta-se, então, a hipótese de que o medo está relacionado à sexualidade e por meio de uma construção social, com significativos processos raciocinados saber e poder, bem como processos coercitivos societários se multiplicam na efetivação da normalidade.

O silêncio ou a fala presentes na formação do corpo político das lésbicas possuem uma carga incalculável que incide de forma direta para a eficácia do retraimento e subordinação, disciplinando, desse modo, o corpo por meio da punição, incidindo o medo. Esse sentimento, parte do processo disciplinar, causa estranhamento do que se é. Portanto, surge daí a invisibilidade.

2.2 Da Invisibilidade:

Instalado o medo, o sexo começa a ser mencionado com cautela, com todo cuidado, pois pode ser algo condenável aos olhos das instituições, dos soberanos e da sociedade. Conforme elabora Foucault,

o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder e ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente

¹⁷⁹ GÓIS, João Bosco Hora e SOLIVA, Thiago Barcelos. *A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos*. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu: Anais. 2008, p.3.

acumulada (FOUCAULT, 1988:22).

O falar sobre sexo deliberadamente recaiu sobre o corpo político das lésbicas, que passou a se invisibilizar pelo medo, embora, ao mesmo tempo, manifeste-se pela eficiência da interdição científica dos saberes - e enquanto objeto da verdade foi qualificado como anormal.

Os efeitos dessa arte para retirar os pormenores dos discursos, assim como o cuidado visivelmente tomado com exclusividade nas áreas teológicas, de saúde e no discurso médico-científico para classificar o que é normal e o que é anormal, por um longo período, evidenciando o medo deste corpo se mostrar.

Assim, os princípios técnicos da confissão sobre a sexualidade contribuíram, sobremaneira, para o direcionamento do que deve e o que não deve ser dito e revelado. Nesses termos, o sexo tornou-se uma coisa útil, uma cópia sem nenhuma substância própria e real. Se houvesse a confissão sobre a essência verdadeira, ou seja, se o corpo das lésbicas fosse descoberto sofreria imediata interdição e punições.

Dessa maneira, a política do poder se instala sobre o corpo e, como bem complementado este pensamento, tornando-o invisível até segunda ordem.

Portanto, o desejo fora da normalização deveria ser silenciado e invisibilizado, e até mesmo proibido, uma vez que é passível de exame e apenas aceito se estiver de todo século XIX, parece inscrever-se em dois registros de saber bem distintos: uma biologia da reprodução desenvolvida continuamente segundo uma normatividade (FOUCAULT, 1997:54-55).

Precisamente, o discurso voltado para o sexo acerca das regras da origem foi formulado não apenas elementos de cunho moral mas, sobretudo, obedecendo à racionalidade reguladora da sexualidade através da ciência. O discurso do saber-poder anunciado tem a finalidade de adequar de forma coercitiva tudo que possa ser realizado ou não. Foucault desenvolveu de forma brilhante essa ideia quando afirmou

Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram. (FOUCAULT, 1984:29).

O prazer no sexo se torna invisível e deve ser controlado. A abordagem demonstra que o discurso acerca do sexo, apesar de público, não pode conter elementos que não sejam normalizadores. Em certo sentido, o discurso sobre o sexo para as lésbicas também sofreria a imposição e a dominação dos seus corpos, estando tal prática também permeada pela ideia de utilidade. O que está em jogo, nessa discussão, a respeito dos dados de invisibilidade frente à constituição do corpo político das lésbicas é o poder que recaiu sobre este ocasionando representações de dominação como,

- 1 . Negação da sexualidade que origina o vazio e produz a exclusão;
2. Redução da sexualidade faz surgir a ideia de que existe apenas uma forma de relação com uma única finalidade;
3. Anulação da sexualidade cria a concepção de que tornar-se visível pode ocasionar no desaparecimento desta.

Portanto, a invisibilidade é uma das partes do poder que interdita, desejando suprimir o corpo das lésbicas a partir da punição.

2.3Do Silêncio:

Historicamente, na medida em que houve a condução da fala e dos discursos sobre a sexualidade, inevitavelmente o silêncio se instalou para aqueles que não se enquadravam a normalização, neste sentido defender e proteger o prazer
ras de

(FOUCAULT, 1997:21).

O silêncio se aloja sobre o corpo das lésbicas e, a partir do discurso médico-científico e teológico que enquadram a sexualidade em um padrão, considera-o anormal um corpo negado, reduzido e anulado em prol da normalidade. Parafraçando Foucault, não se fala menos de sexo, fala-se dele de outra forma, ou seja, o silêncio passa a ser uma maneira de falar de forma diferenciada recaiu sobre

o corpo das lésbicas.

A interação entre a circunscrição do discurso e o controle dos corpos demonstra uma caracterização fundamental para a experiência da sexualidade a partir das falas. e então, na era moderna, se uma lésbica falasse sobre seu desejo teria o seu corpo inevitavelmente controlado.

A partir do domínio sobre os corpos, aparece o silenciamento sobre a verdadeira essência. O silêncio se dá no particular, desenvolvendo uma linguagem que ocorre segundo o controle do prazer fundido ao poder limitador. A sexualidade quando desvelada é coberta por uma forte opressão. Trata-se, aqui, de refletir e compreender como o silêncio recaiu sobre o corpo frente ao poder, reduzindo a capacidade e o desenvolvimento deste.

Para Foucault, o poder sobre o corpo impera de forma multidirecional consistindo em inúmeras técnicas, que são inseridas e cujos procedimentos são disciplinares. Quando processados, produzem uma série de conhecimentos que vão além do proibitivo e do repressivo. Este agir disciplinador possui papel de regular os corpos. Assim, o corpo se transformou em alvo das especialidades, o sexo não tem mais a mesma conotação, tampouco gênero.

Sobre essas questões, ficam alguns pontos: como a disciplina impactou os corpos e fez surgir o silêncio? Qual a condição gerada a partir desta prática reveladora? Será que o corpo lésbico, alvo dessa prática disciplinadora, constitui-se politicamente?

O corpo sempre esteve presente na história como alvo de manipulações políticas e ideológicas. Todas as vezes que alguém ousou ir de encontro às normas sociais estabelecidas, estas foram condenadas.

Na época da inquisição muitas lésbicas padeceram fisicamente por amarem outras mulheres. Segundo Lígia Bellini, Felipa de Sousa¹⁸⁰, em 1591, foi uma das punidas com o seu corpo, tendo sido publicamente açoitada e banida da Bahia.¹⁸¹

¹⁸⁰ Nascida em Tavira-Algarve, Portugal, veio para o Brasil em data ignorada. Viúva e casou novamente com o pedreiro Francisco Pires, em Salvador, era alfabetizada, um fato extraordinário na época. Tinha 35 anos quando ocorreu a primeira visitação do Tribunal do Santo Ofício, denunciada porque gostava de mulheres. Foi denunciada por práticas nefandas e presa em 18 de dezembro (1591), acabou confessando inúmeros casos com pessoas do mesmo sexo, envolvendo mais seis mulheres moradoras de Salvador. No processo, a cristã-velha Paula de Siqueira, 40 anos, pressionada por possuir um livro proibido em sua casa, acabou revelando seu romance e tornou-se sua principal acusadora. Em um dos depoimentos afirmou que "... estando ela confessante em sua casa nesta cidade, veio a ela a dita e ambas tiveram ajuntamento carnal uma com a outra por diante e ajuntando seus vasos naturais um com o outro, tendo deleitação e consumando com efeito o cumprimento natural de ambas as partes como se propriamente foram homem com mulher". Cerca de

A descoberta do corpo vem acompanhada de uma história de controle sobre atenção dedicada então ao corpo ao corpo que se manipula, se modela, se treina, (1975:127).

As tentativas de correção e de controle do corpo sempre foram aceitas socialmente. Instituições, como escolas, hospitais, internatos, igrejas, conventos, prisões dentre outros, se constituíam de regimentos rígidos que versavam pela submissão/utilização e pelo funcionamento/explicação, significando que uma vez o corpo útil, diga-se submisso, seria inteligível, beirando o adestramento, transformando-o em dócil e obediente.

Esse corpo modelado, atualmente analisável e manipulado, pode ser aperfeiçoado de acordo com as normas vigentes, funcionando agora como apoliticada marionete, já que funcionam conforme as regras normatizadoras. Em qualquer sociedade, o corpo está aprisionado ao poder, o qual impõe limitações, impedimentos e obrigações.

corpo e o comportamento sejam objetos manipuláveis, em que há uma coerção ininterrupta, utilizando-se de poder sobre este. Outro elemento apresentado se , na qual os movimentos aparecem de maneira eficaz, sendo que a coação ocorre mais sobre as forças do que sobre os

29 mulheres foram denunciadas como praticantes do lesbianismo, mas ela foi a mais castigada de todas. Foi severamente punida pela Inquisição, tendo como pena a o açoite público. Condenada ao degredo, foi obrigada a ouvir sua sentença na igreja da Sé, em pé, com uma vela acesa na mão e trajando uma veste de linho cru áspero usada para identificar os heréticos, enquanto seus pecados e crimes eram declamados em voz alta. Após ter sido exposta publicamente, foi presa ao pelourinho, açoitada cruelmente e expulsa para sempre da capitania (1592). Depois de expulsa não se teve notícias de seu padeiro. Paula teve uma pena bem mais branda, provavelmente por ser a mulher do contador da fazenda, e foi condenada a 6 dias de prisão depois de pagar 50 cruzados, mais duas aparições públicas como ré e algumas penalidades espirituais. Por ter sido a mulher mais humilhada e castigada da colônia, como homenagem seu nome criada a ONG Felipa de Souza (1998) e o principal prêmio internacional de direitos humanos dos homossexuais, o Prêmio Felipa de Souza. O Tribunal do Santo Ofício da Inquisição foi instalado em Portugal (1536) e perdurou por quase três séculos (1591-1821), período em que também atuou nas colônias portuguesas. O Santo Ofício chegou logo ao Brasil (1591) através do padre português e Visitador da Inquisição Portuguesa, primeiro inquisidor oficial nas terras brasileiras, Heitor Furtado de Mendonça, que anunciou, em Salvador, Bahia, o Edital da Fé, a lei da Inquisição, a partir dali em vigor na Colônia. BRASIL. *Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Direitos Humanos. 5 Conferência de Direitos Humanos. Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações. 2001. p.222.* MOTT, Luis. *O Lesbianismo no Brasil.* Mercado Aberto, 1987, p.220.

¹⁸¹ BELLINI, Lígia. *A coisa obscura. Mulher, sodomia e Inquisição no Brasil colonial.* São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.

sinais.

Tal política de manipulação que atua nos corpos das pessoas constituída para que ajam conforme as determinações e imposições normativas do poder em que a estrutura biopolítica e o mecanismo definem o que deve ser feito fabrica um corpo submisso e dócil. A disciplina, ao mesmo tempo em que aumenta as forças do corpo para torná-lo útil, diminui-as para que sejam obedientes separando o poder do corpo.

Instala-se, assim, uma dicotomia entre o poder e o corpo. A coerção disciplinar tem um papel forte na estrutura corpórea, pois estabelece uma ligação repressora entre capacidade e domínio. Nesse cenário disciplinar, o corpo se torna um objeto de investimentos autoritários e urgentes, que não responde mais politicamente, transformando-se em uma coisa manipulável e autômata.

Esses múltiplos processos que visam tornar o corpo submisso e dominado têm um desenho próprio, muitas vezes com detalhes pequenos, mas apropriados para reprimir e converter, transformando-se em um método assertivo e construindo, r de técnicas minuciosas, de cunho íntimo, que

como uma astúcia inigualável que pretendia cobrir o corpo social inteiro, acondicionamento traçado sutilmente sobre os cor minuciosa.

O corpo político das lésbicas carrega signos históricos e disciplinadores acerca da sua condição humana. Tal corpo fora submetido a métodos coercitivos e punitivos adotados pelas esferas públicas e privadas.

É fato que existe no corpo político das lésbicas uma configuração do medo justamente por carregar as seqüelas históricas da violência, consolidando a invisibilidade e a negação da existência desse corpo - essa situação tem gerado conseqüências desastrosas. Tal corpo que, durante séculos, foi disciplinado e punido por estar fora dos padrões tidos como normais, sofre com a falta de reconhecimento político.

Vive-se o medo da punição, do isolamento, da homofobia, das perseguições e violência, do tratamento discriminatório e violento. Por analogia, pode-se dizer que o corpo político das lésbicas ainda vive como o Panóptico de Bentham, uma figura arquitetural em forma de anel que, no centro, exhibe uma torre com grandes janelas para vigiar - uma estrutura organizada para que o vigia possa observar e dominar

tudo o que acontece, reconhecendo quem está fora do que seja considerado normal e assim ser punido, elevando, desse modo, ao coerção moral. A partir dessa arquitetura, é possível afirmar que ser visível é arriscado e perigoso. Diante de tal estrutura, pode-se perguntar ainda se o corpo político de lésbicas na contemporaneidade conseguiu romper com a estrutura panóptica.

O corpo político das lésbicas, enquanto elemento central da discussão acerca dos signos de uma formação política que denota a partir também da visibilidade social, deverá ser composto e utilizado como uma forma para o empoderamento destas. Assim, o sentido analítico sobre a composição desse corpo político é diferente da discussão biológica ou de práticas sexuais Foucault, em sua obra *História da Sexualidade*

Nesse sentido, dispositivo, segundo o autor, é o conjunto heterogêneo que envolve discurso, leis, decisões, proposições filosóficas, instituições. Na verdade, aquilo que é dito e não dito, são os elementos do dispositivo. Há uma natureza da relação entre estes elementos discursivos ou não, existindo um tipo de jogo e mudanças. Este dispositivo se forma em determinado momento da história com alguma função de resposta a alguma emergência, porém possui um caráter dominante e de controle.

Sendo assim, pensar em um dispositivo é considerar elementos discursivos ou não do conjunto e desta maneira existe um dispositivo muito discutido, mas pouco teorizado que é o dispositivo da constituição do corpo político das lésbicas. Este permite verificar a imbricação dos elementos que demarcam a fala e o silêncio sobre as questões estruturantes e a formação de um tipo de gênese política na contemporaneidade, sem necessariamente envolver práticas sexuais e aspectos biológicos. Sobre os movimentos sociais, Foucault afirma que

O que eu gostaria de mostrar, em relação a tudo que atualmente se diz a respeito da liberação da sexualidade, é que o objeto da sexualidade é, na realidade, um instrumento formado há muito tempo e que se constituiu como um dispositivo de sujeição milenar. O que existe de importante nos movimentos de liberação da mulher não é a reivindicação da especificidade da sexualidade e dos direitos referentes à sexualidade especial, mas o fato de terem partido do próprio discurso que era formulado no interior dos dispositivos de sexualidade. Com efeito, é como reivindicação de sua especificidade sexual que os movimentos aparecem no século

XIX. Para chegar a que? Afinal de contas, a uma verdadeira dessexualização... a um deslocamento em relação à centralização do problema, para reivindicar formas de cultura, de discurso, de linguagem, etc., que são não mais esta espécie de determinação e de fixação a seu sexo que de certa forma elas tiveram politicamente que aceitar, que se fazer ouvir. O que há de criativo e de interessante nos movimentos de mulheres é precisamente isto. (FOUCAULT, 1979, p. 268)

Assim, também é o dispositivo da constituição do corpo políticos das lésbicas a tentativa de garantir, em certo sentido, o reconhecimento a partir do discurso e da linguagem no espaço público, rompendo com a determinação biológica do sexo. Precisamente, essas novas formas de agir fazem pensar em estratégias da autonomia e também refletir sobre o poder e no contexto das microrrelações de domínio, que são determinantes para os corpos políticos, formarem-se ou não, e, na medida em que tais relações de domínio são desiguais, isso implica uma diferença tanto na discriminação quanto na exclusão.

Aqui a diferença significa a distinção entre um sujeito e outros. Seria também a falta de igualdade ou de semelhança. Diferenciar, dessa forma, é verificar as singularidades, e a partir destas distinções impor, por meio da violência uma verdade absoluta, uma perspectiva conservadora e castradora, o que implica uma imposição de um padrão como único. A discriminação significa fazer distinção de algo ou alguém, separando um grupo de outro no que se refere a características extrínsecas, bem como as intrínsecas como, por exemplo, o sexo, orientação sexual e identidade de gênero. A exclusão em termos gerais significa o enfrentamento de dificuldades ou problemas sociais que levam ao isolamento, estas categorias se interligam.

Por fim, fica a seguinte indagação: seria o silêncio de fato uma forma de dos prazeres, já não se compreenderá muito bem de que maneira os ardis da sexualidade e do poder que sustentam seu dispositivo (1997:149), e, portanto, mesmo no silêncio muito foi mostrado no que se refere à constituição do corpo político das lésbicas, sempre vinculado à extração compulsória para a formação da verdade da instância saber-poder.

CAPÍTULO IV

RESISTÊNCIA E VISIBILIDADE LÉSBICA

1. Resistência, identidade e visibilidade do corpo político das lésbicas:

Compreender os conceitos de resistência(era moderna) e visibilidade(contemporaneidade) tornou-se imprescindível para alcançar a ideia sobre a constituição do corpo político das lésbicas. Vale destacar que o presente texto estabelecerá uma discussão apoiada em concepções como lesbianismo, dominação e poder fatores atuantes do processo da formação do corpo político lesbiano, o qual surgiu na Grécia e chegou até a contemporaneidade, explicitado de forma multifacetária.

Nesses termos, a constituição do corpo político das lésbicas parece encontrar limitações ao insurgir-se no mundo. As representações que guiam esse corpo acrescentam sentidos diversos, os quais indicam adjetivações desqualificantes e pejorativos. Dessa maneira, como na contemporaneidade são pensadas as categorias visibilidade e resistência do corpo político das lésbicas?

Visibilidade significa tornar algo ou alguém visível. Estar visível é ser percebido. Assim, o termo visibilidade é uma qualidade dos corpos que são percebidos pelo sentido da vista.¹⁸²

Visível, o corpo político das lésbicas se constituiu e, desse modo, visibilizado no espaço público, local em que as coisas aparecem e se tornam parte da cidade. Mas na cidade, tal corpo foi visto como caricato e transgressor (Grécia).

Como a era moderna aproximou esse corpo do conceito de anormal, este aparece como um monstro a ser examinado, suscitando categorias como medo, invisibilidade e silêncio. Logicamente a exposição desse período fez esse corpo resistir, embora, na contemporaneidade, a perspectiva tenha mudado e uma nova forma de agir passou a vigorar.

a carne, o verbo, o desejo, a linguagem, a história se entrelaçam e constituem o visível e o invisível do corpo. O corpo é outro gênero de

¹⁸² PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP). Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/sobre.aspx>>. Acesso em 8 set. 2011.

ser, paradoxal, pois se encontra na ordem das coisas, sem o sê-
2007:9)¹⁸³.

Assim o corpo político das lésbicas é paradoxal, pois na medida em que é
passa, assim, a não ser na era moderna. Um corpo visto, mas ao mesmo tempo
invisibilizado na sua condição. S

representações das mulheres na sociedade, o feminismo lésbico surge como uma
corrente que propunha a busca de persp¹⁸⁴ debate
que acende os componentes elementares para a subsistência do corpo que resiste.

Nesse sentido, o termo lesbianismo aparece como uma saída política
ontologicamente constituída enquanto pensamento que gera ideologia. Dessa
maneira, assume-se aqui o uso do termo lesbianismo como um pensamento político,
sendo importante ressaltar o que Costa aponta,

a palavra lesbianismo abarca um debate crítico na sociedade
acadêmica e científica acerca do final *ismo*, o termo mais
utilizado na atualidade é lesbienneidade, pois o sufixo *ismo*
determinaria doença. Logicamente que a relação homoafetiva
não é mais considerada uma patologia, sendo consenso na
comunidade de psicólogos, filósofos, e médicos esta posição.
Importa esclarecer, que o sufixo *ismo* é utilizado para indicar
teorias, movimentos sociais, correntes de pensamento, desta
forma a utilização do termo aqui apresentado será lesbianismo,
designando movimento social, assim como feminismo (COSTA,
2008:96)¹⁸⁵.

O lesbianismo, então, em certo sentido, tornou-se uma corrente de
pensamento. Repleto de elementos filosóficos foi conduzido, então, para o processo
de descoberta do corpo político das lésbicas. O lesbianismo enquanto movimento
ideológico-filosófico se constituiu em meio a discursos dominantes.

Para Wittig, o lesbianismo é um conceito revolucionário. Em seus estudos e¹⁸⁶, o
que significa que as lésbicas, então, estariam fora do domínio heterossexista¹⁸⁷ por
causa da própria natureza e constituição das suas relações. Cabe questionar se as

¹⁸³ NOBREGA, Terezinha Patricia da. *Merleau-Ponty: o filósofo, o corpo e o mundo de toda a gente!* 2007. Disponível em: < <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/129.pdf>>. Acesso em 9 set. 2011.

¹⁸⁴ SELEM, Maria Célia Orlato. *A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica*. Dissertação (Mestrado Universidade de Brasília) Brasília, 2007.

¹⁸⁵ COSTA, Zora.Y.T. *Autonomia, Lesbianismo e Democracia: Conferência LGBTT*. Revista *ORG & DEMO*, Marília, v.9, n.1/2, p. 95-110, jan./dez. 2008. p. 96

¹⁸⁶ WITTIG, Monique. *The Straight Mind: and other essays*. Boston: Beacon Pres. 1992. p.10.

¹⁸⁷ WITTIG, Monique. *The Straight Mind: and other essays*. Boston: Beacon Pres., 1992.

lésbicas, de fato, estariam fora dos parâmetros da dominação e hegemonia societária.

Em suma, afirma-se que estas não estariam fora do domínio, o corpo político das lésbicas se constituiu em meio às configurações sociais, estando as lésbicas inseridas no processo de dominação, então estas não estariam fora do domínio heterossexista, o que levaria à imposição do poder, assim como afirmou Foucault

1999:27)¹⁸⁸. Dessa forma seria ingenuidade achar que porque este corpo apresenta um formato divergente do comum estaria distante do engendramento do poder e da dominação. Ao contrário, esse corpo é incluído para ser excluído, aparecendo sob o domínio de um poder que desencadeou novas formas de apropriação do mesmo.

O corpo político das lésbicas se constitui também em meio aos efeitos hegemônicos dos desígnios da exclusão, esse desqualificado e considerado transgressor e anormal. O corpo das lésbicas tornou-se um acontecimento e, sendo assim, parte-se da premissa de que alguém só é algo na medida em que existe seu reconhecimento social.

Reconhecer é conhecer algo por aquilo que é. Desse modo, ao considerar os aspectos

movida em uma direção sociocultural para o âmbito coletivo, originando, a

corpo político das lésbicas.

Para tanto, é a partir do conceito de Navarro¹⁸⁹ que iremos discutir identidade.

em uma situação¹⁹⁰, o que sugere uma construção identitária dinamizada e fluente que ultrapassa as margens do antes e depois, do

Dessa forma, ao atribuir uma identidade nômade ao corpo político das lésbicas

¹⁸⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 223.

¹⁸⁹ Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys8/taniabr.html>>. Acesso em: 10 set. 2011.

¹⁹⁰ NAVARO, Tania Swain. Lesbianismo: identidade ou opção eventual? Disponível em: <<http://tanianavarrosvain.com.br/chapitres/bresil/identidade%20lesbiana.htm>>. Acesso em: 10 set. 2011.

diferentes em sua constituição, mas, ao mesmo tempo, análogos porque estão substanciados por um contexto mundano ou fluido.

Os elementos filosóficos e societários coadunados com o princípio de identidade nômade teriam a característica de que cada coisa é aquilo que é, e o corpo político das lésbicas é aquilo que é, mas transmutado por memórias que coletivo.

analisar a as questões intrínsecas constituintes, um corpo que se origina com a *eros*

nomeia esse corpo de errante, bem como faz este ocupar os espaços público e privado e o aproxima da ideia de transgressão e anormalidade.

ssibilidade de atuação política na contemporaneidade. A identidade nômade que vai além das questões intrínsecas, articulando com o emaranhado extensivo do mundo, reúne o individual -

Ontem um corpo transgressor, caricato e anormal, hoje um corpo visível e

qualidades extrínsecas como exemplo à visibilidade.

Assim, a int

lésbica. Dessa forma, o sujeito político lésbica é participante ativo do espaço societário, principal personagem das mudanças sociais por excelência. A vida política e as subjetividades implicadas partem, então, dessa constituição, envolvendo teorização e compreensão dos discursos e memórias conceituadas a partir do espectro individual mundo interno, o qual se relaciona com o espectro coletivo mundo externo.

Importa esclarecer também que as maneiras de entender o termo identidade variam na filosofia¹⁹¹. Aqui a perspectiva identitária envolve uma interioridade particular individual, carregada de características pretéritas que desfiguram e, ao mesmo tempo, formam a base própria do corpo político, no qual o sujeito efetua

¹⁹¹ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. 2007.p.612

interações no coletivo. Tal binarismo do individual e do coletivo envolve memórias inteligíveis, desde o extermínio por meio das fogueiras santas até a medicalização para uma pseudocura do lesbianismo.

De todo modo, a partir das memórias que o constitui, o lesbianismo na contemporaneidade propõe um agir político em oposição aos sentidos do poder que pressupõe dominação e invisibilidade deste corpo.

práticas sexuais podem dar uma definição do ser humano, atestando uma essência
¹⁹² Mas, em certo sentido, espectros individuais são balizados na singularidade, mas compartilhados na multidão.

Nesse sentido, Revel, a partir do pensamento foucaultiano, afirma que

O problema da produção das subjetividades pertence, portanto, ao mesmo tempo, a descrição arqueológica da constituição de um certo número de saberes sobre o sujeito, à descrição genealógica das práticas de dominação e das estratégias de governo as quais se pode submeter os indivíduos (...). (REVEL, 2005:85)

Assim, o sujeito político lésbica está circunscrito a partir dos elementos filosóficos, sociais e culturais desenvolvendo uma identidade nômade com princípios e matrizes para uma efetiva ação. Este agir discorre sob a égide do espectro individual, englobando espectro coletivo.

Em certo sentido, o sujeito político lésbica no mundo é reflexo da memória pretérita, concretizada no presente, que se atualiza com novas formas de agir. Assim, o agir coletivo e o sujeito político lésbica ultrapassam os desígnios do biológico, o qual abarca a naturalização do sexo imposto na constituição do que se deve considerar como mulher e homem na sociedade, sem dúvida é como se uma identidade tomasse apenas por base a formação do sexo.

Desse modo, é preciso compreender para além do sexo biológico, pois existe um sujeito do mundo. Um sujeito político dotado de uma identidade nômade e, portanto, composto por relações societárias mundanas, com formulações individuais, coletivas históricas e políticas.

¹⁹² NAVARO, Tania Swain. Lesbianismo: identidade ou opção eventual? Disponível em: <<http://taniaavaroswain.com.br/chapitres/bresil/identidade%20lesbiana.htm>>. Acesso em: 10 set. 2011.

E, sendo assim, ao verificar o mundo, afere-se que a formação desse sujeito está impossibilitada do isolamento em "si mesmo", pela própria composição coletiva.

Na obra *História da sexualidade, o cuidado de si*, Foucault afirma que

É no quadro dessa cultura de si, de seus temas e de suas práticas que foram desenvolvidas, nos primeiros séculos de nossa era, as reflexões sobre a moral dos prazeres; é preciso olhar para esse lado a fim de compreender as transformações que puderem afetar essa moral. Aquilo que é a primeira vista pode ser considerado como severidade mais marcada, austeridade acrescida, exigência mais estrita, não deve ser interpretado, de fato, como um estreitamento das interdições; o campo daquilo que podia ser proibido em nada se ampliou e não se preocupou organizar sistemas de proibições autoritárias e mais eficazes (FOUCAULT, 2005, p71-72).

O corpo político logicamente se expressa aquém do autoritarismo que se organiza frente à fala compulsória. Apontadas anteriormente, as formas de interdições bem eficazes para o domínio e o controle do corpo se fazem presentes de modo a afetar os corpos. Dessa maneira, o conceito de identidade nômade aumenta a tenacidade

caracteres próprios e exclusivos, que, de tão dinâmicos, criam uma interlocução nos âmbitos individual e externo, produzindo o sujeito lésbica.

Conforme analisa Foucault,

Mas, no extremo oposto, encontra-se a atitude que consiste, ao contrário, em fixar o que se é, numa pura relação consigo: trata-se, então, de constituir-se e reconhecer-se enquanto sujeito de suas próprias ações, não através de um sistema de signos marcando poder sobre os outros, mas através de uma relação tanto quanto possível independente do *status* de suas formas exteriores, já que ela se realiza na soberania que se exerce sobre si próprio (FOUCAULT, 2005:92).

Uma genealogia do sujeito lésbica? É certo que essa genealogia consente precisamente a reinscrição histórica dos fatos nos quais a identidade nômade é parte da constituição do corpo político.

Em Foucault, há um fazer genealógico, uma *ontologia do presente*, interpretada na atualidade como episódio que questiona a situação presente,

refletindo o pretérito e a resistência ante a despolitização nas sociedades de massa ou as modernas práticas disciplinares e do biopoder.

O sujeito político lésbica se compõe a partir de sua própria estrutura, envolvendo a existência do cuidado de si em oposição ao biopoder e às técnicas

tos

sociais, formando uma nova composição que mistura o individual e o coletivo.

E, portanto, a resignificação do sujeito político lésbica fez surgir o corpo-resistência, corpo-individual e o coletivo no enfrentamento do poder que acometeu esse corpo.

2. O corpo resistência em Butler:

Ao realizar uma discussão sobre a questão de gênero, Butler propõe, em sua

A marca do gênero pare humanos; o bebê se humaniza no momento em que a corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. (BUTLER, 2003:162)

Essa citação traz um questionamento acerca da construção da categoria gênero e como essa humanização/desumanização e suas imagens corpóreas se relacionam a partir da estruturação sociocultural, transformando o gênero em sujeito com corpo político.

Existe um conjunto de significados que são captados no contexto cultural e que possibilitam identificar que o gênero é apreendido, sendo uma espécie de ato cultural-corporal a exigir uma nova linguagem fazendo com que haja uma diversidade categórica que se expande.

Então apontar as especificidades na expansão categórica é avançar na discussão que se inicia para a construção do corpo político.

Inicialmente pensar na categoria sexo é remeter a um ponto de vista político da naturalização da sexualidade meramente procriadora, dando elementos constitutivos para a normatização da identidade de gênero e orientação sexual.

Desse modo, acontece então uma exclusão que marca profundamente o corpo político das lésbicas¹⁹³.

O corpo político das lésbicas parece inaugurar uma nova categoria, já que não são constituintes das categorias sexo e gênero, que possuem uma linguagem que de certo modo agrupa dados imediatos ou características físicas que fazem parte do signo da natureza, as lésbicas recusam a normatização e o percurso dos atributos da heterossexualidade.

A marca reprodutiva aparece como elemento forte nesta discussão, como uma percepção direta do sexo. Desse modo, o discurso de ser mãe carrega indiscutivelmente as categorias de sexo e o signo do que é ser mulher na sociedade. Como a maternidade constitui um dado objetivo da experiência de ser mulher, pertencendo, por essa razão, à ordem natural, sendo esta percebida como algo físico e necessário a todas as mulheres - uma construção do sistema social. Essa questão merece ser melhor debatida, mas não será tratada aqui.

As mulheres independentemente da sua orientação sexual podem romper com a imposição cultural da reprodução e criar uma nova linguagem do corpo físico percebido fragmentariamente no sistema social. As lésbicas estão inscritas nesse sistema que possui uma linguagem que tem o poder de nomear o que é tido como legítimo e real e, dessa forma, marcar e substituir a unicidade do corpo em meros pedaços.

Parafraseando Butler, a unidade imposta ao corpo pela categoria sexo é uma desunidade, pois pensar as partes sexuais como vagina, útero, ovários que realizam a procriação é remeter-se à ideia fragmentária da totalidade do corpo. O sexo presente nessa discussão fragmentária pertence, então, a uma realidade discursivamente constituída, servindo para o propósito da dominação.

Essa dominação está inscrita em uma linguagem que, repetida ao longo do tempo, produz efeitos sobre a realidade, resultando em acontecimentos. Tal conjunto de fatos é considerado uma prática que vem sendo repetida em relação à diferença entre os sexos, criando-se o que se denomina de divisão naturalizada. Desse modo, Butler afirma que

¹⁹³ (...) a contra intuitiva de Wittig é a seguinte: a lésbica não é uma mulher. A mulher, argumenta ela, só existe como termo que estabiliza e consolida a relação binária e de oposição ao homem; e essa relação, diz, é a heterossexualidade. Ao recusar a heterossexualidade, afirma Wittig, a lésbica para de definir nos termos dessa relação de oposição. Na verdade, diz ela, a lésbica transcende a oposição binária entre homens e mulheres, a lésbica não é mulher nem homem. E, ademais, a R, 2003, p. 164).

ato de dominação e coerção, um ato *performativo* institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual (BUTLER, 2003:168).

A configuração sexual dos corpos é estabelecida, então, pela imposição da categoria sexo que aprisiona por meio da linguagem projetada, impregnando nas entranhas do corpo social um cenário real de violência do que é tido como normal. Pensar na normalidade é evidenciar tal marca que oprime a todos, e incide diretamente na constituição de uma forma única de orientação sexual, deveria seguir padrões objetivando à procriação¹⁹⁴. Essa linguagem apresentada se estrutura de forma que todos aceitam sem questionar o padrão heterossexual. O discurso da igreja e das sociedades culturalmente se fundamenta na ideia de que o homem é feito para a mulher, e vice versa, e novamente o sexo aparece como ponto central da discussão.

O discurso torna-se, então, opressivo, já que exige uma fala sem questionamentos do que está ontologicamente e culturalmente inscrito no interior do sistema social¹⁹⁵. O poder dessa afirmação discursiva está impregnado no imaginário da sociedade e mergulha o corpo político das lésbicas em uma violência objetiva, a qual dispõe de discernimento acerca deste poder, sendo coagidas a lidar com ele.

Sendo assim, o enfrentamento que as lésbicas estabelecem subscrevem essa poder violento que ocorre por meio da construção de uma linguagem coletiva. A reificação do sexo socialmente imposta deformou o corpo político das lésbicas, criando (im)possibilidades para a realização do projeto político e a materialização do

194

3:168).

¹⁹⁵ GRUPO GAY DA BAHIA. Disponível em: <www.ggb.org.br>. Acesso em: 12 out. 2010. O Insulto e o Preconceito contra os Homossexuais são constantes - Grupo Gay da Bahia, a exemplo: CANDIDATO CHAMA PREFEITA DE SAPATÃO, AL. O candidato a prefeito de Maceió pelo PPS,

peçoais contra a prefeita Kátia Born também foram proferidos pelo candidato do PFL, José Thomás Nonô. [Fonte: Arquivo do Grupo Gay de Alagoas, Revista Veja, 2000]; DEPUTADO DIZ QUE HOMOSSEXUALISMO É ANOMALIA, DF. O Coronel José Rajão, deputado distrital de Brasília, pelo estimulando o homossexualismo, que, em minha opinião, é uma -6-2000].

terceiro gênero¹⁹⁶.

A concepção do terceiro gênero traria a derrubada do sistema relação binária expandindo o campo cultural e a diversidade sexual, trazendo, assim, uma visão universal. Entretanto, compreender que politicamente a existência da estrutura binária condiciona a relação de sujeição, pois permite que a dominação lingüística dos atributos físicos e a fragmentação dos corpos trazem artificialidade na discussão revelando a plenitude do campo ontológico distorcido nesta narrativa.

A questão contemporânea de expansão da diversidade sexual está permeada de estratégias conscientes por parte do corpo político das lésbicas que resistem à hegemonia da relação binária. Com isso, o corpo lésbico ambiciona e assume a fala¹⁹⁷, permitindo o reconhecimento e a visibilidade no mundo, desafiando a imposição heterossexual sobre os corpos e a categoria sexo, além de reafirmar direitos que são negados e enfrentar a invisibilidade e o silêncio contextualizado socialmente e por meio da linguagem. Segundo Butler,

implícito. A linguagem tem uma possibilidade dupla: pode ser usada para afirmar a universalidade verdadeira e inclusiva das pessoas, ou pode instituir uma hierarquia em que somente algumas pessoas são elegíveis para falar, e outras em virtude sem desautorizar simultaneamente sua fala. (BUTLER, 2003:167)

O construto do poder da fala permite o deslocamento reativo do lugar dos corpos políticos das lésbicas que reagem coletivamente e emergem do lugar marginal e de exclusão o qual foram introduzidas pelo discurso normatizador. Esse corpo desafia e cria uma perspectiva nova, modelando-se, assim, de forma unificadora, em uma linguagem política.

Diante disso, identificar o que circunscreve a linguagem política, permitindo a visibilidade do corpo político das lésbicas na contemporaneidade é fundamental para verificar os precedentes religiosos e cartesianos que compreendem esse corpo como um ente pecaminoso e doente.

¹⁹⁶ Esta discussão que Wittig realiza deixa claro que não há distinção entre sexo e gênero, a categoria de sexo trás macas de gênero, é politicamente investida, naturalizada, mas não natural. Para Wittig a mulher só existe para estabilizar a relação binária, e neste caso as lésbicas não são mulheres, as lésbicas transcendem a relação binária. A lésbica parece ser um terceiro gênero. (BUTLER, 2003, pg. 164)

¹⁹⁷ Para Wittig, falar é um ato de poder. (BUTLER, 2003, Pg. 174)

Fatalmente silenciá-lo ou curá-lo é condição para purificá-lo na ordem normatizadora e fundamentalista dessas instituições. Tornar, assim, esse corpo consciente é romper com a sujeição e a dominação presentes nos discursos que estabelecem fronteiras e servem ao propósito naturalizador, limitando e definindo ideias de purificação para punir o que está transgredindo o sistema.

Em um dado sentido, o corpo político das lésbicas carrega marcas excludentes que são operadas pela subversão da ordem. Com atributos estigmatizantes, as lésbicas são invisibilizadas socialmente. A sua condição a mergulha em um silêncio socialmente aceito. A fala desaparece dando lugar para a lesbofobia/homofobia¹⁹⁸, reforçando, por parte de alguns indivíduos, o medo e o desprezo pelas lésbicas.

A terminologia homofobia é usada para descrever uma repulsa face às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais, bem como todos os aspectos do preconceito heterossexista e da discriminação anti-homossexual¹⁹⁹. Já o termo lesbofobia é uma manifestação de violência frente a um modo de comportamento sexu a própria opressão sofrida por mulheres lésbicas. A negação dos direitos é uma forma de lesbofobia/homofobia: não ter garantia à permanência no lar quando a companheira morre; não poder autorizar cirurgia de risco; não poder assumir a guarda do/a filho/a da companheira, não poder declarar parceira como dependente do imposto de renda, não abater do imposto de renda os gastos médicos e educacionais da parceira. Enfim, os casais de lésbicas não são reconhecidos como entidade familiar, mas sim como sócios.

A homofobia, contorno do corpo natural, repousa na mentalidade societária. Na contemporaneidade, vêm-se intensificando as fronteiras do corpo político das lésbicas na medida em que não há o reconhecimento social. O corpo político das lésbicas traz a perda do sentido do normal e revela que esse entendimento do que é dito normal é uma impressão falha, um ideal que nenhum corpo agrupa. De acordo com Butler,

¹⁹⁸ HOMOFOBIA. Disponível em: < <http://ex-aequo.web.pt/homofobia.html>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

¹⁹⁹ O termo é um neologismo criado pelo psicólogo George Weinberg, em 1971, numa obra impressa, combinando as palavras gregas *phobos* ("fobia"), com o prefixo *homo-*, como remissão à palavra "homossexual". *Phobos* (grego) é medo em geral. Fobia seria assim um medo irracional (instintivo) de algo. Porém, "fobia" neste termo é empregado, não só como medo geral (irracional ou não), mas também como aversão ou repulsa em geral, qualquer que seja o motivo. Etimologicamente, o termo mais aceitável para a idéia expressa seria "Homofilofóbico", que é medo de quem gosta do igual. HOMOFOBIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homofobia>>. Acesso em: 12 ago. 2010.

como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma *performance* com conseqüências claramente

indivíduos na cultura contemporaneidade; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero (BUTLER, 2003:184).

Por meio de coação²⁰⁰ e punições reguladoras incorporadas, produz-se a idéia que o sexo natural, mulher ou homem, deve ter elementos e estilos corpóreos que designam o significado e configuram socialmente os papéis destinados compulsoriamente ao gênero.

Infelizmente, os papéis impostos socialmente marcam o corpo político das lésbicas, violentando e estabelecendo uma cópia infundada das relações binárias. Faz-se necessário ultrapassar esse conceito e verificar que as lésbicas não se enquadram nessa perspectiva. Paradoxalmente, as lésbicas promovem uma

verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente *incríveis*

Desse modo, o corpo político das lésbicas enquanto terceiro gênero se torna incrível, pois permite a extrapolação das imposições da relação binária na composição totalizante e unitária dos atributos essenciais ao corpo político. A visibilidade do corpo político das lésbicas tenta contradizer a ordem androcêntrica e sexista do mundo determinante. Assim, historicamente as relações normativas se baseiam nas desigualdades de gênero e na repressão sexual e tem sido imposta para as lésbicas através da família, da escola, dos meios de comunicação e da agressão física ou psíquica, na tentativa de invisibilizar o terceiro gênero, ou seja, para as lésbicas, é negar direitos sociais, a participação política, é negar a existência do corpo político.

O silêncio acerca do corpo acentua formas internas e externas, históricas e institucionais, em uma linguagem com constelações permeadas de elementos sutis,

²⁰⁰ De acordo com uma pesquisa realizada em 2005, com participantes da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, é alto o índice de homossexuais que são vítimas de discriminação: 72%. A maioria deles (34%) disse que a discriminação ocorreu entre amigos e vizinhos. Em segundo lugar aparecem situações de marginalização ou exclusão na escola ou faculdade (32%) e, em terceiro lugar, vem a discriminação ocorrida em ambiente familiar (24,8%). AGÊNCIA BRASIL. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/09/25/materia.2006-09-25.6363393980/view>>. Acesso em: 29 set 2011.

por vezes violentos e de feição controladora. Os discursos configuram formatos excludentes por meio de uma força perversa cuja matriz normatizadora cria relações binárias de poder sistêmicas, nas quais as lésbicas estão sujeitas à exclusão. Reproduzem-se corpos úteis com uma alocação e marcas dominantes, constroem-se as doutrinas disciplinadoras e de domesticação do corpo político das lésbicas. Romper com essa dinâmica se torna essencial para construir um novo discurso, o discurso acerca do terceiro gênero.

CAPÍTULO V

CORPO EM MOVIMENTO - IDENTIDADE LÉSBICA

1. Da identidade e princípios:

Michel Foucault²⁰¹

esclareceu que

o movimento homossexual tem mais necessidade hoje de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa (FOUCAULT, 1982:1).

A afirmação de Foucault de que a sexualidade é uma possibilidade e que faz parte da conduta humana remete a importância do significado dessa questão para a vida. O que seria uma arte de viver? Seria o corpo político que se movimenta?

Ao pensar sobre a questão de modo geral, foi estabelecido o raciocínio sobre a concepção da arte de viver associada à vida criativa, como as novas maneiras de se colocar no mundo.

Como tratado anteriormente, assume-se aqui que o corpo político em movimento criou uma identidade nômade individual e o coletivo, e tal identidade fluida fez ressurgir possibilidades e também impossibilidades, gerando uma nova forma de agir.

Essa fluidez no agir desse corpo político o tornou original, juntamente com seus elementos, a exemplo da sexualidade. Assim, a sexualidade é colocada sob

do quer dizer que

²⁰¹ FOUCAULT, Michel. Interview: Sex, Power and the Politics of Identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. *The Advocate*, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Esta entrevista estava destinada à revista canadense *Body Politic*.

não se descobre a homossexualidade, pois esta existe pela vontade e é inseparável do que se é. O ser homossexual aceita sua sexualidade e estabelece um modo de vivê-la, contudo isso pode acontecer de forma pacífica ou não.

Foucault conti
gay. Um tornar-
afasta o pensamento naturalizante.

-se aos homens, mas
alguns países também pode referir-
invisibilização das lésbicas no processo político do movimento homossexual integra as dinâmicas de apropriação masculina dos espaços de visibilidade e ²⁰². Desse modo, muitas lésbicas não se reconhecem enquanto mulheres gays, o que se contrapõe a essa idéia foucaultiana. Assim, o tornar-se lésbica diferentemente do tornar-se gay também é uma arte de viver.

Se a palavra lésbica vem sendo uma das principais formas de visibilizar o corpo político das lésbicas, por que recorrer a uma palavra que pressupõe representar o masculino?

Uma das questões que sempre esteve em voga na pauta do movimento
ra
-se uma nova forma de agir, reinventando o viver criativo, afinal a visibilidade do corpo das lésbicas afiança a participação na cena política. Pensar na histórica instituída. Desse modo, como é este tornar-se lésbica? Como criar um modo de vida lésbica em uma sociedade excludente?

Muitas perguntas e poucas respostas, mas a certeza de que as reflexões aqui apresentadas levam ao entendimento de que um modo de vida lésbica, a partir da

-se lésbica. Conforme analisa
Foucault,

²⁰² SELEM, Maria Célia Orlato. *A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica*. Dissertação (Mestrado Universidade de Brasília) Brasília, 2007.

(...) mas eu não estou seguro de que nós devemos criar nossa própria cultura. Nós devemos criar uma cultura. Devemos realizar criações culturais. Mas aí, devemos nos embater com o problema da identidade. Desconheço o que faríamos para produzir essas criações e desconheço quais formas essas criações tomariam. Por exemplo, eu não estou de todo certo de que a melhor forma de criação literária que possa atingir aos homossexuais sejam os romances homossexuais. (FOUCAULT, 1982:2).

Certamente, ao se criar uma cultura, inventa-se uma forma da arte de viver. Ter uma vida criativa faz surgir novos modelos em sociedade. E ao perpetrar uma relacionais e socioculturais no que se refere à orientação sexual e identidade de gênero a partir de energia criativa e política.

-
-
mais

que envolvem. Elas organizam significados enquanto os papéis organizam somente

203

Ainda para Almeida e Heilborn, a identidade lésbica é apresentada como HEILBORN, 2008:230)²⁰⁴.

Sendo assim, a preciosidade referida resguarda a formação da identidade e a importância da representação para o desenvolvimento de uma vida criativa. Isso possibilita a afirmativa identitária do que se é frente à sociedade.

Fundamental compreender que a identidade lésbica envolve categorias como ontologia (mito de origem), visibilidade e autonomia que juntas criam possibilidade de afirmação social. A identidade lésbica é um elemento indissociável e constitutivo

a partir de um sentimento de inconformismo, manifestado no apego a projetos societários

205

²⁰³ ALMEIDA, Glaucia e HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. Revista Genero. Niteroi, v. 9,n. 1, p.225-249, 2 sem. 2008.p.230.

²⁰⁴ ALMEIDA, Glaucia e HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. Revista Genero. Niteroi, v. 9,n. 1, p.225-249, 2 sem. 2008.p.230.

²⁰⁵ ALMEIDA, Glaucia e HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. Revista Genero. Niteroi, v. 9,n. 1, p.225-249, 2 sem. 2008.p.229

Então o corpo político das lésbicas enquanto um projeto societário emancipatório ocorre por meio de um processo de libertação em relação a qualquer tipo de subjugação. Segundo Abbagnano, o ideal de emancipação é típico da modernidade e da ideia de progresso²⁰⁶. Desse modo, Foucault expressa que

a partir de nossas escolhas sexuais, a partir de nossas escolhas éticas podemos criar algo que tenha uma certa relação com a homossexualidade. Mas esta coisa não deve ser uma tradução da homossexualidade no domínio da música, da pintura - o que sei eu, novamente? - que penso não ser possível.(FOUCAULT, 1982:2)²⁰⁷

Escolhas éticas e escolhas sexuais estão imbricadas na efetivação da proposta de uma arte de viver que ultrapassa o âmbito simplificado e raso. Tais escolhas necessariamente caminham paralelas a um projeto maior partilhados na esfera política.

O debate da identidade articulado às escolhas éticas e sexuais traduz uma causação cujo efeito é o tipo de energia concentrada, assim como a continuidade do processo articulador e, por fim, a emanação do valor produzido que desemboca em escolhas ético-sexuais perfeitamente inclusivas.

Para Ravel, que estudou o conceito foucaultiano sobre estética da existência,

O tema da estética da existência como produção inventiva de si não marca, entretanto à figura do sujeito soberano, fundador e

contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de

uma prática ética de produção de subjetividade, é, ao mesmo tempo, assujeitada e resistente: é, portanto, um gesto eminentemente político. (REVEL, 2005, p.44)

Portanto, a identidade lésbica como parte da arte de viver, como estética da existência em meio ao campo político, comporta sujeição e autonomia, sendo transformado pela prática ética que se forma a partir dos signos políticos.

²⁰⁶ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. 2007.p. 362.

²⁰⁷ FOUCAULT, Michel. Interview: Sex, Power and the Politics of Identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. *The Advocate*, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Esta entrevista estava destinada à revista canadense *Body Politic*.1982.p.2.

Dessa forma, é evidente que a ética envolve aspectos da conduta que se insurgem através da diferença sexual, a qual reduz e valoriza os sexos em uma moral tradicionalmente naturalizante. Foucault reitera que

veja bem, se a identidade é apenas um jogo, apenas um procedimento para favorecer relações, relações sociais e as relações de prazer sexual que criem novas amizades, então ela é útil. Mas se a identidade se torna o problema mais importante da existência sexual, se as pessoas pensam que elas devem "desvendar" sua "identidade própria" e que esta identidade deva tornar-se a lei, o princípio, o código de sua existência, se a questão que se coloca continuamente é: "Isso está de acordo com minha identidade?", então eu penso que fizeram um retorno a uma forma de ética muito próxima à da heterossexualidade tradicional. Se devemos nos posicionar em relação à questão da identidade, temos que partir do fato de que somos seres únicos. Mas as relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade, elas devem ser antes relações de diferenciação, de criação, de inovação. É muito chato ser sempre o mesmo. Nós não devemos excluir a identidade se é pelo viés desta identidade que as pessoas encontram seu prazer, mas não devemos considerar essa identidade como uma regra ética universal (FOUCAULT, 1982:4)²⁰⁸.

E, sendo assim, a identidade, parte indissociável do corpo político das lésbicas, deverá ser compreendida observando-se o princípio da inclusão e em respeito às demais identidades. Portanto, ao se sustentar a identidade como viés do prazer, deve ser observado que esta é fluida e está sempre em constante movimento, criando uma postura frente ao mundo coadunada com princípios éticos.

O respeito pela diversidade considera e reconhece a dignidade própria ou alheia, inspirada no reconhecimento. Desse modo, o respeito deve ser entendido como princípio integrante da arte de viver, ou seja, essencial ao fazer da arte política.

direitos humanos, com a negação destes, sendo necessário que o projeto de
2008:99)²⁰⁹.

²⁰⁸ FOUCAULT, Michel. Interview: Sex, Power and the Politics of Identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. *The Advocate*, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Esta entrevista estava destinada à revista canadense *Body Politic*. 1982. p.4.

²⁰⁹ COSTA, Zora.Y.T. Autonomia, Lesbianismo e Democracia: Conferência LGBTT. Revista *ORG &*

Frente a isso, cabe destacar que esse agir moral, com base ética, está explicitado nos princípios de Yogyakarta, um documento de referência com pressupostos filosóficos que promovem uma reflexão acerca da aplicação da lei internacional de direitos humanos.

É sabido que as inúmeras situações de violação de direitos, discriminação e preconceito submetem muitas pessoas no mundo, situações que ocorrem devido à orientação sexual e identidade de gênero. A normalização motiva o exercício do poder e dominação sobre o corpo produtor da política.

A carta que contém os princípios foi concebida após a realização de reunião em Yogyakarta, na Indonésia, em novembro de 2006. Nasceram daí os Princípios de Yogyakarta, um instrumento com formulações políticas e éticas no sentido de ultrapassar a conjuntura dominante, a qual insiste em romper com o respeito em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Infelizmente, a contemporaneidade ainda testemunha as falas societárias que violam os direitos.

Desse modo, os Princípios de Yogyakarta articula 29 definições de direitos humanos fundamentais para a convivência humana, aglomerando e instituindo recomendações em relação aos direitos à vida; à igualdade e não discriminação; à privacidade; à educação; à saúde; à proteção contra abusos médicos; à liberdade de opinião, expressão e organização; ao asilo; à formação de famílias, entre outros.

Os Princípios de Yogyakarta produzem, a partir de uma linguagem teórica, discussões políticas para a real libertação da normalização. Sem dúvida, um importante instrumento de caráter e ação política.

Por conseguinte, os Princípios de Yogyakarta, segundo o filósofo argentino Mauro Cabral, apresenta-se coerente e por estar distante da ideia de uma política de identidade que fixa os sujeitos. Sendo assim, entender que os princípios ampliam as concepções de identidade e as torna fluidas, em um estado de movimento, é necessário para romper com o jogo de dominação.

Os Princípios de Yogyakarta é uma forma de resistência. Como avaliou Foucault,

Veja que se não há resistência, não há relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência. A partir do momento que o indivíduo está em uma situação de não fazer o que quer, ele deve utilizar as relações de poder. A

resistência vem em primeiro lugar, e ela permanece superior a todas as forças do processo, seu efeito obriga a mudarem as relações de poder. Eu penso que o termo "resistência" é a palavra mais importante, a palavra-chave dessa dinâmica. (FOUCAULT, 1982:6)²¹⁰

Os princípios são uma forma de reconhecer as relações de poder estabelecidas, bem como uma maneira de resistir à dominação da normalização.

Na ocasião em que foi construída a carta, o preâmbulo apontou o seguinte:

LEMBRANDO que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, que cada pessoa tem o direito de desfrutar os direitos humanos sem distinção de qualquer tipo, tal como raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra opinião, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou outro status;

PREOCUPADOS com a violência, assédio, discriminação, exclusão, estigmatização e preconceito dirigidos contra pessoas em todas as partes do mundo por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero, com que essas experiências sejam agravadas por discriminação que inclui gênero, raça, religião, necessidades especiais, situação de saúde e status econômico, e com que essa violência, assédio, discriminação, exclusão, estigmatização e preconceito solapem a integridade daquelas pessoas sujeitas a esses abusos, podendo enfraquecer seu senso de auto-estima e de pertencimento à comunidade, e levando muitas dessas pessoas a reprimirem sua identidade e terem vidas marcadas pelo medo e invisibilidade;

CONSCIENTES de que historicamente pessoas experimentaram essas violações de direitos humanos porque são ou são percebidas como lésbicas, gays ou bissexuais, ou em razão de seu comportamento sexual consensual com pessoas do mesmo sexo, ou porque são percebidas como transexuais, transgêneros, intersexuais, ou porque pertencem a grupos sexuais identificados em determinadas sociedades pela sua orientação sexual ou identidade de gênero;

referida à capacidade de cada pessoa de experimentar uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas;

²¹⁰ FOUCAULT, Michel. Interview: Sex, Power and the Politics of Identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. *The Advocate*, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Esta entrevista estava destinada à revista canadense *Body Politic*. 1982.p.6.

à experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode, ou não, corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive o modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos;

OBSERVANDO que a legislação internacional de direitos humanos afirma que toda pessoa, não importando sua orientação sexual ou identidade de gênero, tem o direito de desfrutar plenamente de todos os direitos humanos, que a aplicação das prerrogativas existentes de direitos humanos deve levar em conta as situações específicas e as experiências de pessoas de orientações sexuais e identidades de gênero diversas, e que a consideração primordial em todas as ações relativas às crianças será a primazia dos interesses dessas crianças, e que uma criança capaz de formar opiniões pessoais tem o direito de expressá-las livremente e a essas opiniões deve ser atribuído o devido peso, de acordo com sua idade e maturidade; NOTANDO que a legislação internacional de direitos humanos impõe uma proibição absoluta à discriminação relacionada ao gozo pleno de todos os direitos humanos, civis, culturais, econômicos, políticos e sociais, que o respeito pelos direitos sexuais, orientação sexual e identidade de gênero é parte essencial da igualdade entre homem e mulher e que os Estados devem adotar medidas que busquem eliminar preconceitos e costumes, baseados na idéia de inferioridade ou superioridade de um determinado sexo, ou baseados em papéis estereotipados de homens e mulheres, e notando ainda mais que a comunidade internacional reconheceu o direito de as pessoas decidirem livre e responsabilmente sobre questões relacionadas à sua sexualidade, inclusive sua saúde sexual e reprodutiva, sem que estejam submetidas à coerção, discriminação ou violência;

RECONHECENDO que há um valor significativo em articular de forma sistemática a legislação internacional de direitos humanos como sendo aplicável à vida e a experiência de pessoas de orientações sexuais e identidades de gênero diversas;

RECONHECENDO que esta articulação deve basear-se no atual estado da legislação internacional de direitos humanos e que vai exigir revisões regulares para incorporar desenvolvimentos desta lei e sua aplicação à vida e à experiência de pessoas de orientações sexuais e identidades de gênero diversas, ao longo do tempo e em diversas regiões e países.

(ANEXO)

Diante disso, a necessidade de se estabelecer princípios que, de fato, promovam o reconhecimento internacional sobre a importância de combater e enfrentar a violação de direitos no que se refere à orientação sexual e identidade de gênero é primordial e urgente. Assim, os princípios elegidos foram os seguintes:

Quadro 1- Princípios de Yogyakarta

PRINCÍPIO 1. Direito ao Gozo Universal dos Direitos Humanos
PRINCÍPIO 2. Direito à Igualdade e a Não-Discriminação
PRINCÍPIO 3. Direito ao Reconhecimento Perante a Lei
PRINCÍPIO 4. Direito à Vida
PRINCÍPIO 5. Direito à Segurança Pessoal
PRINCÍPIO 6. Direito à Privacidade
PRINCÍPIO 7. Direito de Não Sofrer Privação Arbitrária da Liberdade
PRINCÍPIO 8. Direito a um Julgamento Justo
PRINCÍPIO 9. Direito a Tratamento Humano durante a Detenção
PRINCÍPIO 10. Direito de Não Sofrer Tortura e Tratamento ou Castigo Cruel, Desumano e Degradante
PRINCÍPIO 11. Direito à Proteção Contra todas as Formas de Exploração, Venda ou Tráfico de Seres Humanos
PRINCÍPIO 12. Direito ao Trabalho
PRINCÍPIO 13. Direito à Seguridade Social e outras Medidas de Proteção Social
PRINCÍPIO 14. Direito a um Padrão de Vida Adequado
PRINCÍPIO 15. Direito à Habitação Adequada
PRINCÍPIO 16. Direito à Educação
PRINCÍPIO 17. Direito ao Padrão mais Alto Alcançável de Saúde
PRINCÍPIO 18. Proteção contra Abusos Médicos
PRINCÍPIO 19. Direito à Liberdade de Opinião e Expressão
PRINCÍPIO 20. Direito à Liberdade de Reunião e Associação Pacíficas
PRINCÍPIO 21. Direito à Liberdade de Pensamento, Consciência e Religião
PRINCÍPIO 22. Direito à Liberdade de Ir e Vir
PRINCÍPIO 23. Direito de Buscar Asilo
PRINCÍPIO 24. Direito de Constituir uma Família
PRINCÍPIO 25. Direito de Participar da Vida Pública
PRINCÍPIO 26. Direito de Participar da Vida Cultural
PRINCÍPIO 27. Direito de Promover os Direitos Humanos
PRINCÍPIO 28. Direito a Recursos Jurídicos e Medidas Corretivas Eficazes
PRINCÍPIO 29. Respo

Portanto, cada princípio deve ser aplicado para o enfrentamento da restrição, opressão ou qualquer forma de confinamento dos direitos e da autonomia das

peçoas, conforme está previsto em normativas internacionais, nacionais e locais. Por fim, considerando-se as narrativas e conquistas, a saber, é importante desdobrá-las em um agir que possibilite o rompimento com a desqualificação dos corpos políticos das lésbicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Safo, de forma admirável, escreve

E partindo desta inquietação sáfica é que se propôs aqui reunir, desse modo, partes que trazem à luz certa compreensão sobre a construção do corpo político das lésbicas, ou melhor, do sujeito político lésbica. Este processo de total entrega considerou que muitas questões de cunho reflexivo passam de forma despercebida pela multidão.

E tal entrega, possibilitou reconhecer o trajeto percorrido por esse corpo que ora foi desqualificado e excluído, ora incluído e desqualificado no presente passou a ser participativo e atuante no cenário político.

Outrossim, foram destacadas aqui algumas matrizes e significações que se fizeram presentes nesta produção dissertativa, como o corpo transgressor, participação no espaço público, corpo anormal, invisibilidade, silêncio e o medo, identidade resistência e empoderamento do corpo político das lésbicas. O desenvolvimento deste corpo em ciclos diferentes, na era clássica, moderna e na atualidade, bem como a visão frente a este e a sua colocação no mundo.

Extraordinário perceber que todo o processo de desenvolvimento no constructo desse corpo ou do sujeito lésbica não esteve sempre ocupando o mesmo lugar, não incorrendo em uma linearidade, mas avançou ou recuou de acordo com as possibilidades e impossibilidades dadas no momento.

A convergência das falas a partir da produção diferenciada em cada período procurou descobrir o significado acerca do construto do corpo político lesbiano, partindo-se de pressupostos filosóficos de Foucault, Butler, Mirolasv, da poeta Safo e outros pensadores que subsidiaram a discussão, agregando importantes contribuições sobre a temática, e também a atenção voltada ao entendimento dessa formação política. Para tanto, como base central deste texto se empregou a filosofia. Assim, o ato de filosofar aqui permitiu a análise dos conceitos, conferindo essência questionadora à ação humana, palavras, proposição e imagens em relação a estes pressupostos.

Dessa maneira, em alguns momentos observou-se que as dinâmicas impressas nesse corpo desde a Grécia trazem à tona o debate acerca dos signos de desqualificação e despolitização, indicando qual é o espaço que as mulheres

deveriam ocupar. Imagens de um corpo político transgressor, uma Safo caricata, que aparece e visibiliza-se no espaço público. E desse modo o seu lugar não é apenas o privado, é o espaço público.

Logicamente que este lugar público tido como masculino é composto pela presença dessa poeta brilhante. Este surgir que acontece em meio às crises do período em que viveu marca novos tempos para as lésbicas. Logicamente, o lugar público, tido como masculino, reconfigura-se com a presença de Safo, marcando um tempo revolucionário para as lésbicas.

Notadamente, a era moderna, que tem como principal ferramenta conduzir a meio de constantes exames, esse corpo político deve ser visto no sentido de tornar-

E assim prossegue a história, que com os saberes e a cientificidade instala uma nova ordem, intervindo diretamente sobre este corpo. O monstro precisa ser corrigido para que a sociedade funcione sob a ótica da normalização.

Destaca-se ainda, que este corpo para se proteger se invisibiliza, silencia pelo medo de ser normalizado, mas mesmo com tantas interferências, sobrevive e cria emergir os elementos de resistência.

A resistência propicia imagens mais categóricas no sentido de fazer com que a violação de direitos e o reconhecimento estejam em voga em uma sociedade na qual se materializam direitos.

Ao considerar os aspectos que envolvem o corpo político das lésbicas e a própria realidade, constatou-se que existiram pelo menos quatro momentos de visibilidade: a era clássica, onde Safo produziu uma obra vasta sobre o amor entre mulheres, no século VI a.c., na ilha de Lesbos, onde se originou a palavra lésbica; a Idade Média, período em que a inquisição foi o principal instrumento de repressão da Igreja Católica contra as pessoas que se opunham à norma, inclusive as lésbicas; a modernidade marcada pelo surgimento de estudos de natureza psiquiátrica e de medicina legal, quando a ciência dedicava-se a estabelecer padrões de normalidade e a descrever, para tentar curar, tudo o que não se adequava a esses padrões, categorizando a homossexualidade como doença; e, por fim, a contemporaneidade, que tem como principal pauta social a luta por garantia de direitos, e a formação do corpo político das lésbicas realizados de maneira plural.

Essas fases são apresentadas com diferentes questões em que o discurso político é diverso, demarcando atuações frente ao cenário composto por situações diferenciadas envolvendo exclusão e inclusão deste corpo.

Portanto, o corpo político das lésbicas é reconhecido, mas ainda ocupa um espaço carregado de significados patriarcais. O corpo político das lésbicas ou o sujeito político lésbica ainda está impregnado de memórias que apontam para uma certeza: a de resistir e visibilizar-se para garantia de direitos sociais, num agir político, dinâmico e autônomo.

REFERÊNCIAS:

1. Livros e Artigos:

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. 2007.
- ACKER, Clara Britto da Rocha. *Dioniso, Diotima, Sócrates e a Erosófia*. Revista AISTHE, nº 3. 2008.
- ADORNO, T. W. *Texto de Theodor W. Adorno: Tabus a respeito do professor*. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. In: PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; ZUIN, A.A.S. *Adorno: o poder do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes. 2. Ed. 1999.
- ANTUNES, Marco Antunes. *O público e o privado em Hannah Arendt*. 2008.
- ARENDT, Hannah. *The Promise of Politics*. New York: Schocken Books. 2005.
- _____. *O Que é Política?* Trad. Reinaldo Guarany. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil. 2006.
- _____. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.
- _____. *Compreensão e política*. In *Dignidade da política: ensaios e conferências*. Tradução ao português de Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- _____. *Entre o passado e o Futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva. 2005.
- _____. *A vida do espírito: o querer, o pensar, o julgar*. Tradução ao português de Antônio Abranches, Cesar Augusto de Almeida, Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1992.
- _____. *Sobre a revolução*. Tradução ao português de I. Moraes. Lisboa:
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB. 1985.
- ARNAUD, Noël. JARRY, Alfred. *d'Ubu roi au Docteur Faustroll*. La Table Ronde. 1974.
- BADÊ, Fayga Silveira. *O Público e o Privado: Deslizamentos e Rupturas*. In: Anais do XVII Encontro Preparatório para o Congresso Nacional do CONPEDI-Tema:
- BARRETO, Vicente de Paulo. *Dicionário de Filosofia Política*. São Leopoldo:

Unisinos. 2010.

BERNARDES, W. L. M. *Da nacionalidade: Brasileiros natos e naturalizados*. 1.ed. Belo Horizonte: Del Rey. 1995.

BAUDELAIRE, Charles. "*Lesbos*", IN *Les fleurs du mal*. 1857.

BELLINI, Lígia. *A coisa obscura. Mulher, sodomia e Inquisição no Brasil colonial*. São Paulo, Editora Brasiliense. 1989.

BRASIL. *Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Direitos Humanos*. 5 Conferência de Direitos Humanos. Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações. 2001.

BREMMER, J. *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. Campinas: Papirus. 1995.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo. A experiência vivida*. 1967.

BONTEMPO, Valéria Lima. *A Assembléia de Usuários e o CAPSI*. Revista Psicologia Ciência e Profissão. 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*; tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2003.

CAMPOS, Sávio Laet de Barros. *A Política em Aristóteles: Educação para a virtude e contemplação*. 2010.

CARDOSO, Fabio de Oliveira. In *História/vários autores*. Curitiba: SEED-PR. 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*. Ed. Brasiliense: São Paulo. 1984.

COSTA, Zora Y. T. *Visibilidade do corpo político das lésbicas na contemporaneidade*. (Monografia de Especialização em Filosofia). Brasília. 2008.

_____. *Autonomia, Lesbianismo e Democracia: Conferência LGBTT*. Revista *ORG & DEMO*, Marília, v.9, n.1/2, p. 95-110, jan./dez. 2008.

DEMARCHI, Cristiane. *SAFO, CONTEÚDO ADULTO: homoerotismo feminino/voyeurismo masculino*. Revista *Outros Tempos*. Volume 7, número 9, julho de 2010 - Dossiê Estudos de Gênero. 2010.

_____. *Entre o excesso e o ideal: imagens de safo na França da primeira metade do século XIX*. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010.

DEJEAN, Joan E. *Fictions of Sappho, 1546-1937*. Chicago: University of Chicago Press. 1989.

- DIDEROT, Denis. *Discurso sobre a poesia dramática*. São Paulo: Cosac Naify. 2005.
- DALBOSCO Laudio A; MUHL Eldon H. e CASAGRANDA Edison A. *Filosofia e Pedagogia - Aspectos Históricos e Temáticos*. Campinas/SP: Editora Autores Associados. 2008.
- DANIEL, Herbert e MICCOLIS, Leila. Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade. 1983.p.133.
- EWALD, François. *Michel Foucault*. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de. (Org.). *Michel Foucault: O dossier últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus. 1984.
- FILHO, Amílcar Torrão. *Tríbadés Galantes, Fanchonos Militantes: Homossexuais Que Fizeram História*. São Paulo: Summus. 2000.
- FOLSCHEID, Dominique e WUNENBURG, Jean-Jacques. *Metodologia Filosófica*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- FONTES, Joaquim Brasil. *Variações sobre a Lírica de Safo*. São Paulo: Estação Liberdade. 1992.
- _____. *Eros, Tecelão de mitos*. Iluminaras: São Paulo. 2003.
- _____. *Imagens de Safo*. São Paulo: Cadernos Pagu. 1994
- FREUD, Sigmund. (1913) *Totem e Tabu*. In: *Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago. 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Edmundo Cordeiro e António Bento Collège de France prononcée le 2 décembre 1970. Paris: Éditions Gallimard. 1971.
- _____. *A Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes. 2004.
- _____. *Ética, política, sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V).
- _____. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- _____. *Histoire de la sexualité III: Le souci de soi*. Paris: Gallimard, 1984.
- _____. *História da Sexualidade. A vontade de saber*. Ed. Graal: Rio de Janeiro. 1988.
- _____. *História da Sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 1997.
- _____. *La philosophie analytique de la politique*. Texto 232 [1978]. In: DE2.540.

- _____. *L'herméneutique du sujet – cours au Collège de France. 1981 – 1982*. Gallimard le Seuil, Paris. 2001.
- _____. *Microfísica do Poder*. Org. e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: editora Grall. 1979.
- _____. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 223.
- GÓIS, João Bosco Hora e SOLIVA, Thiago Barcelos. *A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos*. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu: Anais. 2008.
- GOMES, José Roberto de Paiva. *As Imagens de Safo, nos artefatos cerâmicos gregos*. São Paulo: HÉLADE, 2003. p. 08-11. LOURENÇO, Frederico (org.). *Poesia grega: de Álcman a Teócrito*. Lisboa: Livros Cotovia e Frederico Lourenço. 2006.
- _____. *O Papel de Lesbos na Estratégia Militar de Alexandre, O Grande*. Rio de Janeiro: Revista NEArco Número II - Ano I. 2008.
- GREENE, E. *Re-reading Sappho: reception and transmission*. Berkeley, University of Califórnia Press. 1996.
- GUY LABARRE. *Les cités de Lesbos aux époques hellénistique et impériale*. Coleção de l'Institut d'Archéologie et d'Histoire de l'Antiquité, Université Lumière Lyon 2, Vol. 1. Limonest: Boccard. 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica, Grega e Latina*. Inglaterra: Oxford University Press. 1987.
- HUMM, Maggie. *The dictionary of feminist theory*. Columbus: Ohio State University Press 1990.
- IRIARTE, Ana. *Safo (Siglos VII/VI a.C.)*. Madrid: Ediciones Del Ouro. 1997.
- JONES, A.H.M. *Athenian Democracy*. Oxford: Blackwell Publishing. 1957.
- JÄEGER, Werner. *Paidéia: A formação do homem grego*. Lisboa: Áster. 1967.
- JUNG, Carl Gustav. *A natureza da Psiquê*. Editora Vozes: Petrópolis. 2000.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas*. Revista Bagoas. V.3, n.4, jan./jun. 2009.
- KURKE, Leslie. *The politics of abrosunh in Archaic Greece*. In: Classical Antiquity, v. 11, nº 01, April. 1992.

- LARDINOIS, André. *Safo Lésbica e Safo de Lesbos. In: De Safo a Sade – Momentos na História da Sexualidade*. Org: Jan Bremmer; Trad: Cid Knipel Moreira. Campinas, SP: Papyrus. 1995.
- LAÉRCIO, Diógenes. *Vida dos Filósofos Eminentíssimos, Vida de Pítaco*. Trad. para o inglês por Robert Drew Hicks. 1925.
- LOBATO, Vívian da Silva. *Revisitando a Educação na Grécia Antiga: A Paidéia*. Belém: UNAMA. 2001.
- LUFT, Lya. *Pensar é transgredir*. São Paulo: Record. 2004.
- MARCONDES, Danilo. *Amor e Amizade Eros e Philia*. INAE - Instituto Nacional de Altos Estudos. Rio de Janeiro. 2008.
- MATA, Giselle Moreira da. *As práticas “homossexuais femininas” na antigüidade grega: uma análise da poesia de safo de lesbos (século vii a.c)*. Revista Alétheia: de estudos sobre Antigüidade e Medieval. Volume 1, Janeiro/Julho. 2009.
- MALHADAS, Daisi; MOURA NEVES, Maria H. de. *Antologia de poetas gregos de Homero a Píndaro*. Araraquara: FFCLAr-UNESP. 1976.
- MAY, Larry e KOHN, Jerome. *Hannah Arendt. Twenty Years Later*. Massachusetts: Firt MIT paperback. 1996.
- MASSON, O. "Les noms des esclaves dans la Grèce antique", *Proceedings of the 1971 GIREA Workshop on Slavery*, Besançon, 10-11 mai 1971. Paris: Belles Lettres, 1973.
- MILES, G. *Classical Mythology in English Literature: A Critical Anthology*. British Library: New York. 1999.
- MELE, A. *Esclavage et liberté dans la société mycénienne, Proceedings of the 1973 GIREA Workshop on Slavery*. Besançon 2-3 mai 1973. Paris: Les Belles Lettres, 1976.
- MENEZES, Marilde Loiola de. *Democracia de Assembléia e Democracia de Parlamento: uma breve história das instituições democráticas*. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 12, no 23, jan./abr. 2010.
- MILOVIC, Miroslav. *Filosofia da Comunicação - para uma crítica da modernidade. A modernidade e o prático*. Brasília: Editora Plano. 2002.
- _____. *Pós-modernidade. Modernidade – A questão da racionalidade*. Revista Impulso - Ciências Sociais e humana, vol. 12, n. 29.2001.
- _____. *Política pluralismo e o paradoxo da democracia* Dossiê a vida como amor mundi: Hanna Arendt entre a filosofia e a política Revista

Humanidades, n. 53. 2007.

_____. *A impossibilidade da Democracia*. Revista Compedi. 2007.

_____. *A utopia da diferença*. Revista de filosofia, n. 54. 2007.

MOTT, Luis. *O Lesbianismo no Brasil*. Mercado Aberto. 1987.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cutrix. 2004.

MORROW, G.R. *The Murder of Slaves in Attic Law*. Classical Philology, Vol. 32, No. 3. Jul-1937.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NEGRI, Antonio. *Pour une definition ontologique de la multitude*. Revista Multitudes n.9, Ed. Exils, Paris. 2002.

NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias dos homens*. Rio de Janeiro: Record. 1995.

PERCY III. William Armstrong. *Reconsiderations about Greek Homosexualities*. In *Same-Sex Desire and Love in Greco-Roman Antiquity and in the Classical Tradition of the West*. Binghamton. 2005.

FISHER, Nick. *Aeschines: Against Timarchos, "Introduction"*. Inglaterra: Oxford University Press. 2001.

PEREIRA, Ondina Pena. *O Ethos do Indivíduo Grego e o Êxtase do Sujeito Contemporâneo*. Revista Episteme, Porto Alegre, n. 19, p. 115-137, jul./dez. 2004.

PETERS, Edward. *Inquisition*. New York: The Free Press. 1988.

PETERSEN, Cynthia. *Living Dangerously: Speaking Lesbian, Teaching Law*. Canadian Journal of Women & the Law. 7(2). 1994.

PINHO, Lucia de Fátima Souto. *História da Sexualidade Feminina*. Anais XIII Encontro Estadual de História. Guarabira/PB. 2008.

PLANTAO. *O Banquete*. RS: L&PM. 2010.

PLATAO. *República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1997.

PLATÃO. *Fedro*. trad. Carlos Alberto Nunes, Belém, Universidade Federal do Pará, 1975.

POMIAN. K. *Periodização*. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 29. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda. 1993.

OVÍDIO. *Cartas de Amor: As Heroídes*. Tradução Dunia Marinho Silva. São Paulo: Landy. 2003.

_____. *Cartas de Ovídio, chamadas Heroídes - Tomo II*. Tradutor Miguel do Couto

- Guerreiro. Lisboa. 1906.
- OSBORNE, Robin. *La Grécia Clássica: 500-323 a. c.* Espanha: Oxford Press. 2000.
- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 6. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier. 2002.
- RAUBER, Jaime José. *Filosofia: necessidade de transgressão do pensar bem para o agir bem*. Revista Pragmatéia. Porto Alegre: Núcleo de Educação para o Pensar - NUEP. 2007.
- REIS, J. R. T. *Família, emoção e ideologia*. In: LANE, S. e CODO, W. *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense. 1988.
- RODRIGUES, Nuno Simões. *A mulher na Grécia Antiga*. In *A Mulher na História - Actas dos Colóquios sobre a temática da Mulher*. Moita: Câmara Municipal da Moita / Departamento de Acção Sócio-Cultural. 2001.
- ROBERTSON, M. *The art of vase in classical Athens*. 1995.
- RAVEL, Judith. *Foucault conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz. 2005.
- SANTOS, Raimundo Araújo dos. *Sócrates e o cuidado de si ou a terapêutica da alma*. São Paulo: Revista Prometeus filosofia. Ano 1.n 2 Julho-dezembro. 2008.
- SCARINCI, Silvana Ruffier. *SAFO NOVELLA: a voz da poeta grega reapropriada por Barbara Strozzi (Veneza, 1619 – 1677)*. Revista eletrônica de musicologia. Volume XI - Setembro de 2007.
- SELEM, Maria Célia Orlato. *A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica*. Dissertação (Mestrado Universidade de Brasília) Brasília. 2007.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco e a Participação Feminina em Esparta*. Revista Sæculum - REVISTA DE HISTÓRIA [12]. João Pessoa, jan./ jun. 2005.
- SILVA, Alessandro Soares. *Luta, Resistência e Cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT*. Curitiba: Juruá. 2008.
- SNELL, Bruno. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SOBRINHO, L.P. *Heróides de Ovídio*. Dissertação de mestrado. SP: USP. 1983.
- SPIELVOGE, Jackson. *Historia Universal. Civilizacion de Occidente. Mexico: Cengage Learning*. 2009.
- WARBURTON, Nigel. *Pensamento critico de A a Z uma introdução Filosófica*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2011.
- WALKER, Rebecca. *To Be Real: Telling the Truth and Changing the Face of*

Feminism. Anchor Books. 1995.

WEIGALL, Arthur. *Sappho de Lesbos. Sa vie et son époque*. Paris: Payot. 1951.

WITTIG, Monique. *La pensée straight. Questions feminists*. n. 7, Paris: Tierce, fev. 1980.

YATROMANOLAKIS, D. "*Ritual Poetics in Archaic Lesbos: Contextualizing Genre in Sappho*" *Towards a Ritual Poetics*. Athens. 2003.

WOODARD, Roger D. *Greek dialects*. In: *The Ancient Languages of Europe*, ed. R. D. Woodard, Cambridge: Cambridge University Press. 2008.

WUENSCH, Ana Miriam. *As Mulheres e a Filosofia. Apostila do Curso de Extensão "As Mulheres e a Filosofia III – Existem Filósofas?"* Brasília. 2003.

2. Internet:

AGENCIA BRASIL. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/09/25/materia>>. Acesso em: 13 set. 2011.

AMOR e SEXO. Disponível em: <<http://amoresexo.globo.com/platb/category/creditos/>>. Acesso em: 6 set. 2011.

CLAM. Princípios de Yogyakarta.2006. Disponível em: <http://www.clam.org.br/pdf/principios_de_yogyakarta.pdf>. Acesso em 20 set. 2011.

FASCINIOEGITO. Disponível em: <<http://www.fascinioegito.sh06.com/fatos7.htm>>. Acesso em: 5 set. 2011.

FILHO, Alípio de Sousa. *Foucault: o cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística*. Universidade do Rio Grande do Norte. 2008. p2. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/artigos%20academicos/artigos_pdf/foucault,%20o%20cuidado%20de%20si%20e%20a%20liberdade.pdf>. Acesso em: 6 set. 2011.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/sobre.aspx>>. Acesso em: 8 set. 2011.

HOMOFOBIA. Disponível em: <<http://ex-aequo.web.pt/homofobia.html>>. Acesso em: 13 set. 2011.

HOMOFOBIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homofobia>>. Acesso em: 13 set. 2011.

LEITE, Letícia Batista Rodrigues. *Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e idéias da existência de uma voz feminina: reflexões sobre História, Lingüística e*

Literatura. Dissertação (Mestrado Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) São Paulo, 2009. Disponível em: no site em <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000440584&fd=y>>. Acesso em: 9 abr. 2011.

NOBREGA, Terezinha Patrícia da. *Merleau-Ponty: o filósofo, o corpo e o mundo de toda a gente!* 2007. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/129.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2011.

NAVARO, Tania Swain. *Lesbianismo: identidade ou opção eventual?* Disponível em: <<http://tanianavarroswain.com.br/chapitres/bresil/identidade%20lesbiana.htm>>. Acesso em: 10 set. 2011.

O DIA. Juiz anula casamento gay em Goiás. Disponível em: <http://odia.terra.com.br/portal/brasil/html/2011/6/juiz_anula_casamento_gay_em_goi_as_172325.html>. Acesso em: 6 set. 2011.

O GLOBO. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/07/05/ministro-da-saude-da-india-diz-que-homossexualidade-doenca-924835134.asp#ixzz1SxknAxbI>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

O GLOBO. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2009/12/09/mulheres-homossexuais-sofrem-estupro-corretivo-na-africa-do-sul-915119997.asp>>. Acesso em: 31 jul. 2011.

TOLEDO, Livia Gonsalves. Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade. 2008. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_189.pdf>. Acesso em 13 set. 2011.

WHO. Disponível em: <http://www.who.int/topics/sexual_health/en/>. Acesso em: 6 set. 2011.

WITTIG, Monique. (1978) *“La mente hetero”*, discurso pronunciado en el Congreso Internacional sobre lenguaje moderno. Traducido por primera vez en español por Alejandra Sardá en: Disponível em: <www.lesbianasalavista.com.ar/lamentehetero.html>. Acesso em: 20 out. 2011.

3. Outras Fontes:

CANDIDATO CHAMA PREFEITA DE SAPATÃO, AL. [Fonte: Arquivo do Grupo Gay de Alagoas, Revista Veja, 2000]

DEPUTADO DIZ QUE HOMOSSEXUALISMO É ANOMALIA, DF.[Fonte: Correio Brasiliense, 17-6-2000].

Brasiliense 20-6-2000].

DEPUTADO DIZ QUE HOMOSSEXUALISMO É ANOMALIA, DF. O.[Fonte: Correio Brasiliense, 17-6-2000].

ANEXO
(Princípios de Yogyakarta)